JULIO DANTAS

VIRIATO TRAGICO

SECULO XVII

LISBOA
MANOEL GOMES, EDITOR
LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS
Rua Garrett (Chiado), 70-72

MDCCCC

JULIO DANTAS

VIRIATO TRAGICO

SECULO XVII

«Contentar a todos, ninguem o alcançou; muitos se contentaram com aprazer a muitos.»

Antonio Ferreira — Comedias.

LISBOA
MANOEL GOMES, EDITOR
LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS
Rua Garrett (Chiado), 70-72

MDCCCC

AO GRANDE

PINTOR PORTUGUEZ

COLUMBANO

ESTE

ENSAIO DE PINTURA

HISTORICA

FIGURAS D'ESTA COMEDIA

O RISO (Prologo)................................	*Augusto Rosa*
BRAZ GARCIA MASCARENHAS.............	*Eduardo Brazão*
D. SANCHO MANOEL........................	*Augusto Rosa*
MARCOS GARCIA............................	*João Rosa*
BRISTO..	*A. Antunes*
SAN-VITO......................................	*A. Pinheiro*
GIL BARROCA	*Luiz Pinto*
MEM ROSADO.................................	*Henrique Alves*
VASCO OLEIRO..............................	*João Gil*
1.º PASTOR....................................	*Alfredo Santos*
2.º PASTOR....................................	*Carlos de Oliveira*
3.º PASTOR....................................	*Alvaro Cabral*
4.º PASTOR....................................	*Massas*
MARTIM RUIVO...............................	*Bayard*
O CLERIGO DO MONTANTE................	*Setta da Silva*
UM AMIGO de Braz Garcia....................	*Lagos*
1.º VELHO......................................	*Carlos O'Sullivand*
2.º VELHO......................................	*Antonio Pedro*
3.º VELHO......................................	*Nunes*
UM PAGEM de estrado........................	*Salles*
O SARNENTO..................................	*Oliveira*
O NEGRO..	*Silva*
3.º RUFIÃO....................................	*Salles*
MARIA..	*Rosa Damasceno*
BRAZIA, adéla e cabelleireira...................	*Anna Pereira*
HELENA MADEIRA...........................	*Carolina Falco*
MAGDALENA..................................	*Maria Falcão*
CATHARINA...................................	*Amelia Pereira*
LUZIA..	*Elvira Santos*
MANA BEZERRA.............................	*Jesuina Saraiva*
MANA BRANCA GIL.........................	*Amelia O'Sullivand*
1.ª CIGANA....................................	*Maria Falcão*
2.ª CIGANA....................................	*Amelia Pereira*
3.ª CIGANA....................................	*Palmira Torres*

Pastores, pastoras, serranos e serranas da Estrella,
fidalgos, arcabuzeiros, piqueiros, ciganas, pagens de tocha, trombeteiros,
atabaleiros, homens e mulheres do povo, etc.

SECULO XVII

PROLOGO

O RISO, entrando, ás gargalhadas, vestido d'uma tunica bicolôr constellada de guisos, com seu bírro de grã onde tilinta um cascavél de prata, palheta doirada a reluzir na mão, e fazendo, em esgares de chasco insólente, as tres mesuras classicas:

Pois não sabeis quem sou? Corpo canhêstro e tosco,
Vivo dentro de vós e dou-me bem comvosco!
Heroico e folião, mas doloroso ás vezes,
Sou useiro e veseiro em beiços portuguezes!
Olhae-me bem! Reluz na minha mão crispada,
Como um raio de sol, a palheta doirada;
E a máscara que trago, a tregeitar de troça,
Esta máscara torpe... é a imagem da vossa!
Vêde com que tinído e graça chocarreira
O argenteo cascavél tilinta na gualteira!

Bargantão e boçal, indifferente e charro,
Olhae bem para mim: somos do mesmo barro!
A minha casa é o mundo; a minha voz é o guiso!
Sou a monstruosidade a que se chama Riso, —
O riso que se compra, o riso que se paga!
Retino como a prata e rasgo como a chaga!
Sou eu que a foliar desde epochas já vélhas
Repuxo a vossa bocca á frente das orelhas;
E se de vós me aparto, humanidade brusca,
Compraes-me a peso d'oiro e andaes á minha busca!
Basta olhar-me uma vez: reconhecer-me-heis!
Ante mim são eguaes os mendigos e os reis,
E faço, como a morte, a humanidade egual!
Olhae bem para mim, terra de Portugal!

E agora, que sabeis a raça de folião
Que está comvosco, olhae a transfiguração!
Sou eu, parto da Farça, alma da roindade,
Tão vélho, ou talvez mais, que a vélha humanidade,
Sou eu, irmão da luz e do Lazaro antigo,
Vosso abrigo melhor, vosso melhor amigo,
É o Riso que desce ás tristezas terrenas
Para vir-vos pedir... uma lagrima apenas!

Lagrima por um poeta heroico, apaixonado,
Grenha fulva aloirando o mantéu enrocado,
Forte espada de ferro, á moda portugueza,
Vesada a defender os que não têm defeza,
Lagrima por um poeta ousado, rude e altivo,
Ha muito tempo morto e para sempre vivo,
Poeta do coração, poeta das viellas,
E que fez, como irmão mais novo das estrellas,
O que hoje em Portugal poucos sabem fazer:
—Amar a sua terra e amar uma mulher!

PRIMEIRO ACTO

Um recanto da Lisboa do seculo XVII. Os dois planos da casaria da esquerda e da direita encontram-se, ao fundo, n'um grande arco que abre para a betesga. O arco é largo: tem, ao cimo, na sombra do telheirinho, uma imagem de azulejo com sua luz de azeite, e em baixo, de cada lado, um alveiro de pédra caiada. Na casaria, á E. e á D., paredes de resalto, janellas adufadas, portas estreitas de largo poial, nichos vasíos... Á E. baixa, porta da taverna de *Martim Ruivo:* pequeno telheiro, candeia, ramo de pinho; perto, escabéllos e banca. Á E. alta, porta para as moradas de *mana Bezerra* e *mana Branca Gil*, paredes meias: ao cimo, duas janellinhas de adufa, praticaveis, uma das quaes, a de *mana Bezerra*, fica na ilharga d'um resalto, de modo a afrontar com o espectador. Á D. baixa, a olaria de *Vasco Affonso:* vê-se a roda onde o oleiro trabalha. Sobre um taboado tosco, á porta, potes, cantaros e infusas, que estiveram ao soalheiro. Á D. alta, uma escadinha exterior, dez ou doze degraus de pédra gasta, dando para a morada da *Brazia adéla:* sobre o topo do mainel, taboleiro florido.—Pôr do sol de março.

PRIMEIRO ACTO

SCENA PRIMEIRA

GIL BARROCA, MEM ROSADO, MARTIM,
BEZERRA, BRANCA GIL

Gil Barroca e Mem Rosado, assentados á banca, entre um baralho de cartas e um pichél vasío; mana Bezerra e mana Branca Gil, nas janellinhas de adufa, conversando uma com a outra. Pouco depois, Martim Ruivo.

GIL BARROCA

Pois sempre te digo que as hostarías de Flandres e da Italia teem melhor focinho do que esta! Linda terra, a de Flandres! Por lá matei, esfolei, rufiei e bebi! Sobre tudo, bebi!

BEZERRA, a Branca Gil

É verdade! Aquelle páteo das Arcas parece coio de excommungados! Os cómicos dizem coisas que são d'uma pessôa córar!

MEM ROSADO, agarrando no baralho de cartas

Vae a parsoleta ou o quinze, Gil Barroca?

GIL BARROCA

A parsoleta. É o que eu jógo sempre na horta do Ducado.

BRANCA

Então como se chamava a comédia que lá viu, ó mana Bezerra?

BEZERRA

Faz lá idéa! *Entremez famozo da Infanta Palançona!* Ai que peccados aquellas almas dissé-ram! Quando cheguei a casa resei logo uma ladaínha...

BRANCA

Tambem é muito bom deitar agoa benta nos ouvidos...

BEZERRA

Ah! Isso não fiz...

GIL BARROCA

Dizia San Raymundo que do jogo nascem séte peccados... *(jogando)* Dama!

MARTIM, entrando com o vinho

Um pichél de rosête!

MEM ROSADO, jogando

Rei!

GIL BARROCA

Cá para mim o peor é o vinho...

BRANCA

Antes ouvir um sermão ou qualquer outra coisa santa!

GIL BARROCA

O vinho... e as mulheres!

MEM ROSADO, com desdem

As mulheres! *(jogando)* Quina de páus! Lá diz a chocarrice castelhana... *Buena mula, buena cabra y buena mujer, son tres malas bestias...*

BEZERRA

Sempre gostava de saber quem foi que escre veu aquella amaldiçoada comédia!

BRANCA

A Brazia adéla, que mora ali defronte, talvez saiba...

BEZERRA

Ainda não veio. Quando viér pergunto-lhe.

GIL BARROCA, jogando

Rei d'oiros! Ganhei!

BEZERRA

Ou então, talvez o Martim Ruivo... *(chamando)* Ó Martim Ruivo! De quem é a comédia que hontem se representou no páteo das Arcas?

GIL BARROCA

A Infanta Palançona? Isso, mana Bezerra, já é entremez vélho!

BEZERRA, indignada

Mas quem foi o devasso que o escreveu?

MEM ROSADO

Foi um de nome Simão Machado. Já corre imprésso.

BEZERRA

Ah, já corre imprésso...? Então vou comprar.

BRANCA

Pois quê? A mana Bezerra affligiu-se tanto e quer lêr?

BEZERRA

Já agora... Se elle corre imprésso... Assim como assim, tenho de deitar agoa benta nos ouvidos, deito-a tambem nos olhos...

GIL BARROCA, ás gargalhadas

A beata deu em chocarreira!

BEZERRA

Até logo, mana Branca Gil, que se me queima o capão assado...

BRANCA

Até logo, mana Bezerra.

As duas beatas cerram as adufas

GIL BARROCA

Bôa visinhança tens, Martim Ruivo! Cá no sobrado de cima, duas beatas mexeriqueiras que mexericam de tudo... Ali defronte, a Brazia adéla...

MARTIM

Que tem a filha que tem!

GIL BARROCA

Aquella santa doirada, é verdade... Essa sim, que faz bôa visinhança! *(Ouve-se cantar o Vasco oleiro)* E então ali o Vasco oleiro, que parece que nasceu a cantar do ventre da bandarrinha...!

SCENA SEGUNDA

GIL BARROCA, MEM ROSADO, VASCO OLEIRO

MEM ROSADO, a Vasco oleiro, que assoma á porta cantando e sobraçando um pote de barro

Olá, Vasco oleiro!

VASCO OLEIRO

Olá!
(entoando)

Pastora que ides a monte
Pelo mattinho chorando,
Vae-vos o gado mingoando...

GIL BARROCA

Tirou o torno ao gargueiro! Raios o partam!

MEM ROSADO, ao oleiro

Isso é villancete do Braz Garcia?

VASCO OLEIRO, deitando um olhado de rancor a Gil Barroca, por sobre o hombro

Os homens são como os potes de barro... Quando a gente os faz falar... *(batendo com os nós dos dedos no bojo do cantaro)*... é que vê de que raça elles são!

GIL BARROCA, voltando-se, brusco

Que estás tu para ahi a rosmear, ó meu alma de cantaro?

VASCO OLEIRO

Nada. É com os potes.

GIL BARROCA

Quem eu te quero á perna é o Braz Garcia, se dás em lhe errar os versos do villancete...

MEM ROSADO

Isso é que elle não perdôa a ninguem!

GIL BARROCA

Bate-te a solfa nas costas!

VASCO OLEIRO, a Gil Barroca

A ti é que eu t'o quero á perna se ateimas em embicar cá para cima, para a filha da Brazia... E olha que se o Braz Garcia te põe mão, deslomba-te!

GIL BARROCA, levando a mão á espada

Antes que elle me deslombe te hei de eu metter esta pelas guelas abaixo, barzoneiro, a vêr de que barro és feito!

VASCO OLEIRO, recolhendo-se na loja

Enganas-te. Cá o meu não é amassado com vinho...

SCENA TERCEIRA

GIL BARROCA, MEM ROSADO, MARTIM RUIVO, SAN-VITO

SAN-VITO, entrando, n'um andar bailado, em tregeitos e em esgáres

Alviçaras! Alviçaras!

MARTIM

Olha o San-Vito!

MEM ROSADO

Alviçaras porquê, San-Vito?

SAN-VITO

Já temos novo governador da Beira!

MEM ROSADO

Quem é?

GIL BARROCA, a San-Vito

Desempérra essa lingoa!

SAN-VITO

Fernão Telles de Menezes!

MEM ROSADO

Este sim, que é d'antes quebrar que torcer!

SAN-VITO

Vae com elle, por méstre de campo d'um terço, sabeis quem?

GIL BARROCA

Dize lá!

SAN-VITO

O senhor D. Sancho Manoel!

GIL BARROCA

Ah! D. Sancho Manoel...? Bem sei. Conheci-o em Flandres!

MEM ROSADO

Dizem que é valente e de bôa sombra!

MARTIM

Os castelhanos hão de amostrar-lhe as sólas dos pés!

GIL BARROCA, fanfarrão

É cá dos meus. Séte légoas de bojo, poucos escrupulos, enganador, sabendo dar bem um mão-dóbre e um altabaixo, bigode açafroado, grandes ligas com pontas d'oiro, guedelha enorme sobre o mantéu flamengo, e chegado a mulheres que tem diabo! Honra de moça virgem ao pé d'elle, não ha nenhuma que não québre... Tal qual como ali os potes do Vasco oleiro, que mal a gente lhes põe mão... racham logo!

VASCO OLEIRO, da soleira da porta

Tinhoso!

SAN-VITO, com o nariz para a portinha da Brazia, chamando

Mana Brazia! Ó mana Brazia!

MARTIM

Que estás tu a barregar, homem! Ainda não veio.

GIL BARROCA

Que é que tu queres á Brazia adéla?

SAN-VITO, mysterioso

São coisas cá da gente os dois...

GIL BARROCA

Sempre me sahiste um alcovêta...!

MEM ROSADO

Isso é recadinho, hein?

MARTIM, tambem a San-Vito

Deixa-te ahi estar, se queres. A Brazia não tarda. Ella e mais a filha.

SAN-VITO, assentando-se n'um escabéllo

A filha! Aquillo é que é uma líndêza de moça!

MARTIM

Não as ha mais lindas por terras de Portugal!

SAN-VITO

Ha de ter um corpo doiradinho, de fazer uma pessôa...

GIL BARROCA

Tu tambem entendes d'isso, San-Vito?

SAN-VITO

De fazer uma pessôa... chorar!

MEM ROSADO

O que espanta é que a Brazia tenha guardado honrada a filha...

MARTIM

Quer-lhe mais do que aos olhos da cara!

GIL BARROCA

Quem apanha aquelle amorsinho é o Braz Garcia...

MEM ROSADO, desdenhoso

O poeta!

GIL BARROCA, em ar de mofa

Trata-a então de grande dona... É logo risinho na bocca e sombreiro ao largo... Parece que véste de sêda as palavras que lhe diz...

San-Vito vae até junto do arco, a espreitar

MEM ROSADO

Traz casamento concertado com ella...

GIL BARROCA

A filha de uma alcoviteira...!

MARTIM

Mas o certo é, que é honrada!

MEM ROSADO

E depois, cioso... Aquella noite em que elle deu nos cinco rascões que lhe estavam a musiquiar debaixo da janella da menina...

GIL BARROCA

Bem no sei. Eu vi... de longe. Não quiz ser dianteiro, para resguardo das queixadas.

MEM ROSADO

Só com duas trêtas d'unhas acima e tres zurzidos, deu n'elles que os deixou a escorrer sangue... A todos cinco!

MARTIM

Valente como um tronco, lá isso é... E poeta de feição!

MEM ROSADO, a Gil Barroca

Acautela-te. Poucos olhados lá para cima. Com o Braz Garcia não se brinca. É serrano, tamanhou-

ço e do mais fidalgo sangue. Peor é cubiçar-lhe a moça do que errar-lhe os versos do villancete, como o Vasco oleiro... Assim como assim, a filha da Brazia já ninguem lh'a tira...

SAN-VITO, que tem sahido á betesga, voltando e ouvindo as ultimas palavras de Mem Rosado

Isso agora...!

MEM ROSADO

Isso agora o quê, San-Vito?

SAN-VITO

Isso agora é o que nós havemos de vêr!

GIL BARROCA, a Mem Rosado

Que diz elle...?

MARTIM, junto do arco do fundo, olhando

Lá vem a Brazia adéla, mais a filha...

SAN-VITO, indo espreitar

E é que são!

MARTIM, olhando ainda

Como a mocinha vem linda, com o seu garavim de fio d'oiro na cabeça! *(falando para fóra)* Eh, mana Brazia! Tem por cá quem na busque!

SCENA QUARTA

OS MESMOS, MARIA, BRAZIA

BRAZIA, entrando, muito enfadada, com as mãos a agarrar nas ilhargas da saia

Ora, ora! Estas poças da betesga! *(n'outro tom)* Quem me busca? *(regaçada, olhando a saia)* Toda suja de lama, uma saia golpeada de mosqueta que me tinha custado cem cruzados! Ora, ora! *(lobregando San-Vito)* Ah! És tu? Dou-te a San Sadorninho, que já me enfadas! Dize-lhe que não, que não e que não! Ouviste? Uma moça formosa é um visco de ociosos. Todos se apégam a ella. Que não, que não e que não! — E vae-te, não me tentes!

SAN-VITO

Mas, mana Brazia... Era só...

BRAZIA, atalhando, arrenegada

Vae-te, não me tentes!

MARIA, que traz um açafatesinho sobraçado

Venha, mãe... Deixe-o lá...

MARTIM

Não se amofine, mana Brazia, que envelhece.

BRAZIA

Sempre este varas-verdes a tremer diante de mim! Até faz afflicção!

GIL BARROCA, com a mão sobre o hombro de Mem Rosado, olhando Maria

A graça do andar, o rostinho...

MEM ROSADO

E os beiços, que parecem borlantins de Italia...

BRAZIA

Que dia, Jesus, que dia! Nos tempos d'agora já se não póde ser adéla nem cabelleireira. Chega-me ahi um escabéllo, ó Martim Ruivo... *(Martim chega-lhe o escabéllo; Brazia assenta-se; Maria desce até á D. baixa, a falar com Vasco oleiro)* Tão pechosas, estas donas ricas! A condessa de Villa Nova, então! Desde que pegou a moda dos signaesinhos á franceza, já quer um signalsinho aqui, outro signalsinho ali, outro signalsinho acolá, agora um na face, logo outro n'um peito... E a marqueza de Ferreira! Aquillo não é andar vestida, senão revestida! Parece Fama de procissão! Jesus!

MARTIM

Os tempos vão mudados.

BRAZIA

É um nunca acabar! Dou em hectica! São todas Brazia para aqui, Brazia para acolá... Esta pelas agoas de rosto, aquella pelos sapatinhos d'ambar... E as que teem pano? É estar todo o dia a alimpar-lhes a cara com vidro! Jesus! Jesus! *(dando outra vez por San-Vito, que ateima em lhe falar)* Ainda tu ahi estás? Vae-te, diabo, vae-te, não me tentes!

SAN-VITO

Mas, mana Brazia... É só dizer...

Brazia repelle-o e fala com Martim Ruivo

GIL BARROCA, olhando Maria

O geitinho que ella tem na bocca...

MEM ROSADO

Mesmo um rostinho de tauxía!

VASCO OLEIRO, a Maria, que tem pousado o açafate sobre o mainél

Foi má a venda?

MARIA

Tres dixes d'oiro, que não mais, e uns sapatos de Valença com sóla de verdete... Elle ainda não veio?

VASCO OLEIRO

O senhor Braz Garcia...? Ainda não. Mas não deve de tardar.

GIL BARROCA

Sempre era recadinho, hein, San-Vito?

SAN-VITO

E segredo.

MEM ROSADO

Da parte de quem vens?

SAN-VITO

É segredo.

GIL BARROCA, empurrando-o

Vae-te com os teus segredos, bailão!

BRAZIA, a Martim Ruivo

...E então sobrancelhas com linha! Faço duzias! Parece que todas teem as sobrancelhas comidas, aquellas rainhas Pantasiléas!

MARIA

Eu vou subindo, mãe...

BRAZIA

Vae. Eu tambem já vou indo, filha.

GIL BARROCA, com galanteria affectadissima, para Maria que se afasta

Tenho corrido terras, andado por Flandres e por Italia, e nunca vi, nem nas santas pintadas, rostinho que mais devoção me fizésse...

MARIA, copiando, n'uma mesura graciosa, a affectação de Gil Barroca

Mercês...

MEM ROSADO, agarrando Gil Barroca

Olha se o Braz Garcia te desanca! A tua espada não vale uma canna de esfolinhar, ao pé da d'elle...

Vasco oleiro volta a cantar o villancete; Maria concerta o açafate e vae subindo a escada, de vagar.

SAN-VITO

Mana Brazia, então...?

BRAZIA

Valham-me as onze mil virgens! Mas que queres tu que eu te diga, amaldiçoado?

SAN-VITO

Eu é que lhe quero dizer...

BRAZIA

O quê?

SAN-VITO, arrastando-a para o fundo

Ha de ser á esconsa... O senhor D. Sancho Manoel... *(perdem-se as palavras)*

MARIA, que ouve o oleiro retomar a cantiga, vae subindo e cantando com elle a «volta» do villancete:

Por esse monte cançado
Já dois rebanhos levades:
O maior é de saudades,
O mais pequeno, de gado...

GIL BARROCA, a Mem Rosado, apontando Brazia e San-Vito

Aos segredinhos...

MARIA, suspendendo, ao ouvir Vasco oleiro estropiar os versos e parando no topo da escadinha

Não... Não é assim, Vasco Affonso... Elle tem-te ensinado tanta vez... *(repetindo)* «O maior é de saudades, o mais pequeno de gado...» Se te ouvisse errar os versos, enfadava-se comtigo...

VASCO OLEIRO

Tenho tão má retentiva...

Maria entra em casa; Vasco Affonso, na olaria; Brazia e San-Vito descem, segredando. Gil Barroca e Mem Rosado olham, ora os dois que segredam, ora Maria que vae a recolher-se.

BRAZIA, a San-Vito

Então, que o espére aqui em baixo ao dar das Avé-Marias, não é verdade?

SAN-VITO

Hão de estar quasi dando...

BRAZIA

Bom. Cá o espéro até ás Avé-Marias. Mas a minha resposta é sempre a mesma: que não, que não e que não.

SAN-VITO, sahindo, a correr, pelo fundo

Isso agora é lá com elle!

SCENA QUINTA

OS MESMOS, menos MARIA e SAN-VITO

GIL BARROCA, perseguindo San-Vito

San-Vito! Ó San-Vito! *(voltando)* Levou sumiço.

BRAZIA

Deixae-o lá.

MEM ROSADO

Então, mana Brazia, de quem era o recadinho?

BRAZIA

Coisas do mundo. Vão os tempos avêssos ás honestas. Não sei de fidalgo aprendiz que em se topando vestido á biscaínha, cheiroso e com muitos dobrões na algibeira sem os ter grangeado, não levante os olhos mal levantados para a virtude.

GIL BARROCA, a Mem Rosado

Fala como honrada, a Brazia alcoviteira!

BRAZIA

Se a cachopinha fôsse torta ou charra, já não acontecia isto. Eu bem lhe digo sempre que ao sahir deixe o riso em casa. E ella é sisudinha e de muito recato... *(com gravidade cómica)* Estou em dizer que este desvergonhamento de más tenções vem de se lerem muito por ahi esses livros que se chamam de cavallarias. Das filhas d'uma estalajadeira sei eu, que dois dias depois de terem lido uma d'essas peçonhas, fugiram todas tres de casa, cada uma com o seu galante!

MEM ROSADO

Elles o que querem é vêr se lhe apanham a mocinha, mana Brazia.

GIL BARROCA

E são muitos, hein? São muitos?

BRAZIA

Como os cabellos da cabeça! Mas não sabem no que se mettem. Eu um dia tiro-me dos meus cuidados, digo ao senhor Braz Garcia, e então lá se avenham todos com elle. É ahi sangue por essas ruas, que se acaba o mundo!

GIL BARROCA, com certa afflicção

Não faça isso, mana Brazia... Não faça isso...

MEM ROSADO

E quem são elles, os rascótes?

BRAZIA

São muitos! Mas ha um, o peor de todos, que esse é que fia mais fino! *(assobia)* Tem grande poder e seus geitos no paço... Todos se descobrem diante d'elle...

MEM ROSADO

E é galante?

BRAZIA

Como séte mil oiros!

GIL BARROCA

Quem é?

MEM ROSADO

Como se chama?

Batem Avé-Marias na Sé. D. Sancho Manoel apparece ao fundo, junto do arco, com máscara e rebuço.

BRAZIA

Avé-Marias... É a hora... *(voltando-se e dando de cara com D. Sancho Manoel)* Ah!

GIL BARROCA, baixo, a Mem Rosado

Ecce homo!

MEM ROSADO

De máscara... — Chut!

BRAZIA, benzendo-se

Nossa Senhora me ajude.

SCENA SEXTA

OS MESMOS, D. SANCHO MANOEL

SANCHO, com um aceno

Brazia!

BRAZIA

Senhor D. Sancho Manoel...

SANCHO, com voz abafada e sacudida

Parto amanhã para a Beira, por méstre de campo d'um terço. Quero leval-a commigo. Dou-te dois mil cruzados.

BRAZIA, afflicta

Jesus! Má sarna me dê n'esta hora, se eu algum dia cuidei de vender a minha filha, senhor D. Sancho Manoel... Quero-lhe muito, criei-a com muito amor... Não... Não...

SANCHO

Não a vendes?

BRAZIA

Não foi para a vender que a trouxe tão mimosa desde as mantilhas e do leite das amas, que fiz d'ella uma paschoasinha florída... Não se maltrata assim a virtude, senhor D. Sancho Manoel...

SANCHO

Coisa de pouco preço é a virtude. Não achas quem te dê por ella um pucaro d'agoa... E eu dou te dois mil cruzados.

BRAZIA

Pelo corpo de San Roque! Era vender a luz do dia!

SANCHO

Queres mais dinheiro, cabra?

BRAZIA

Não porfieis, que a não vendo. *(Fazendo um esforço sobre si, chasqueando e piscando-lhe o olho)* Eu entendo o que quereis. Aquellas noites da Beira hão de ser de enregelar os tutanos da gente... Bem vos entendo. Não gostaes de entrar em cama fria e quereis um corpinho d'oiro que vol-a aqueça primeiro... Ah! ah! Eu sei, eu sei... Ha ali uma muchacha que dá por Brites de Miracégo... Rebochudinha... *(lambendo os beiços)* e com uns olhos de tentar a Santo Antão... Se quereis, eu lhe falo...

SANCHO

Não. Quero a tua filha.

BRAZIA

Sei d'uma outra que dá por Tareja Longa... Ainda horto cerradinho... Toda bem estreada... Se quereis, falo-lhe tambem.

SANCHO

Mas se eu te digo que quero a tua filha, emboladeira! Que estás tu a metter-me outras á cara...? Eu não venho pelas outras, venho pela tua filha!

BRAZIA, descoroçoada

Valha-me San Cirilo... Mas eu não posso vender a minha filha! Quero-lhe muito, senhor D. Sancho Manoel...

SANCHO

Tu, que eras capaz de vender Christo, porque não vendes esta como tens vendido as outras? Dize, minha trota-conventos! Porque a não vendes tambem?

BRAZIA, passando outra vez da commoção ao chasco, da mãe á alcoviteira

Não quereis então que fale á Brites de Miracégo? Olhae que tem uns lindos olhos pardos...

SANCHO, *estortegando-a*

Alcovêta desvergonhada!

BRAZIA, *surdamente*

Por piedade... Que me estortegaes!

BEZERRA, *erguendo a adufa, para Branca Gil, que tambem espreita*

Um mascarado...

BRANCA

Que será?

GIL BARROCA, *a Mem Rosado*

Não oiço nada...

SANCHO

Dou-te tres mil cruzados. Escólhe. Ou a vendes, ou te mando açoitar e te ponho enxaravía. Depois, o Brazil é bôa terra para degredo de alcoviteiras. Escólhe. E não aquédes para ahi a coínchar nem a rosmear melindres de honesta, porque honestidade e virtude não valem a palha de um palheiro.

BRAZIA

Mas eu sou mãe, não posso vender a minha filha! Quero-lhe muito...

SANCHO

Quando tiver escurecido mais, volto por aqui e trago certa cadeirinha forrada de brocado razo e useira n'estes passos, onde a nossa paschoasinha florída possa ir em bom agazalho. Adeus.

BRAZIA

Mas eu sempre falo á Brites de Miracégo... Olhae que tem uns lindos olhos pardos...

SANCHO, já ao fundo

Adeus!

Sáe, ajustando o rebuço.

BEZERRA, na janella

Lá se vae embora...

GIL BARROCA, a Mem Rosado

Não ouvi nada!

MEM ROSADO

Nem eu!

GIL BARROCA

Mas era elle...

MEM ROSADO

Bigóde açafroado...

GIL BARROCA

Guedelha ruiva sobre o mantéu flamengo...

MEM ROSADO

Então quem era o galante, mana Brazia?

BRAZIA, seccamente, acabrunhada

Deixae-me!

GIL BARROCA

Talvez tire a máscara lá fóra... Vamos vêr...

MEM ROSADO

Mas é elle, é D. Sancho Manoel!

GIL BARROCA

Olá se é!

Sahem os dois.

SCENA SETIMA

BRAZIA, MARTIM, BEZERRA, BRANCA

MARTIM, que tem estado á porta da taverna, achegando-se a Brazia e batendo-lhe no hombro

Tudo se paga n'este mundo, mana Brazia!

BRAZIA, que se tinha assentado sobre um escabéllo, acabrunhada, erguendo-se agora n'um repente de furia

Um barbiruivo d'aquelles! Mofateiro, engana-

dor, excommungado! Aquella filha, que é a luz dos meus olhos! Vendêl-a! Eu! *(com rancor)* Má sarna o coma!

BEZERRA, da janella

Que desgraça lhe aconteceu, mana Brazia?

BRAZIA

É... *(ápar:e)* Bisbilhoteiras! *(disfarçando)* É que me deu aqui uma dôr...

BRANCA

Uma dôr! A coitada!

BEZERRA

Isso ha de ser sciática. Ouvi dizer que é muito bom cinza de unha de jumentinha branca, desfeita em vinagre, esfregar com ella o pousadeiro e accender tres lumes a Nossa Senhora...

BRAZIA

Já ouvi dizer que era bom, já, mana Bezerra...

BRANCA, cerrando a adufa

Deus lhe dê melhoras.

BEZERRA

Não esqueçam os lumes a Nossa Senhora... Senão, fica o remédio sem virtude.

BRAZIA

Não esquecem, não, mana Bezerra. *(Vendo-a cerrar a adufa)* Bisbilhoteiras! *(levantando se do escabéllo)* Ah! se o senhor Braz Garcia viésse, descançava eu... D'aqui a nada está ahi aquelle maldito com a cadeirinha...

MARTIM

O senhor Braz Garcia não ha de tardar, mana Brazia; socegue.

BRAZIA

Minha rica filha! *(encaminhando-se para casa)* Vou por ella, a vêr o que ella diz...

MARTIM

E não se amofine. O diabo não é tão feio como o pintam!

Brazia sóbe a escada e entra em casa.

BEZERRA, que ficára a espreitar por detraz da rótula, abrindo-a mal vê sahir Brazia

Que mascarado era aquelle, ó Martim Ruivo?

MARTIM, aborrecido

Era o Préste João das Indias!

BEZERRA, indignada, tornando a cerrar a rótula

Olhae não vos cahisse um dentinho!

MARTIM

O raio da beata!

SCENA OITAVA

BRAZ GARCIA, VASCO OLEIRO, MARTIM RUIVO, AMIGOS de Braz Garcia

BRAZ, entrando pelo fundo, seguido de amigos que o escutam

É tenção formada, amigos! Deixo a minha alma por cá, no mais lindo corpo que tem descido das estrellas á terra, e por ahi me vou de longada até essa Beira fragosa, a esganar lobos e castelhanos! Não quero que a minha espada pragueje de mim ou diga que me adamei n'algum regaço. Aquelles de vós que me quizerem seguir pela lomba da serra, seguir-me-hão!

OS AMIGOS

Todos nós! — Todos nós, Braz Garcia!

Ouve-se cantar o Vasco oleiro, estropiando outra vez os versos todos.

BRAZ

Chut! O Vasco oleiro a errar-me os versos do villancete! *(arrancando da espada)* Espéra lá! *(Pé ante pé, vae até ao soalhado e québra-lhe tres potes)*

VASCO OLEIRO, acudindo á porta, a arrepelar os cabellos

Senhor Braz Garcia, que me desgraçaes! Por piedade! Que mal vos fiz eu?

BRAZ, com serenidade cómica

Québras-me os versos, québro-te os potes!

OS AMIGOS, rindo

Ah! ah! ah!—O Vasco oleiro! — Ateimas em cantar!

VASCO OLEIRO

Valha-me Nossa Senhora! É a minha má retentiva...!

BRAZ, atirando-lhe uma moeda

Tóma!

VASCO OLEIRO

Uma moeda d'oiro!

BRAZ

Ficam meus todos os potes da olaria!

VASCO OLEIRO

Mais que fossem, estavam pagos e repagos!

BRAZ

E lá vae este meu alvará, amigos! *(com largo gesto e gravidade chocarreira)* Alvará pelo qual eu, Braz Garcia Mascarenhas, dou a Vasco Affonso, oleiro n'esta cidade de Lisboa, o direito de ser elle o unico homem que em terras de Portugal me pode errar os versos... sem que eu lhe québre as costéllas!

VASCO OLEIRO, commovido

Mercês, senhor Braz Garcia! Mercês!

BRAZ, aos amigos

E agora, nós! É tenção minha formada o ir por essa beira da serra, que é a propria Beira, onde nasci e vi a luz do dia, juntar a mim trinta pastores, d'esses que em pequeno folgavam commigo pelo mais agro dos fraguedos, e com elles e comvosco, defender da cobiça castelhana a casa de meus paes e a minha terra! Diz-me o coração que hei de ser lá preciso. E com esse punhado de gente silvestre, boieiros e pastores, rijos como tron-

cos e puros como o sol, imitar Viriato na serra, trazer como elle monteira d'urso e alparca javalina, vestir os membros de pelles ásperas, porque opprimida a robusteza cresce, brandir a um tempo a clava e a espada, e ser por essas brenhas inaccessiveis, por essa espessura brava, como foi Viriato, principe de pastores e rei d'ovelhas! *(dando com os olhos em Maria, que tem estado a ouvil-o do topo da escada)* Ah! *(léva a mão ao sombreiro de castor, descobre-se, e voltando-se bruscamente para os amigos)* Ha ali dentro, meus amigos, umas excellentes mesas e bebe-se um bom claro-rosete... Bem vêem... A galanteria portugueza... *(empurrando-os para dentro da taverna e chamando)* Olá, Martim Ruivo!

OS AMIGOS, saudando e sahindo

É preciosa! — É linda! — Parece uma santa...

MARTIM, para os amigos de Braz, levando-os

Aqui dentro.

SCENA NONA

BRAZ, MARIA

MARIA

É quando mais preciso de vós, que vos apartaes de mim!

BRAZ

Eu...? Bem vês... O coração é como um tronco d'arvore, cria raízes na terra onde nasce... Eu quero tanto á minha terra!

MARIA, magoada

E a mim... tão pouco!

BRAZ

Porquê, tão pouco, se as minhas palavras, quando falo comtigo, cahem todas de joelhos diante de ti? Porquê, tão pouco, se todos os dias réso ao teu nome de Maria...? *(Fala-lhe com crescente devoção, emquanto ella vem descendo)* É lenda muito velha a d'um frade, que por devoto a Nossa Senhora resava cada dia cinco psalmos que principiavam pelas cinco lettras do nome de Maria... Quando morreu e o foram a enterrar, viram, por milagre da Virgem, que um rosal de cinco rosas lhe abríra na

bocca... Eu, que todos os dias réso, como o frade, ao teu nome de Maria, vê lá, meu amor, se tambem me não terá nascido na bocca um rosal de cinco rosas?

MARIA, que tem descido e está junto de Braz, olhando-lhe a bocca

Ainda não... Mas não vos tireis de ao pé de mim, a vêr se elle nasce... Falaveis em ir para tão longe... Que mal vos fiz? Não cuidaes em que me fico morta de saudades?

BRAZ

Sabe Deus, se as lévo tambem!

MARIA

A dôr da saudade, quem mais a soffre são as mulheres... Sou eu... Porque vos apartaes de mim?

BRAZ

Tenho o coração repartido em tres pedaços... Por ti, por Deus, e pela minha terra. Ás vezes, quando me ponho a cuidar nos meus tres amores, parece que sinto tres pedaços do sol accesos no peito... Como hei de eu dar a um só amor o que é tambem dos outros? Como hei

de eu quedar-me adormecido no teu regaço, se a minha espada é precisa á terra onde nasci?

MARIA

A terra não tem coração nem saudades... E eu tenho...

BRAZ

Deus sabe, se a terra tem coração!

MARIA, com lagrimas nos olhos

E se algum perigo me ameaçasse, por má ventura...? Partirieis tambem?

BRAZ,

Algum perigo... ?

MARIA

Algum lastimoso passo... Perseguem-me tanto...!

BRAZ

Mas quem te persegue, por Deus! Que lagrimas são essas...? Fala!

MARIA, com a voz embargada

Não posso... Não posso... *(cáe sobre um escabéllo, chorando)*

BRAZ, com inquietação crescente

Mas que é isto...?

SCENA DECIMA

OS MESMOS, BRAZIA

BRAZIA, que tem ouvido da porta as ultimas palavras d'ambos, descendo

Ai, senhor Braz Garcia!

BRAZ

Que lagrimas são estas, Brazia?

BRAZIA

Estava morrendo porque chegásseis... Minha rica filha! Não ha rufianaz que a não moléste com requébros indecentes... Este ao regaçar da saia, aquelle ao geitinho da bocca, para este é santa doirada, para aquelle é tentaçãosinha... Quando vos enxérgam por aqui, não dizem nada... Teem-vos medo... Mas por essas ruas, Jesus! Faço ás vezes de chocarreira, e Deus sabe o que por cá vae!

BRAZ

Mas que foi? Dize, por Deus!

BRAZIA

O peor são uns dons galantes com fumos de senhores, compridos de grande riqueza, que

engaram em querer comprar-me a filha como se todo o dinheiro do mundo a pagasse! Já a Brazia, porque é a Brazia, não pode ter filha honrada!

BRAZ

Mas quem são esses galantes? Quero saber o nome d'elles, ouviste? De todos! Sem faltar nenhum!

BRAZIA

Depois de muito porfiar, alguns teem-me deixado a porta... Mas ha um, que nem por decreto! Um barbiruivo de guedelha apolvilhada e gibão todo aos recâmos d'oiro, que de mal assombrado até dá vontade de remangar do chapim... e dar-lhe com elle!

BRAZ, rude

E como se chama?

BRAZIA

Chama-se... *(hesitando)* Não sei se...

BRAZ

Dize!

BRAZIA

D. Sancho Manoel...

BRAZ

D. Sancho Manoel...? Conheço de nome!

BRAZIA

Ainda agora aqui esteve, ao dar das Avé-Marias...

BRAZ

Aqui?

BRAZIA

Por mais que fizesse, por mais que lhe dissesse, não lhe tirei do sentido a roim tenção...

BRAZ

Mas não lhe disseste que a tua filha tinha casamento concertado commigo?

BRAZIA, lembrando-se

Ah! É verdade... Esqueci-me. Mas pedi-lhe por amor de Deus que me deixasse... Ameaçou-me com a enxaravía e o degredo... E por fim...

BRAZ

Acaba!

BRAZIA

Por fim, lá regougou que ao anoitar, agora, havia de vir buscal-a n'uma cadeirinha rica... O desalmado!

BRAZ, com alegria selvagem

Ah! Vem aqui? E tu calada com isso! Encontrar-nos-hemos face a face! Ficará tudo resolvido!

MARIA, cheia de susto, levantando-se do escabéllo

Oh! meu Deus!

BRAZ, a Maria

Socega, luz dos meus olhos... Tu não vês que estou tão sereno...?

BRAZIA

Já vou desesperando de a poder guardar, senhor Braz Garcia... Agora, então, que vos quereis partir para tão longe... Que vae ser d'ella e de mim! Se em alguma parte ao menos a tivesse segura, ainda que morresse de saudades...

BRAZ, como quem pensa

Segura...?

BRAZIA

Longe da maldade do mundo... Coisa que muitos desejam é tão roim de guardar!

BRAZ

Não estará ella segura em plena serra, como filha, na casa de meus paes?

MARIA, para Braz Garcia, encantada

Ah! *(abraçando Brazia)* Minha rica mãe!

BRAZ

Sabes que lhe quero, Brazia, como á luz do dia! Que nada de mais santo ha para mim no mundo do que a sua guarda, se m'a confiarem. Guardal-a-hei, sagradamente, de todos... e de mim!

BRAZIA, commovida

Queres, minha filha...?

MARIA

Minha querida mãe!

BRAZIA

Lá muito longe, onde não chega a maldade... Queres...?

MARIA, sorrindo a Braz e abraçando commovidamente a mãe

Se é para meu bem, que vou...

BRAZIA, com a voz cortada de lagrimas, e ao mesmo tempo muito alegre

Minha rica filha... Minha rica filha...!

BRAZ, enternecido, olhando o abraço das duas

E é esta a Brazia chocarreira que toda a gente conhece!

Ouve-se rumor fóra, na betesga. Pandeiros, gritos, risos.

BRAZIA, assustada

Que é isto...?

MARIA

Meu Deus!

BRAZ, indo até junto do arco a vêr o que é, e voltando

Um bailo de ciganas. É mais prudente subir.

Brazia e Maria sobem a escada e entram em casa.

SCENA DECIMA PRIMEIRA

BRAZ, BRISTO, VASCO OLEIRO, GIL BARROCA,
MEM ROSADO, MARTIM RUIVO, AMIGOS
de Braz Garcia, CIGANAS, e nas janellinhas de adufa
manas BEZERRA e BRANCA GIL

1.º AMIGO, assomando á porta da taverna

Vinde vêr!

VASCO OLEIRO, indo até junto do arco, a olhar

São ciganas bailando!

BEZERRA, da janellinha

Abrenuncio! São ciganas!

BRANCA

Péste de gente! Vou já accender o meu oratorio!

MARTIM, para as ciganas, que veem entrando

Cá não se querem bailos!

BRAZ, a Martim

Deixae-as entrar!

1.ª CIGANA, entrando, com as outras

Dadnuz limuzna pur la amur de Diuz!

Ciganas, amigos de Braz Garcia e povo misturam-se.

BEZERRA, a Branca Gil

Cégam os filhos acinte, para os lançar a pedir!

BRANCA

E roubam... E fazem feitiçarías...!

BEZERRA

E desinquietam mulheres!

BRANCA

Crédo!

2.ª CIGANA, pedindo, ás velhas

Dadnuz limuzna, esmeraldaz polidaz!

VASCO OLEIRO

Que falar de geringonça!

1.ª CIGANA, para as velhas

Señuraz hermozas!

BEZERRA, para as ciganas, furiosa

Má cainça vos coma!

As duas beatas cérram as adufas.

GIL BARROCA e MEM ROSADO, arrastando no meio d'elles Bristo, com um pandeiro na mão e guizos nos artelhos

Vêde quem aqui vem! O Bristo!

BRISTO, commovendo-se, ao vêr Braz Garcia

Ah! Senhor Braz Garcia...!

BRAZ, abraçando-o, muito alegre

Bristo! Meu tonto, meu amigo...! Tu por aqui?

BRISTO, cantando, tangendo o pandeiro e bailando

Ai, sei bailar de terreiro,
Despedaçar um pandeiro,
Dar uma volta no ar...

MEM ROSADO

O rei dos alcayotes!

BRAZ

Mas quem te trouxe de Coimbra? Quem te botou a andar com ciganas?

BRISTO

A fome!

2.ª CIGANA, lendo a buena-dicha a um dos amigos de Braz

Buena-dicha, perla fina, tienez la ventura buena...

BRAZ, a Bristo

Então deixaste o officio...?

BRISTO

Era má praga para mim! Desde que me botei a alcayote, as mulheres entraram todas a ser honradas... Não ganhei para comer!

GIL BARROCA

Ganhaste a alcunha de Bristo!

BRAZ

Por se lembrarem, em Coimbra, do *Bristo* de Ferreira...

1.ª CIGANA, a um amigo de Braz

Dadme una saya, señur preciuzo...

BRISTO

Depois fiz chagas fingidas para mendigos... E com essa maldade, ganhei algum dinheiro.

VASCO OLEIRO, á 2.ª cigana

Venha de lá essa corriola! *(amostrando-lhe a moeda d'oiro)* Hoje estou rico!

2.ª CIGANA, pondo o ponteiro na correia e enrolando-a

Venid al juego, señurez!

BRISTO

E agora ajuntei-me a estas ciganas e bailo de terreiro com ellas... É a desgraça que obriga!

VASCO OLEIRO, coçando na cabeça

Perdi!

BRISTO

E á fé que bailo tão bem, que hão de cuidar que nasci tamborileiro!

Bailando e tangendo

Ai, despedaço um pandeiro,
Dou uma volta no ar...!

(Aquedando, de subito) A fome... o frio...

MEM ROSADO, olhando Braz, que está commovido

Lagrimas nos olhos, Braz Garcia?

BRAZ

Os humildes enternecem-me muito... Faz-me maior dôr d'alma esta alegria do que todas as tristezas... Pobre, pobre Bristo!

1.ª CIGANA, a uma mulher do povo

Hermozura de Esmerinda, muestrame la mano!

BRAZ, fazendo um esforço sobre si

Mas deixemos isso! Por Deus, toca a bailar de terreiro com toda a ciganada! O mais lindo bailo que trouxérem! *(ao ouvido de Bristo)* Emquanto eu viver, nunca mais terás fome!

BRISTO, commovido tambem

Senhor!

BRAZ

Vamos!

BRISTO, para as ciganas

Eh! Vá um bailo de terreiro!

BEZERRA, que reapparece á janella, vendo assomar tambem Branca Gil

Mana Branca Gil... Já accendeu as vélas do oratorio?

BRANCA

Já!

BEZERRA, indignada

E então vem para a janella em vez de ir resar? Mãe Santissima!

BRANCA

Já agora, mana Bezerra, depois de ter visto as ciganas...

BRISTO, dispondo as ciganas para a dança

O mais lindo bailo!

BEZERRA, furiosa, cerrando a adufa

Pois eu cá vou-me embora!

AS CIGANAS, cantando e bailando em meio do povo

En un praito berde
Tendi mi pañuelo,
Salieron tres rositaz
Como tres luzeroz...

SCENA DECIMA SEGUNDA

OS MESMOS e D. SANCHO MANOEL

SANCHO, do fundo, brutalmente

Eh! Tudo fóra d'aqui!

GIL BARROCA

D. Sancho Manoel!

MEM ROSADO

Vamos tel-a bonita!

SANCHO

Martim Ruivo! Tudo fóra d'aqui!

BRAZ, indo assentar-se, serenamente, no ultimo degráu da escadinha da Brazia

Obedecem-lhe como cães, quando elle apparece!

SANCHO

Que fique só o meu pagem de tocha!

GIL BARROCA, muito contente

Ah! ah! Vae haver sangue!

VOZES

Quem é?—É D. Sancho Manoel...—O que esteve em Flandres...

MARTIM, enxotando-os

Tóca a andar!

SANCHO

E mal d'aquelle que espreitar ás portas!

Todos vão sahindo, uns pelo arco, outros para a taverna, outros para a olaria

GIL BARROCA, descobrindo-se, n'uma mesura grotesca

Senhor D. Sancho Manoel! *(áparte)* Se eu lhe ganhasse as bôas graças!

SCENA DECIMA TERCEIRA

BRAZ GARCIA e D. SANCHO MANOEL

O pagem de tocha fica, com o seu brandão acceso, a meio da scena; a cadeirinha espéra junto do arco

SANCHO, indo para subir a escadinha da Brazia, dando com Braz Garcia e acenando ao pagem de tocha

Quem é este homem?

BRAZ, sem se mover, n'uma grande serenidade, cantando

Ai ervas do amor, ervas,
Ervas do amor...

SANCHO

Arredae-vos!

BRAZ, cantando, imperturbavel

Ai ervas, ervas do amor...

SANCHO, tentando agarral-o por um braço

Arredae-vos!

BRAZ, desembaraçando-se d'elle

Frei João,
Estae quedo co'a mão,
Estae quedo co'a mão,
Frei João...

SANCHO

Arredae-vos, por Deus! Quero subir essa escada!

BRAZ

Esta escada é tão sagrada para mim, que nem eu proprio a subo!

SANCHO, desconcertado

Mas quem sois vós, que me falaes de tão alto?

BRAZ

Sou um homem a quem não apraz que D. Sancho Manoel suba um só degrau d'esta escada. E D. Sancho Manoel não subirá.

SANCHO, com violencia

D. Sancho Manoel subirá! *(chamando)* Pagem! *(o pagem approxima o brandão da cara de Braz Garcia)* Mas quem sois, que vos não conheço a cara?

BRAZ, erguendo-se

Sou um homem que se creou montez e esquivo pela serra; que tendo nascido de bom sangue, viveu entre pastores e pisou descalço o tojo e a

aspereza do matto! Um homem para quem não é coisa extranha aguia em penhasco ou féra na espessura, acostumado a estrafegar lobos e a olhar de frente o sol, que nunca adulou, nunca mentiu, e que tendo corrido mundo, nunca tirou da espada que não abrisse uma chaga, e nunca abriu uma chaga que não fosse de justiça e do agrado de Deus!

SANCHO, vexado

Ao que se vê, não conheceis o medo?

BRAZ, com um sorriso de ironia, olhando D. Sancho Manoel

Conheço... de vista!

SANCHO, violento

Ainda uma vez, arredae-vos! Quero passar!

VOZES, de gente que espreita ás portas

Jesus!—Estou sem pinga de sangue!—Que será?

BRAZ, tornando a sentar-se, muito serenamente, cantando

Era la Páscoa florida
En el mes de San Juan...

SANCHO, cheio de ira

Pois bem, seja! Dizei-me ao menos o vosso nome, que não quero honrar-vos a espada sem primeiro saber quem sois!

BRAZ

Sou Braz Garcia Mascarenhas, sangue nobre da Beira.

SANCHO, que tem uma visagem de espanto, e por cujos olhos passa um ligeiro terror

Braz Garcia... *(depois d'um momento de hesitação, arrancando da espada)* Seja, embora!

BRAZ, tirando da espada

Bravo! O primeiro homem, que depois de ter ouvido o meu nome, tem a coragem de arrancar da espada para mim! *(com galanteria)* Sois valente! Bravo!

SANCHO, atirando-se, desesperadamente

Sem demora!

Batem-se. O jogo de Braz Garcia é muito superior ao de D. Sancho Manoel

VOZES

Crusaram os ferros! — É agora! — Pelas cinco chagas!

BEZERRA, da janella

Ai mana Branca Gil, que eu desmaio!

Braz Garcia, muito risonho, desarma D. Sancho Manoel; a espada vae cahir a alguns passos

SANCHO, com despeito e rancor, vendo-se desarmado

Ah!

VOZES

Desarmado! — Jesus! — Desarmado!

SANCHO, crusando os braços

Agora, matae-me!

BRAZ

Não! Portugal precisa de vós. Sois um bello estratégico, provado nas guerras de Flandres e da Italia...

SANCHO, com ironia amarga

Mercês! *(friamente)* Emquanto eu parto, a defender de castelhanos a terra da Beira, o va-

lente Braz Garcia Mascarenhas, que lá nasceu, fica a rufiar por tavernas e a defender escadas de alcoviteira!

BRAZ

Não! Defendo a minha alma, que lá tenho guardada!

SANCHO

Em sujo logar guardaes a alma!

BRAZ, violentamente

Não vos dou explicações!

SANCHO

Nem eu vol-as peço! Entendo de mais!

BRAZ

E quanto á defesa da terra onde nasci, nada mais vos direi, senão que lá nos encontraremos os dois a defendel-a!

SANCHO, incisivo

Ireis debaixo das minhas ordens...?

BRAZ

Não! Debaixo das minhas!

SANCHO

Mas com que gente?

BRAZ

Com pastores, de quem me farei rei e irmão! E á frente dos boieiros e dos cabreiros da serra bater-me-hei com toda Castella, e se fôr preciso... tambem comvosco!

SANCHO, para o pagem

Essa espada! *(para Braz)* Lá nos encontraremos!

BRAZ

Lá nos encontraremos! *(despreoccupadamente, cantando)*

Ai ervas do amor, ervas,
Ervas do amor...

D. Sancho Manoel encaminha-se para o fundo

SCENA DECIMA QUARTA

BRAZ, MARIA, BRAZIA, BRISTO, GIL BARROCA, MEM ROSADO, VASCO OLEIRO, MARTIM RUIVO, CIGANAS, AMIGOS, etc.

TODOS, sahindo dos esconderijos

Que foi isto? — Que foi? — Por que se bateram? — Desarmou-o! — Valente!

MARIA, descendo, cheia de afflicção, seguida de Brazia

Meu Deus ! Estaes ferido...?

BRAZ

Nem sombras !

TODOS, interrogando-se, mutuamente

Mas que foi isto ? — Que foi ?

BRAZ, com Maria nos braços, olhando o vulto negro de D. Sancho Manoel, que vae a entrar para a cadeirinha

Quando os corvos abrem o bico e olham para o sol, vem bom tempo! *(para Maria, n'uma caricia)* Talvez o nosso bom tempo, amor, começasse agora !

Cáe o panno.

SEGUNDO ACTO

N'um ponto indeterminado da serra da Estrella. Ao fundo estende-se a serra, fragosa e enorme, com o topo recoberto de néve e talhado á feição de estrella. Á esquerda baixa um solar humilde, de larga alpendrada. Á direita baixa uns penedos, de cujas fendas nasce a giésta branca e amarella que as pastoras colhem; por detraz d'esses penedos cáe o céu. Ao fundo direito vem dar o córrego, que pela lomba da serra sobe até ali. Ao fundo esquerdo, outro caminho, por detraz da alpendrada. Nos planos superiores, matto betouro, com a sua flôr amarella. Da esquerda alta para a direita baixa, está por terra um grande tronco desarraigado, coberto de musgo, rude e pesado, onde se assentam as figuras. Dia de sol claro.

SEGUNDO ACTO

SCENA PRIMEIRA

MAGDALENA, CATHARINA, LUZIA

Catharina e Luzia assentadas no tronco desarraigado; Magdalena arrancando a giésta branca e amarella das fendas da penedía

CATHARINA

Ainda te lembras da outra vez que se fizeram na serra os autos de devoção?

MAGDALENA

Se me lembro!

LUZIA

Levantaram aqui um estrado... Tão lindo de vêr! *(apontando a direita baixa)* Foi aqui.

MAGDALENA

Eu era a Nossa Senhora... Trazia na cabeça uma corôa de pedraria, que era mesmo a da Senhora da Estrella... E um manto doirado... Os pastorinhos, coitados, a cara que elles faziam! Até as samarras novas lhes pareciam velhas! E ao depois, ainda estavam acanhados commigo, como se eu fôsse uma Nossa Senhora benta e de verdade...

CATHARINA

E eu fazia de anjo, não te lembras? Trazia uma touca de prata...

MAGDALENA

E que lindas coisas a gente dizia!

LUZIA

Eu não entendia ametade...

CATHARINA

Nem eu... Mas haviam de ser lindas!

MAGDALENA

Pareciam coisas escriptas para as estrellas entenderem...

CATHARINA

E as que eu achava mais lindas eram as que não entendia...

LUZIA

Tambem eu!

CATHARINA

Fôram de grande riqueza aquellas féstas que se fizéram na serra!

LUZIA

Estas d'agora não hão de ser menos... Não vês que o senhor Marcos Garcia, mais cêdo ou mais tarde, espéra ahi o filho...

MAGDALENA

O Braz...

CATHARINA

Que foi quem escreveu estes autos de devoção...

LUZIA

E quer represental-os outra vez, quando elle voltar...

CATHARINA

Teem-lhe tanto amor! A nossa mãe rica, então, morre pelo filho...

MAGDALENA

É tão bôa, que parece santa! E sendo nós pastorinhas de gado e não lhe sendo nada a ella, quer-nos tanto bem!

CATHARINA

É por isso que lhe chamamos a nossa mãe rica...

MAGDALENA

E queremos-lhe tanto como á nossa rica mãe de cada uma, que nos deu á luz...

SCENA SEGUNDA

AS MESMAS, HELENA MADEIRA

HELENA, vestida de um sayo pardo, a fiar, assoma á porta

Deus vos salve, filhas.

CATHARINA

A nossa mãe rica! *(indo-lhe ao encontro)* Vossa benção...

LUZIA

Vossa benção...

MAGDALENA

A nossa mãe rica a fiar! *(querendo tirar-lhe a róca da mão)* Eu vos acabo o afusal...

HELENA

Não. Isto entretem-me. A roca é uma companhia. Quando tivérem filhos e saudades d'elles, verão que não podem passar sem fiar...

CATHARINA

Todas as mães serão tão amigas dos filhos como a nossa mãe rica?

HELENA

Até as lobas da serra... Quanto mais nós!

MAGDALENA

As lobas da serra, não... Que já ouvi contar das maldades que ellas fazem aos filhos...

HELENA

As lobas?

LUZIA

É verdade.

HELENA, assentando-se no poial da porta

Conta lá!

MAGDALENA

A loba sáe da buraca mais os cachorrinhos. Mas como um dos lobatitos é cão e ella não sabe qual é, leva-os a todos, no dia de Santa Cruz, a beber agoa ao ribeiro. Os lobatitos bebem com o focinho todo; mas o cão, pobresinho, dá-se logo a conhecer porque bebe com a lingoa: e então a loba dá n'elle e mata-o. Pois isto não é maldade, mãe rica ?

HELENA

Isso ha de ser fábula.

MAGDALENA

Pois é assim que ellas fazem, as lobas...

LUZIA

Eu cá, se tivesse um filho, antes que fôsse um cachorrinho, havia de querer-lhe mais do que á luz do sol...

CATHARINA

Eu tambem o não engeitava nem matava. Dá-va-lhe os peitos e creava-o, para depois o vêr fragueirinho, a saltar por esse matto betouro e a morder nas flôres...

HELENA

Eram de vêr, então, os boieiros da serra: olha a mãe do cachorrinho! a mãe do cachorrinho!

MAGDALENA

E a mãe rica era madrinha...

HELENA

Era... *(com tristeza)* Depois é que hão de vêr como esses cachorrinhos fazem falta, quando crescem montezes e se apartam da mãe... Cuida a gente que morre... Põe-se, anda mão fia dedo, a fiar... Nasce o sol, fia... E ainda fia quando se vae o sol... É a saudade...

MAGDALENA

A saudade!

LUZIA

E agora, o mais que tendes são filhos emprestados...

HELENA

Dos cinco que me nasceram, quatro d'elles, os clérigos, estão por essa beira da serra, um em cada egrejinha, a servir Nosso Senhor...

CATHARINA

E o outro...

HELENA

O outro, o prodigo! Que saudade! *(com brilho nos olhos, como se o estivesse vendo)* Tão valente, tão lindo, tão devoto á Virgem da Estrella! Sempre a correr mundo... Que saudade! Não queiram nunca ter d'estes cachorrinhos... Retalham a alma da gente... Vão-se embora do regaço das mães e deixam-lhes em paga a dôr da saudade... Deus sabe, ao depois, quando voltam... *(ouvem se sinos muito longe, na serra).*

MAGDALENA

Repiques de sinos, na lomba da serra!

HELENA

É verdade...

CATHARINA

Que será?

HELEN \, escutando

Fazem alegria... Lembram-me o meu filho. *(embevecida na lembrança do filho)* Tão devoto á Virgem da Estrella! Aquelles autos de devoção que elle compôz e se fizéram na serra...

LUZIA

E que o senhor Marcos Garcia nos anda a ensinar outra vez...

HELENA

Para os representarem na volta do filho... Pobre pae! Anda sempre a lembral-o... A compôr a solfa para as chacotas e villancetes... Assim engana as saudades...

CATHARINA

Sabeis como se chama aos que fazem versos, mãe rica?

HELENA

São poetas...

MAGDALENA

Ah! Já ouvi falar... Diz que ainda teem parentesco com os santos... Linda chacota, a que nós andamos a aprender! *(Cantando, com devoção)*

Pobre era a Senhora,
Deus fel-a rainha...
A grande riqueza
É ser pobresinha.

HELENA

E adonde estão as outras que a bailam?

CATHARINA

Estão lá adiante...

MAGDALENA

Aquem da Pena furada, a retoiçar no matto... Vamos por ellas.

HELENA

E voltae asinha. O senhor Marcos Garcia ha de estar a acordar do seu somno da sésta.

AS PASTORAS, saindo pela direita alta

Adeus, mãe rica... Adeus!

HELENA

Deus vá comvosco, minhas filhas. *(Fica a fiar, assentada no poial da porta)*

SCENA TERCEIRA

MARCOS GARCIA e HELENA

MARCOS, assomando á porta e olhando o terreiro, ainda a entoar a solfa da chacota

As mocinhas não estavam aqui? Cuidei que as tinha ouvido a cantar a chacota do nosso filho...

HELENA

Cantáram, cantáram. Mas estavam só tres. Foram pelas outras, que se quedaram áquem da Pena furada a retoiçar no matto. Já voltam.

MARCOS

Pastorinhas de cabras, quando se topam umas com as outras... *(olhando os altos da serra)* Veio hoje o sol ruivo; vamos a ter vento. Eu logo disse quando amanheceu. Verás que as estrellas esta noite parecem maiores... *(olhando um papel que traz na mão, e cantando)* Ré, mi, fá, sol, lá, sol, lá... *(para Helena, embevecido)* Olha que o nosso filho tem muito talento! Tu já cuidaste bem na lettra d'esta chacota? *(dizendo-a de cór, enlevado)*

Vestidos doirados
Ai não nos deis guerra!
Sois terra, vestindo
Um pouco de terra.
Pobre era a Senhora,
Deus fel-a rainha...
A grande riqueza
É ser pobresinha...

HELENA

Pois não é verdade que dá vontade de chorar, Marcos?

MARCOS

Tão cheio de devoção, tão cá de dentro! O mesmo amor pór tudo quanto é humilde e um grande despreso das grandezas da terra...

HELENA

Se elle foi sempre assim!

MARCOS

E tudo isto nasceu d'um beijo nosso, Helena! D'um beijo abençoado... Lembras-te? Eras tu moça, gravisca e tão cheia de luz nos olhos, que parecias... que parecias os versos do nosso filho! *(enternecidamente)* Helena! Ha tanto tempo! E tem cahido tanta néve...

HELENA

As mães sentem... Eu bem senti, Marcos. Ainda elle não tinha nascido, já eu sabia que era lindo, mais lindo do que os outros, mais loiro, mais forte...

MARCOS

Tamanino... Aquella cabecinha doirada... Parecia o sol! Foi por isso que depois deu tanta luz. .

HELENA

E porque será que lhe queremos mais do que aos outros, sendo elle o filho pródigo?

MARCOS

Porque mais lhe quero, sei eu... É porque se parece comtigo. Mas tu...!

HELENA

Eu sempre o achei tão parecido comtigo!

MARCOS

Então, ha de ser por isso que nós ambos lhe queremos tanto.

HELENA, dolorosamente

Mas quando...? Quando voltará elle?

MARCOS

Lá prometter, prometteu... Até na ultima carta... a que tu trazes no seio... *(com desalento)* Mas quando voltará!

Tornam-se a ouvir os sinos, mais perto

HELENA

Outra vez, os sinos!

MARCOS

Outra vez... ?

HELENA

Já ainda agora... Que será ?

MARCOS

Não sei o que possa ser... *(retomando o fio da conversa)* Ah ! Se o nosso filho voltasse ! Elle que é tão valente, de tanta fragueirice e tão ferrenha mão ! Toda esta Beira devastada de castelhanos ! Créstam colmeias, roubam rebanhos, damnam semeaduras !

HELENA

Desgraçada gente !

MARCOS

Quando os miseros sobem a serra, acossados como se fossem leprosos, nós damos-lhe o que podemos, pelo amor de Deus...

HELENA

Lenha e poisada... Mas de que vale !

MARCOS

Se o nosso filho viésse, elle os defenderia d'essa revoada de corvos carniçaes, que a sua espada

abasta a um milheiro d'elles! *(com expressão agréste)* Fosse eu mais moço, tambem! Mas já venho quebrado da canceira da vida... Sou terra que já deu muito. A bruteza da minha compleição renasce no meu filho.

Ouvem-se as raparigas, que entram pela esquerda baixa, cantando e bailando a chocota.

SCENA QUARTA

OS MESMOS, MAGDALENA, CATHARINA, LUZIA e as outras PASTORAS

MARCOS, tapando os ouvidos e gritando para as moças

Que desafinação! Que desafinação! Não as ha que mais sáfaras sejam no aprender! Olhae que são versos do meu filho!

MAGDALENA

Agora é de virmos cançadas... Bem vêdes...

CATHARINA

Viémos de carreira por essa cangosta!

MARCOS

Então repousae-vos e catae de cobrar alento. Bailaremos depois a chacota, a vêr se a choréa vae afinada com a solfa e a solfa com a lettra!

CATHARINA

Já descançámos...

HELENA, com espanto

Então, já...?

MAGDALENA

Para descançar, bastou o tempo em que vos dissemos que estavamos cançadas...

MARCOS, a Helena, olhando-as

É por me desagastárem... *(para as pastoras)* Pois então, vamos lá a vêr como esse bailo é bailado!

HELENA, sahindo, pela alpendrada

Eu vou ouvir lá de dentro.

MARCOS, para as moças

Com tento, senão não se faz a representação! Nem as visto de anjos, todas bem arreadas, com suas tunicas de linho e suas toucas de prata... *(ordenando o bailo)* Vá, com tento! *(pondo tres d'um lado e tres d'outro)* Tres por tres, de terreiro! Vamos a vêr! Bem bailadinho! Bem bailadinho!

AS PASTORAS, cantando e bailando com Marcos

Vestidos doirados,
Ai não nos deis guerra!
Sois terra, vestindo
Um pouco de terra...

Ouvem-se pela terceira vez os sinos, ainda mais perto.

HELENA, assomando á porta

Os sinos outra vez, e tão perto...!

MARCOS

Ah!

SCENA QUINTA

OS MESMOS e 1.º PASTOR

1.º PASTOR, entrando, vestido da sua samarra e com um adufe nas mãos

Senhor Marcos Garcia! É o vosso filho! Vem a subir a lomba da serra!

MARCOS

O meu filho?! O Braz...?

HELENA, que desce os dois degráus da porta em cuja soleira está, e se precipita, esbarrando n'uma das columnas da alpendrada

O nosso rico filho!

MARCOS, correndo a amparal-a

Helena! Helena!

1.º PASTOR

Não ouvís pandeiros e grande grita e cantigas e sinos pela serra? Pois é o senhor Braz Garcia! Veem todos os pastores tangendo e bailando adiante d'elle! Eu vim dianteiro por vos trazer a nova!

MARCOS

Que alegria tão grande! O nosso filho!

MAGDALENA

O cachorrinho da nossa mãe rica!

HELENA

Adonde vem, adonde vem, que o quero vêr! Meu querido filho!

1.º PASTOR, indo até á direita baixa e olhando

Sobem a lomba da serra! Veem agora escondidos n'uma volta do córrego...

HELENA

Então... aquelles sinos que eu ouvia...

MARCOS

Era o nosso filho!

1.º PASTOR

E vem com elle uma dona... que nem sei como vos diga! Parece uma santa, toucadinha d'oiro! Nem que o céu se abrisse para a gente a vêr!

HELENA, com espanto

Uma mulher...?

MARCOS, para o pastor

Quê?

PASTOR

Não parece da terra, senão lá do alto, das estrellas! Quando a enxerguei, fez-me tamanha devoção que se me dobraram os joelhos e ajoelhei no matto diante d'ella!

MARCOS, indo para o pastor

Uma mulher...! Dize lá...!

1.º PASTOR

E commigo, todos os pastores ajoelharam!

MARCOS, indo para Helena

Casaria elle, o nosso filho...?

AS PASTORAS, que se teem apartado, a olhar

Vinde vêr! Vinde vêr! Lá veem todos!

1.º PASTOR, sahindo

Deixae-me ir, para entrar bailando com os mais pastores! Que hei de rasgar o adufe!

MARCOS, a Helena

E se nós fossemos tambem...?

HELENA, sentindo-se fraquejar

Não... Que eu não posso!

MARCOS, abraçando Helena

O nosso filho! Que alegria!

HELENA

Tanta saudade!

MAGDALENA

Por essas carquejeiras, a buscar flôres...!

LUZIA

Vamos!

CATHARINA

Maias cheirosas! Para as botarmos sobre elles!

Apartam se, colhendo umas a giésta que rompe da penedia, outras as flôres do matto que se vê ao fundo.

MARCOS, levando Helena até á direita baixa

Lá vem elle! *(apontando)* Além.... Não vês?

HELENA

O meu querido filho! *(sentindo se desfallecer de commoção)* Não me posso ter em pé... Um escabéllo! É a alegria!

MARCOS

N'este tronco!

HELENA

Ahi não, que o não vejo... Meu rico filho!

MARCOS

Arrasta-se para ahi!

HELENA

Tu não pódes!

MARCOS

Posso! *(Arrastando o tronco para a direita baixa)* A alegria dá força!

HELENA, olhando

Lá veem, lá veem! Querido filho!

AS PASTORAS, vindo, de todos os lados, com os regaços cheios de flôres

Flôres! Flôres do matto! Maias cheirosas! Seis abadas!

MARCOS

Traz vestida uma samarra...! E olha... Olha, pela mão d'elle... a dona que o pastor dizia!

As pastoras atiram flôres. Ouvem-se frautas e adufes.

HELENA, colhendo maias no regaço das moças e atirando-as ao filho

Tambem quero flôres, para lhe botar!

MARCOS

Não vês...? Parece uma santa, parece! Que formosura! Não vês? Parece luz, que vem andando...

HELENA, embevecida no filho e atirando-lhe flôres

Tão lindo! Eu não tenho olhos senão para o meu filho!

AS PASTORAS

Lá veem! Lá veem!

MAGDALENA

Olha... Parece que traz Nossa Senhora pela mão...!

LUZIA

Que lindêza!

HELENA

Flôres! Flôres!

SCENA SEXTA

OS MESMOS, BRAZ, BRISTO, MARIA, os PASTORES

Entram os pastores, vestidos uns de samarras, outros de sayos pardos, com suas monteiras de pelles, alguns armados de arcabuzes, bailando e tangendo frautas, adufes e pandeiros. Atraz vem Braz Garcia, trazendo samarra sobre o gibão de ilhoz, sombreiro de castor e espada de ferro; dá a mão a Maria. Á ilharga d'elles, Bristo, muito alegre, com a gualteira enfeitada de giésta, e um pandeiro nas mãos.

MARCOS, abrindo os braços ao filho

Filho!

HELENA

Meu filho!

BRAZ, descendo e indo cahir nos braços de Marcos e de Helena

Queridos paes!

MARCOS

Ha tanto tempo!

HELENA

Que saudades!

BRAZ, olhando-os, commovido

Santa velhice! Linda velhice!

OS PASTORES, aquedando de bailar

Arraial, pelo nosso rei! Arraial!

MARCOS, descobrindo-se

Pelo senhor D. João IV...?

1.º PASTOR

Não! Por um rei que véste samarra, como a gente, que em fortaleza nos ganha a todos...

2.º PASTOR

Um rei tamborileiro, um rei bailador...

3.º PASTOR

Que em pequeno folgava comnosco pelas entranhas da serra...

1.º PASTOR

E que nos fala de egual para egual, como se todos fôramos reis ou todos pastores!

OS PASTORES

Arraial!

BRAZ, commovido, para Marcos, apontando os boieiros

Fizeram de mim seu rei... Eu fiz d'elles meus irmãos!

HELENA, abraçando o filho

Querido filho!

MARCOS

Braz! Meu Braz!

Maria desce; as pastoras, que lhe botam as ultimas flôres aos pés, seguem-n'a cheias de devoção, de mãos postas.

MAGDALENA

Milagre! Que donzellinha doirada!

CATHARINA

Nossa Senhora pela serra! Milagre!

MARIA

Nossa Senhora está no céu... Eu sou humilde, como vós...

BRISTO, a Maria

Já os pastorinhos ajoelhavam todos!

MARCOS, para Braz, enlevado, olhando Maria

E essa dona...? Porventura, tu...

BRAZ, tomando a mão de Maria e levando-a até junto da mãe

Mãe! Aqui vos trago a minha alma. Ninguem melhor do que vós a guardará, porque é a minha. E a quem poderia eu entregar a unica riqueza que tenho no mundo, senão ao regaço que me trouxe e aos peitos que me crearam?

MARIA, cahíndo-lhe aos pés

Senhora...

HELENA, olhando-a, encantada

Como sois linda!

MAGDALENA, ás pastoras

Já não era a primeira vez que Nossa Senhora apparecia na serra...

BRISTO, ao fundo, cantando e dançando entre os pastores, que riem e chufam d'elle

Dona rica bem vos quero,
Teroléro, léro, léro,
Teroléro, léro, lá...

MARCOS, a Braz

Mas quem é esta dona...? Tu, porventura... casaste, meu filho?

BRAZ

Como filha vol-a trago. É a mulher que ha de ser minha mulher. A sua pureza é tão grande, olhae... *(amostrando o grupo de Helena e Maria)* que o regaço de minha mãe a não engeita. Ella vos dirá, no aconchego, que não no soalheiro, qual a razão de sua trazida, sua ventura e desventura. Vereis então que, para joia de tamanha virtude, só havia na terra um abrigo seguro: era este. Tende-a ambos por filha, em vossa casa, com tanto resguardo e amor como se me tivesseis a mim. Quando me quizerdes beijar a alma, beijae-lhe o rosto a ella. *(Vencendo a commoção)* Amanhã, o mais tardar, irei por essa Beira, rei de pastores, ensinar aos castelhanos como as aguias da serra fazem a rapina! *(olhando Maria, enternecido)* E então, pelos fraguedos, pelo matto ensanguentado, o meu coração a bater por vós, irá contando, uma a uma, as vezes que a beijardes...

HELENA, embevecida nas palavras do filho

Que viço de falar! *(para Maria)* Quereis-lhe muito, não é verdade? Muito...?

MARCOS

Quem quer que ella seja, nós a recebemos e amamos como a filha. Descança, meu Braz. Descança. *(Abraçando Braz e olhando Maria)* Na luz dos olhos se lhe vê a lindêza da alma... Nem podia deixar de ser... Se tu a amaste!

MARIA, indo a ajoelhar para beijar a mão de Marcos

Deixae que vos beije as mãos...

MARCOS, erguendo-a

Senhora... Senhora!

HELENA, ás pastoras que a rodeam, olhando Braz e Maria

Que lindo par!

MARIA, com lagrimas na voz

Tenho tão pouco que dizer de mim! E que ha de dizer-vos uma creatura que nasceu rasteira e humilde? Que hei de eu dizer-vos, de todo o coração, senão que vosso filho é a minha vida, como é tambem a vossa?

Helena toma a mão de Maria e afasta-se com ella.

MARCOS, a Braz

Nasceu humilde...? Não é fidalga, então?

BRAZ

É da condição das santas, que precisam de nascer rasteiras á terra, para ter depois mais que subir!

BRISTO, ao fundo, cantando e bailando

Dona do sayo amarello,
Ai que mão vos despirá...

OS PASTORES, bailando, em volta de Bristo

Teroléro, léro, léro,
Teroléro, léro, lá...

3.º PASTOR

Pardêos, que tudo baila, o chocarreiro!

BRAZ, a Helena, apontando Maria

Levae-a comvosco, minha mãe. Ha de querer repousar, que não é veseira em tão ásperas jornadas. Veio primeiro agazalhada em umas andas ricas, mas ao depois galgou a pé o fraguedo.

HELENA

Haveis de vir morta de cançaço!

MARCOS

Nem era convinhavel trazel-a em mulinhas de presépio, que se prendem a mão em reigóta de tojo, lá vão, de penha em penha!

BRAZ, a Maria

Vae, vae com minha mãe. Verás que em doçura e humildade se parece tanto comtigo, como duas lagrimas uma com a outra...

MARIA, a Braz, que lhe beija os dedos

Quanto vos devo e quanto amor vos tenho!

HELENA, para Maria

Vinde, minha filha.

MAGDALENA, a Helena

Mãe rica... Nós não queriamos mais nada, senão ser suas aias d'ella...

CATHARINA

Para vestir e despir Nossa Senhora...

HELENA, ás pastoras

Vindes estorvar...

MARIA

Deixae-as vir, senhora... *(olhando-as)* Tanto folgava de me vestir como ellas... *(a Magdalena)* Quereis trocar o vosso vestido com o meu?

MAGDALENA, envergonhada

É tão rico... E o meu saínho de chamalote é tão pobre...!

MARCOS, a Luzia

E que me tragam do relêgo, ou traze tu, seis tagras do melhor vinho n'uma cantara grande e duas tagras n'uma infusa pequena.

Maria, Helena e todas as pastoras, menos Luzia, sahem pela esquerda baixa; Luzia, pelo fundo esquerdo

SCENA SETIMA

BRAZ, MARCOS, BRISTO, os PASTORES

BRISTO, aos pastores

E mais sei bailar o villoco e o sapateado! E fazer chagas fingidas...! Já em menino bailava, que me vestiam de côres e me levavam nas procissões a dançar os mochatins! Minha mãe era cabra e meu pae arcebispo!

OS PASTORES, rindo

O bargantão é divertido!

MARCOS, que ouve Bristo, para Braz

Quem é este bailador, filho de arcebispo, que nos trouxeste?

BRAZ, apresentando-o a Marcos

É o meu escudeiro! Agarrador de chistes vadíos, bailador e cantador! Alegre como o cascavél d'um adufe, razo como a sombra que dá no chão, este San Lazaro das viéllas é um parvo diante do mundo e quem sabe se um sabio diante de Deus!

BRISTO, não se podendo conter e bailando

Ai, sei bailar de terreiro,
Despedaçar um pandeiro,
Dar uma volta no ar...

(Cahindo em si, acurvando-se e beijando, muito humilde, a mão de Marcos) Perdoae... Perdoae...

MARCOS, rindo e ajudando-o a levantar-se

Eu tambem gósto muito de musica...

BRISTO, animando-se

Ah! ah! Eu até era capaz de ensinar a pavana rica ás damas do paço...! *(n'outro tom)* Mas a fome... E o frio... Onde quer que era me espojáva e fazia cama sem real de esteira... E ao depois, pancada! Por defender a cara, fiz muita vez do pousadeiro... máscara!

MARCOS

E como te chamas...?

BRISTO

As mais das vezes chamam-me Bristo... Outras, villão roim, bebado, maninello, devasso... Chamae-me como quizerdes... É á vontade de quem me chama...!

(cantando)

Dona rica bem vos quero,
Teroléro, léro, léro...

1.º PASTOR, rindo

Nunca vi chocarreiro mais acabado!

2.º PASTOR

No matto e na côrte, quando a gente guarda o gado, era d'um folião d'estes que precisava!

3.º PASTOR

Por esses caminhos da serra, ensinou-nos mais chistes e cantigas do que estrellas tem o céu!

BRAZ, para os pastores

Amigos! Quando os risos são da raça d'estes, é preciso saber ouvil-os. Olhae bem para elle, procurae esquecer-vos de que miseravel coisa é o riso, cuidae de vêr mais fundo, e se vos não viérem as lagrimas aos olhos... córto esta mão!

MARCOS, olhando Bristo, com piedade

Desaventurado!

SCENA OITAVA

OS MESMOS e por momentos LUZIA

LUZIA, entrando, com as duas cantaras

Aqui veem as cantaras!

MARCOS, dando a maior aos pastores

Bebei vós! *(dando a outra a Braz, que mal a chega á bocca)* Bebe tu, meu filho!

BRISTO

Vinho!

1.º PASTOR, a Bristo

Espera, que já bebes! *(dando a cantara ao 2.º pastor)* Tomae!

2.º PASTOR, antes de beber

Abençoado seja Deus, que trouxe um rei aos pastores da serra...!

MARCOS, desvanecido, bebendo

Meu filho!

BRAZ

Se alguma vez teve nome de rei o mais humilde, sou de vontade o vosso rei!

MARCOS

Parece que me adivinhava o coração a tua vinda! Ainda agora o dizia eu... Esses miseros que sobem a aba da serra, acossados de castelhanos, tendo visto o seu casal em braza, deshonradas as suas filhas e perdido o seu gado!

3.º PASTOR

Não lhes deixam manusca de palha!

2.º PASTOR

Nem pedra sobre pedra!

1.º PASTOR

Lépra de castelhanos!

MARCOS

Demonios de rapina!

BRAZ

Por elles vim, a pôr-lhes, como San Miguel, o pé na bocca! *(aos pastores, com expressão agréste)* Pagaremos roubo com roubo, braza com braza, chaga com chaga! E pelo signal da cruz, que havemos de enriquecer aos que empobreceram!

MARCOS

Eu bem dizia que se tu viésses...!

3.º PASTOR

E quando partiremos?

BRAZ

Já vos ferve o sangue!

1.º PASTOR

Quanto antes!

MARCOS

É força descançar uma noite, ao menos...

BRAZ

Amanhã, ao romper d'alva!

Emquanto o 2.º pastor dá de beber a Bristo, alguns outros rodeam o pobre chocarreiro, chasqueando e mofando d'elle.

BRISTO, a quem o vinho fulmina

Valham-me todos os santos e santas... *(depois, como quem reflecte)* Todos... menos um!

1.º PASTOR

Qual?

BRISTO, cahindo de borco sobre o tronco, bebado

San Bazilio, que prégou um sermão contra o vinho!

BRAZ, olhando Bristo

Deixae-o! Pobre animal...!

MARCOS

Deixae-o em paz!

BRAZ, abraçando o 1.º e 2.º pastores

Não vos lembraes de aquando eu, como pastor, ía comvosco a monte na guarda dos rebanhos?

2.º PASTOR

Se nos lembramos!

BRAZ

Quem me diria a mim...!

MARCOS

Pequenino, que nem os beijos da mãe cabiam n'elle, nem elle cabia n'um raio de sol...!

BRAZ

Ensinaveis-me a tanger os vossos adufes... *(tirando o adufe da mão d'um dos pastores)* entre estes dois dedos, não é verdade...? E tangendo com os outros... Bom tempo! Depois, ao dia de San Simão, era eu que enfurdava os cordeiros e embarbilhava os chibos!

3.º PASTOR

E então, baptisal-os...!

1.º PASTOR

Este era pardôxo, aquelle pilrado...

2.º PASTOR

Se nos lembramos!

BRAZ

D'uma vez,—era por volta de maio e o matto entrava a botar borbotos e a encabeçar. Falavamos de lobos e anoiteceu-nos na serra... *(recordando-se)* Até eu lhes perguntei porque era que o lobo tinha as patas dianteiras mais curtas do que as trazeiras...

3.º PASTOR

É verdade!

1.º PASTOR

Contei vos a historia de Nosso Senhor e dos chocalhos...

MARCOS, rindo

E elle acreditou...!

1.º PASTOR

E como então era o tempo de sahirem as lobas das buracas a ensinar os filhos a cevar-se

no gado, quando atravessámos a serra veio-nos ao caminho uma alcatéa de lobachos pequenos...

2.º PASTOR

Démos n'elles e espantámol-os para longe! Mas um dos lobatitos, por mais ardído ou perdido da mãe... *(para Braz)* Lembraes-vos?

MARCOS, com enthusiasmo

Lembro-me eu! Lembro-me eu bem! *(revendo-se no filho e abraçando-o)* Elle, como um herculesinho, atirou-se ao lobacho!... *(para um dos pastores)* Foste tu que m'o contaste, Matheus! E eram de vêr os dois, qual mais pequenino, o lobo e elle, rolando abraçados pelo matto...

3.º PASTOR

Quando os desapegámos um do outro, o lobacho tombou, de guela escancarada, a lingoa a sangrar entre a dentuça...

BRAZ, com fogo no olhar

Tinha-lhe botado a mão ás gorgomileiras e estortegado bem!

1.º PASTOR

Estava morto!

MARCOS

Entraste em casa então, abocanhado do lobo, com as crenchas loiras empapoçadas de sangue, offegoso e heroico, que foi uma dôr d'alma para a mãe... e um contentamento para mim! *(abraçando-o)* Querido filho!

BRAZ, com rudeza quasi selvagem

Mas a peor raça de lobos não é esta...! A peor...

Ouvem-se gritos, gemidos, uma lamuria confusa vinda da esquerda alta.

SCENA NONA

OS MESMOS, GENTE fugida dos castelhanos, MARIA, HELENA, as PASTORAS

VOZES, em gritos de angustia, fóra

Misericordia! Misericordia!

BRAZ

Que vozes são estas...?

4.º PASTOR, apparecendo, pelo fundo esquerdo

Vinde vêr! Vinde vêr!

MARCOS

Senhor Deus!

VOZES, fóra

Misericordia!

1.º PASTOR, indo até ao fundo e olhando

Mais desgraçados que sobem a serra fugidos de castelhanos!

BRAZ, n'um brado de desespero

Ah!

MARCOS

Misera gente! Misera gente!

BRAZ, correndo ao fundo e olhando

Cobertos de sangue e de terra...!

3.º PASTOR

Salvaram as riquezas da egreja!

MARCOS

Trazem imagens de santos sobraçadas!

VOZES, fóra

Senhor Deus! Misericordia!

BRAZ, com desespero

As féras só entraram a ser féras depois de ter visto os homens... *(aos pastores)* Descei... Descei vós a amparal-os e a trazel-os...

2.º PASTOR

Parecem leprosos, que veem por esses caminhos de cabras!

Os pastores sahem pelo fundo esquerdo.

VOZES

Misericordia!

HELENA, entrando, seguida de Maria e das pastoras

Que gemidos são estes?

MARIA, transida de susto

Virgem Santissima!

BRAZ, indo ao encontro de Maria

Socéga, meu amor...

MARCOS

E disse Jesus: amae-vos uns aos outros!

Helena e as pastoras correm ao fundo esquerdo, a vêr.

MAGDALENA

As mães com os filhos no regaço...!

MARIA

Meu Deus!

CATHARINA

Cobertos de chagas!

HELENA

Córta o coração!

BRAZ, querendo acalmar Maria

Socéga, meu amor... São as desgraças da guerra... Não te assustes... *(olhando-a)* Que linda vens! Saínho de chamalote, como as pastoras de gado!

VOZES, fora

Misericordia!

VOZES, dos que estão em scena

Ahi veem!

MARCOS, para os que veem fugidos, bradando

Agora, ao menos, tendes o meu filho! Não vos deixeis cahir em desesperança e em fraque-

za! Calae essa dôr de gemidos! O meu filho é comvosco!

BRAZ, levando Maria até junto da mãe

Poupa os teus olhos a esta amargura capaz de fazer piedade ás arvores e ás pedras!

MARIA, escondendo a cabeça no regaço de Helena

Senhora...!

HELENA

Eu já estou vesada a isto...

Entra um bando de miseraveis, cobertos de sangue e de terra, transidos, apavorados, rotos. As mulheres trazem os filhos no regaço; os homens, imagens de santos e reliquias sobraçadas. Um d'elles, o mais velho, vem com a testa empapoçada de sangue e segura nos braços uma imagem de santo, mitrada e primitiva.

VOZES, já em scena

Misericordia!

2.º PASTOR

É aquelle! *(apontando Braz Garcia)* É aquelle o rei dos pastores da serra!

1.º PASTOR

É aquelle, que vos ha de vingar e enriquecer!

MARCOS

O meu filho!

1.º VELHO, ensanguentado e com uma imagem sobraçada, ajoelhando aos pés de Braz Garcia

Valei-nos! Valei-nos! Cobriram-nos de chagas e de miseria! Tinhamos leiras de pão, devastaram-n'as! Tinhamos filhas do nosso amor e da nossa carne, deshonraram-n'as! Tinhamos rebanhos que apascoavam ao sol, pela relva, e fôram cevadura de castelhanos!

OS FUGITIVOS

Misericordia!

1.º VELHO

Apedrejaram-nos, como a leprosos! Mas ainda salvámos, pelo amor de Deus, os santos da egreja! Cobriram-nos de sangue e de deshonra! Valei-nos, por piedade!

OS FUGITIVOS

Por piedade!

MARCOS

Pobre gente!

BRAZ, que os tem ouvido, preso de commoção, como que acordando agora, n'uma rajada, aos pastores

Meus irmãos! Não podemos esperar pela alva do dia! Desemperrae os arcabuzes; vede se

tendes peloiros a avondo e bôas escorvas. *(Os pastores obedecem)* Houve um pastor n'esta serra, um grande pastor, cujo cajado foi sceptro de Hespanha, que ao fazer um juramento de vingança, metteu os braços, até ao sangradoiro, pelas chagas dos mortos! Quem podéra jurar assim! *(para os fugitivos)* Vingar-vos-hei e tornar-vos-hei os bens perdidos!

1.º VELHO

Damnaram-me as semeaduras, abrazaram-me a casa, talaram-me as terras!

BRAZ, arrancando da espada

Pela cruz d'esta espada! Dar-te-hei terras pelo dobro das que tinhas, e oiro com que as possas lavrar!

2.º VELHO

Um rebanho tão grande, todo m'o roubaram! Não me deixaram manolho de palha nem cabeça de gado!

BRAZ

Terás rebanhos maiores do que tinhas, e de tal grandeza que não caibam no teu curral!

3.º VELHO

Deshonraram-me a filha, que era a luz dos meus olhos!

BRAZ

Dar-te-hei basta riqueza, porque a possas dotar e casar honrada!

OS FUGITIVOS, cahindo de joelhos

Deus vos oiça! — É um santo! — É um santo!

BRAZ, a Marcos, que o abraça, com os olhos rasos de agoa

De que são essas lagrimas, meu pae?

MARCOS

D'orgulho!

HELENA

Querido filho!

MARIA

E se o matam...!

BRAZ, a Helena e Maria

Não choreis. Eu torno breve. *(para a mãe, apontando Maria)* Guardae-a sempre com tanto resguardo, como guardareis essas reliquias... E se por má ventura ouvirdes pronunciar um nome...

HELENA

Que nome, meu filho?

BRAZ

D. Sancho Manoel... *(visagem de espanto de Helena)* Então... guardae-a ainda melhor!

OS FUGITIVOS

A Virgem da Estrella vos acompanhe!

OS PASTORES, ajoelhando e orando com devoção

Avé Maria, cheia de graça, o Senhor é comvosco...

BRAZ, a Marcos, que recolheu as imagens das mãos dos fugitivos

Meu pae! Quizesse a vontade divina que por essas brenhas e barrocaes, rei de pastores, eu fosse ao menos a sombra do que foi Viriato!

MARCOS

Meu filho!

BRAZ, erguendo a espada

Amigos, a caminho!

Cáe o panno.

TERCEIRO ACTO

Na Praça de Alfaiates. Arco ao fundo esquerdo, por onde se vê correr a muralha: n'essa muralha, uma hástea com guião vermelho onde se lê, a oiro, *Companhia dos leões*. Na parede do fundo, luzernas abertas. No fundo direito, um grande nicho cavado na parede, onde cabe um homem.

TERCEIRO ACTO

SCENA PRIMEIRA

BRISTO, MEM ROSADO, 1.º AMIGO,
os PASTORES

Á direita baixa, os pastores: o 2.º pastor cuida da chaga que o 1.º pastor tem na perna; o 3.º pastor cóse a samarra. Bristo afina o tambor. Mem Rosado jóga os dados com alguns soldados e amigos de Braz Garcia.

1.º PASTOR

É mestre de campo, dizes tu? Muito caroavel de cheiros é elle, que lhe estive hombro com hombro!

3.º PASTOR

E que nome tem?

MEM ROSADO

D. Sancho Manoel.

1.º PASTOR

Pois cheira a mulher, que tresanda!

2.º PASTOR

Parece uma caçoula... *(olhando a chaga do 1.º pastor)* Chegou-te bem, o peloiro!

1.º PASTOR

Os malditos não dizem agoa vae! *(retomando a conversa)* E então, vestido de drogas ricas e com tanto peso d'oiro que encandeia a quem lhe enxérga as dianteiras!

1.º AMIGO

Que o homem cheire a polvora e a mulher a incenso...

MEM ROSADO, lançando os dados

Ganhei!

2.º PASTOR

Este cheira mais a incenso do que a polvora!

1.º PASTOR

Estive-lhe hombro com hombro. Mal me viu a samarra, cuidou que lhe amarlotava os encontros e pôz-se de largo!

3.º PASTOR

O outro, o Fernão Telles, é de melhor sombra...

MEM ROSADO

Lá foram os dois, Hespanha adentro, a pagar-se da presa de Forcalhos. D. Sancho Manoel vae sobre o castello d'Elges, e Fernão Telles sobre Valverde e San Martinho de Trebejo.

1.º AMIGO

A serra é fragosa e roim de subir...

2.º PASTOR, com desdem

Pff! É pão com mél!

MEM ROSADO

Para cabreiros!

Passa ao fundo um clerigo, com modos quixotescos, coura vestida, grande rodéla e montante debaixo do braço.

1.º PASTOR, vendo-o passar

Olá!

1.º AMIGO, n'um frouxo de riso

O clerigo...

MEM ROSADO

Vae matar a carriça!

3.º PASTOR

De courinha d'anta, rodéla e montante sobraçado!

2.º PASTOR

Os valentes cá da praça de Alfaiates!

BRISTO, que tem estado a afinar o tambor, erguendo-se e vindo até á direita baixa

Vae a gente a vêr, mal estoira a dalcanbuzada dá em fugir, nem que levára braza no pousadeiro!

2.º PASTOR

Ora o raio do clerigo!

BRISTO

Quando os hespanhoes déram em Fuínhos, fui topal-o a um canto, *Kyrie eleison*, *Christe eleison*... Ia morrendo de medo!

1.º PASTOR, com despreso

Os valentes! Queria vêl-os corpo a corpo, como a gente!

MEM ROSADO, ao 1.º pastor

Por isso te deu um peloiro e para ahi estás emprastado!

BRISTO, para o 1.º pastor, olhando-lhe a chaga da perna

Como essa chaga que tu tens, fazia eu muitas fingidas. Chagas e aleijões...

3.º PASTOR

Tu fazias chagas, Bristo?

BRISTO

Para mendigos. Uma chaga amostrada ao sol é a riqueza de quem na traz... Fazia-as de cêra e pintadas de feição que os cães as lambiam por verdadeiras... e os homens voltavam a cara e davam esmola... *(rindo)* Ah! ah! São bons de enganar, os cães e os homens...!

SCENA SEGUNDA

OS MESMOS e GIL BARROCA

GIL BARROCA, que tem ouvido as ultimas palavras de Bristo, entrando pelo fundo esquerdo

E não se manda açoitar com pregão um excommungado que faz Lazaros!

MEM ROSADO

Olá, Gil Barroca!

BRISTO, a Gil Barroca, chasqueando

Nem a todos. Tu não fôste feitura minha...

1.º PASTOR

Responde-lhe agora, anda!

GIL BARROCA, para Bristo

Meu francelho bailador! O que te vale, sei eu!

MEM ROSADO

Então...? Que novas ha?

GIL BARROCA

O castello d'Elges rendeu-se a D. Sancho Manoel! *(com gravidade grotesca)* Lindo feito d'armas! Não se disparou um tiro!

2.º PASTOR

Tinha bôa guarnição...?

GIL BARROCA

Un alferes... e sete soldados! O nosso mestre de campo concertou o mantéu á balona, compoz a guedelha ruiva, chegou, viu e venceu.

BRISTO, do fundo

Olha que era difficil!

GIL BARROCA

Mas ha um successo a lastimar! D. Sancho Manoel perdeu, pela aspereza da serra... uma das agulhetas d'oiro da liga...

1.º AMIGO

Devéras?

1.º PASTOR

Eu fui mais modesto... Perdi um pedaço da perna!

MEM ROSADO

Fernão Telles já chegaria a Valverde?

Ouvem-se tiros, longe.

GIL BARROCA

Parece que sim. E o governador, o grande Braz Garcia?

3.º PASTOR

Está na atalaya.

1.º AMIGO

Vigiando sempre...

1.º PASTOR

O vosso D. Sancho Manoel devia de aprender com elle. Deixou pela fortaleza um cheiro a mulher, que é da gente tapar os narizes!

GIL BARROCA

Para vós outros não ha valente sem que traga samarra e monteira de pelles! Cuidaes que o melhor soldado é o pastor de cabras e que a sordidez é a maior virtude! *(pavoneando-se)* O que se quer é galanteria... Muita galanteria!

1.º PASTOR

Olha lá...! Onde compra elle os pivêtes, para a gente se perfumar tambem?

Ouvem-se tiros d'arcabuz, fóra.

MEM ROSADO

Começa de estoirar a dalcanbuzada! Má vae ella!

GIL BARROCA, tirando um papel do gibão

Trago aqui uma ordem de D. Sancho Manoel para o governador...

1.º PASTOR

Olha... Elle está na atalaya.... Sáe da praça e vae até lá! *(os tiros rodobram)* Ouves como os peloiros dão nas tranqueiras, lá fóra? Agora é que é valentia sahir!

GIL BARROCA

Para me esfuracarem o coiro!

1.º PASTOR

Não queres ir? Pois dá cá a ordem! *(tira-lh'a da mão)* Vou eu!

MEM ROSADO

E a manqueira... ?

1.º PASTOR

Ao depois, dize ao teu amigo D. Sancho Manoel que differença vae da minha samarra ao seu gibão de droga rica! *(sahindo, a coxear)* Não te esqueças, hein?

GIL BARROCA, vexado

Não! Elle conhece a Companhia dos leões... Sabe a que fanfarronadas estão vesados os cabreiros da serra!

3.º PASTOR, apontando uma fresta, ao fundo

Vês aquella luzerna? É por ali que os cabreiros botam ao fosso as rezes gafeirentas!

MEM ROSADO, ao ouvido de Gil Barroca

Cautéla!

GIL BARROCA, aos pastores

Isto é da bocca para fóra... Falar para passar o tempo... *(para Mem Rosado, apontando o tambor)* Chega-me d'ahi a távola... *(tomando os dados)* Vamos a tafular um bocado!

BRISTO, acudindo, do fundo

Eh, lá! (*tirando-lhe o tambor*) Estive a afinal-o...

GIL BARROCA, querendo arredar Bristo

Tir'te, rã charqueira!

BRISTO, levando o tambor

No chão, no chão, que é bôa távola de dados!

SCENA TERCEIRA

OS MESMOS e UM PAGEM de estrado

3.º PASTOR, vendo entrar o pagem com um brazeiro de prata sobraçado

Que diabo é isso?

2.º PASTOR

Deixa vêr!

GIL BARROCA, indo até junto do pagem

Olá! Um brazeiro de prata...!

O PAGEM

É para o pae do senhor governador, mais para aquella dona que veio com elle...

GIL BARROCA, tomando o brazeiro

Ah! Para a alcachofrasinha florída aquecer o pé?

MEM ROSADO, olhando o brazeiro

Todo lavrado de ámagos e com seus esteios ao redór...!

GIL BARROCA, dando o brazeiro ao pagem

Olha lá... Onde é que dorme o senhor governador?

O PAGEM

Dorme fóra da praça, na atalaya...

GIL BARROCA, com perfidia

E quando não dorme na atalaya? Não vem aquecer os pés ao brazeiro de prata...?

O PAGEM

Não entendo o que dizeis... *(sahindo)* Ficae com Deus.

3.º PASTOR, agarrando Gil Barroca

Olha a luzerna, meu rásca-piolho! Vaes por ella abaixo!

GIL BARROCA, debatendo-se

Que é lá...?

MEM ROSADO, aos pastores

Largae-o!

2.º PASTOR

Tens mais peçonha na lingoa...!

GIL BARROCA, com um riso amarello

Isto é falar... Para passar o tempo...

Ouve-se um grande tiro e o som cavo d'um peloiro dando em resguardo de terra

1.º AMIGO

Eia!

MEM ROSADO

É peloiro de bombarda!

GIL BARROCA, com os seus botões

De que eu me livrei!

3.º PASTOR

A modo que deu no resguardo de terra!

2.º PASTOR, vendo o clérigo que vem fugindo, espavorido

Olha o clérigo do montante! Como elle foge agora!

Risos e chufas

1.º AMIGO

Toca a andar, a vêr o que foi!

Sahem pelo fundo esquerdo.

SCENA QUARTA

GIL BARROCA e MEM ROSADO

MEM ROSADO

Então...? E D. Sancho Manoel?

GIL BARROCA

Engou para ali. Não ha quem lhe tire a moça do sentido. Deu-lhe o raivaço em doidice! Não fez senão repetir-me: aquella graça... aquelles dedinhos que são dez espadas de prata... o sorrir... o andar...

MEM ROSADO

E tu...?

GIL BARROCA

Eu... ouvia-o. Diz que tem grande medo de a vir a amar sériamente...

MEM ROSADO

Quê...?

GIL BARROCA

Diz elle!

MEM ROSADO

Não acredites. D. Sancho Manoel, em capitulo de amores, conhece quando muito... o amor proprio. É verdade... *(com interesse, baixo)* E a carta do Maçacão?

GIL BARROCA

Lá lh'a dei. Foi em seguida que elle me entregou aquella ordem...

MEM ROSADO

E a ordem, lêste-a?

GIL BARROCA

Não li. Vinha fechada. Sete obreias!

MEM ROSADO

Por essa carta póde provar-se o crime de traição...?

GIL BARROCA

Prova-se, pelo menos, que o Braz Garcia, governador da praça de Alfaiates, teve trato de

bôas palavras com o governador d'uma praça castelhana...

MEM ROSADO

Então, é de verdade um falsario... um traidor!

GIL BARROCA, sorrindo

Qual traidor! Não entendes...? A carta não é d'agora... É velha de quatro annos... Quando o Braz Garcia a escreveu, ainda não havia a guerra... Era tão natural que elle tivesse trato com o Maçacão, como tu commigo!

MEM ROSADO, com espanto

Ah!

GIL BARROCA

Quiz a fortuna, ao depois, que um fosse governar uma praça castelhana e o outro uma praça portugueza... De geito que fazendo passar a carta velha como sendo escripta d'agora... Entendes? O que era a coisa mais costumada do mundo, toma côr de traição e de falsidade...

MEM ROSADO, com certa repugnancia

Mas é preciso que...

GIL BARROCA, atalhando

Mal vae a quem cura de escrupulos, amigo! Antes escudella d'oiro com deshonra, do que morrer de fóme honradamente. A gente não come honra; nem foi a honra que me deu este gibão de capichuéla e estas meias de Toledo!

MEM ROSADO

E que dizia a carta...?

GIL BARROCA

Falava do açafrão da serra da Louzã, da albergagem dada por elle em Hespanha a Braz Garcia... Coisas de pouca monta!

MEM ROSADO

Não ha sombra de traição, por conseguinte...!

GIL BARROCA

Não... Mas é preciso fazel-o acreditar aos outros! Será uma nodoa na honra da famosa companhia dos leões... Vingo-me... e atiro barro á parede!

MEM ROSADO

Atiras barro á parede...?

GIL BARROCA

D. Sancho Manoel bebe os ares pela filha da Brazia. Mas a corpo de meu que a não cólhe sem dar cabo do Braz Garcia, que é folha velha, e roim para inimigo... Pois bem! Dou eu cabo d'elle, urdindo tecedura d'onde lhe vem a perda! Presto um serviço a D. Sancho Manoel e ganho-lhe as boas graças. Melhor é amigo na praça que oiro na arca. Atiro barro á parede. Até sou capaz de lh'a levar a casa acamada. Tenho bojo para tudo! Ao depois, o resto é sabido... Vem a saciedade, com a saciedade o fastio, com o fastio o enfado. É o que diz o Calderon, que aqui trago no gibão...

El mayor bien es pequeño,
Que toda la vida es sueño
Y los sueños, sueños son..

O leito de D. Sancho Manoel a rejeital-a, e eu a mettel-a no meu. Entendes? É o que é preciso, meu amigo... Atirar barro á parede!

MEM ROSADO

Assim como assim, os homens honrados não fazem nada n'esta terra...

GIL BARROCA

Vê tu... Eu!

MEM ROSADO

Nós...

GIL BARROCA

Chamo-a a mim com tres finezas d'essas que são prata quebrada, deito-a em cama de rosas, e quando tambem me tivér enfadado... passo-t'a!

MEM ROSADO

Obrigado, mas... *(com um gésto de desdem)* Eu, mulheres... Bem sabes...!

Ouvem-se tambores, fóra.

GIL BARROCA

Ahi vem Braz Garcia!

MEM ROSADO

Agora, caluda!

GIL BARROCA

Nem palavra! Ser cascavél de chumbo... Badalar muito, e não dar som nenhum!

SCENA QUINTA

OS MESMOS, BRAZ GARCIA, BRISTO, PASTORES

Braz Garcia entra, de coura caprina vestida sobre almilha de riço pardo, espada de ferro e sombreiro esburacado por uma bala. Bristo, que traz o tambor, aparta se e rufa.

BRAZ

Quem trouxe esta ordem?

GIL BARROCA

Fui eu. Do mandado de D. Sancho Manoel, que acaba de fazer presa do castello d'Elges.

BRAZ, com fingida surpreza

Foste tu? Cuidei que era um homem com ambas as pernas quebradas... *(espanto de Gil Barroca)* porque teve um manco de m'a levar á atalaya! Os mosquetes biscaínhos estoiram rijo, não é verdade? Pois o meu sombreiro de castor é menos covarde do que tu! Afrontou a rociada, deu-lhe um peloiro na aba... e nem me cahiu da cabeça!

2.º PASTOR

Tóma!

GIL BARROCA, fanfarrão

Por Deus, que me trataes de medroso, como se eu o fôra! Lá porque estoira mais rijo a arcabuzada, não é um soldado de Flandres que abana ao vento dos peloiros!

1.º PASTOR

Palanfrador!

1.º AMIGO

Fanfarrão!

3.º PASTOR

Lingoa damnada!

GIL BARROCA

Cuidaes que é alguma Africa o ir d'aqui á...

BRAZ, intencionalmente, atalhando

Estava a lêr o meu Lope de Véga... Mas esqueci-me de trazel-o. Se não é Africa nenhuma o ir d'aqui á atalaya... *(tornam-se a ouvir os tiros)* vae-m'o tu lá buscar!

GIL BARROCA, afflicto

É que... Mas... *(lembrando-se de repente do livro que traz no gibão e offerecendo o a Braz Garcia)* Não preferís lêr Calderon...?

BRAZ, atirando-lhe o livro aos pés

Sabes o que é d'uso fazer aos covardes? Põe-se-lhes á cinta uma róca!

OS PASTORES

A róca! A róca!

VOZES, apupando Gil Barroca

Barzoneiro!—Bargantão!—Covarde!

Sahem alguns pastores e soldados, chasqueando e mofando de Gil Barroca. Mem Rosado sáe tambem.

SCENA SEXTA

BRAZ GARCIA e PASTORES

BRAZ, desdobrando a ordem

Ordem de D. Sancho Manoel para que nem eu nem viv'alma sáia d'esta praça, emquanto elle não voltar...

1.º PASTOR, com desprezo

Ah! É do homem que cheira a incenso...!

2.º PASTOR

Do que perdeu a pontinha d'oiro da liga...

3.º PASTOR

Do que traz guedelha e ronca de valente!

BRAZ, chamando

Bristo! Vae por meu pae e dize-lhe que o aguardo aqui. *(Para os pastores)* Fiz mal em acceitar o governo da praça. Melhor fôra que me tivesse quedado, rei humilde, pela serra agréste. Não sou caroável de dar ordens nem de recebel-as. E então, de quem! O meu juramento foi cumprido. Enriqueci os que empobreceram, enchi de gado os curraes, dobrei as leiras de pão, e as mulheres que padeceram deshonra casei-as ricas e honradas... Podiamos ter voltado, socegados de consciencia, vós á guarda dos vossos rebanhos...

2.º PASTOR, com lagrimas nos olhos

Os nossos rebanhos!

BRAZ, continuando

Eu á luz d'um regaço que me esperava...

1.º PASTOR.

Manhãs de sol, levando o gado...

3.º PASTOR

Nossa Senhora velando por elle... e por nós...

2.º PASTOR

E a volta, quando as estrellas apontavam...

1.º PASTOR

Avé Marias... Nós de joelhos na terra... Até parecia que os rebanhos ficavam tambem resando...

BRAZ, commovido, para os pastores, que a custo conteem as lagrimas

Não... Não é vergonha chorar...!

SCENA SETIMA

BRAZ GARCIA e MARIA

MARIA, entrando, seguida de Bristo

Mercês pelo vosso brazeiro de prata... As noites aqui são tão frias...

BRAZ

Ah! És tu...?

OS PASTORES, sahindo

Senhora...

MARIA, olhando-os

Teem lagrimas nos olhos...

BRAZ

É a saudade...

MARIA

A saudade! *(lembrando-se)* Tambem eu tenho muitas saudades de minha mãe... Estive hoje bordando... Lembrei-me de quando ella me ensinava a bordar os garavins de fio d'oiro... Tão bôa, tão minha amiga...

BRAZ

Meu pae, não estava?

MARIA

Vosso pae foi em meu serviço... Quiz elle mesmo ir buscar as torgas para accender o brazeiro... É torgas que se diz, não é? Ai se eu esta noite não tivesse frio! *(com modos de mimosa)* Vosso pae, com o não ser meu noivo, mais me galanteia do que vós...

BRAZ

Quero crêr... Esta vida que lévo é tão rude...!

MARIA

Passam-se dias e dias que vos não vejo... Nasce o sol, pôe-se o sol... Sempre escondido n'essa atalaya maldita... A cada tiro que oiço cobre-se-me o coração... *(reparando no sombreiro de Braz e arrancando-lh'o vivamente da cabeça)* Ah! Que foi isto? Foi uma bala! Por um triz que vos não mataram!

BRAZ

Não... Não foi... *(mettendo o dedo pelo buraco do sombreiro)* Fui eu... com o dedo...

MARIA

Quereis-me tanto, e escondeis-me sempre a verdade...

BRAZ

Que livro é esse que trazes na mão?

MARIA

É o *Flos Sanctorum*... Tão lindas, as vidas dos santos!

BRAZ

E que santo lias tu?

MARIA

O santo mais da minha devoção...

BRAZ

E qual é o santo mais da tua devoção?

MARIA

Curioso! *(fechando o livro)* Pois não haveis de vêr!

BRAZ, tirando-lhe o livro da mão

Fechaste o livro... mas deixaste o signal...

MARIA, sorrindo

Foi de proposito...

BRAZ, que tem aberto o livro

Ah! São Braz... O santo do meu nome!

MARIA

Já sei de cór a vida d'elle...

BRAZ

De cór...?

MARIA

Não acreditaes? Pois sei... *(pondo os olhos em alvo, como que para se ir lembrando)* «São Braz, bispo

e martyr, foi martyrisado na cidade de Sebasto, o qual resplandecendo com toda a mansidão e virtude, os fiéis o elegeram por bispo... *(falhando-lhe a memoria)*... por bispo...».

BRAZ, que vae seguindo a escriptura, ajudando-a

«Mas crescendo...»

MARIA

«Mas crescendo a perseguição contra elle, se foi ao ermo morar em uma cova do monte Argeu...»

BRAZ

«...fazendo vida...»

MARIA

«... fazendo vida solitaria. As aves lhe traziam de comer e as féras bravas vinham a elle e d'elle se não apartavam até que as abençoasse...» *(com muita alegria)* Não sei? Não é verdade que sei...?

BRAZ, tomando-lhe as mãos

És toda a luz que me alumía...!

MARIA

E vós... uma féra brava! Sempre fugido por tão longe, emquanto vos estou cuidando... Não

quero que vos aparteis de mim, ouvís? sem que eu primeiro vos lance a benção, como São Braz ás féras bravas...

BRAZ, encantado

Féra que tão présto amansa!

MARIA

Sempre n'essa atalaya maldita... E de noite, as sortidas por terra de Hespanha... Vêr-vos ensanguentado...

BRAZ

Descança, meu amor... Isto ha de acabar. Estou mais resolvido do que nunca a deixar esta vida, que me faz rude como eu não quizéra ser...

MARIA, cheia de contentamento

De verdade?

BRAZ

Já tinha cobrado algum amor a estas pedras... Mas é tempo...! Tornaremos aos fraguedos da serra, onde tudo é branco e puro... Esses pobres pastores voltarão a tanger os seus pandeiros, e os sinos hão de repicar... *(achegando-a a si)* no dia do nosso casamento! Será uma alegria por toda a serra! As velhas irão vêr o seu menino, muito

garridas nas vasquinhas de côr, e aquelles a quem vinguei e enriqueci hão de beijar-me as mãos e molhar-m'as de lagrimas...

MARIA

O nosso casamento...! Como ha de ser lindo! As pastoras bailando, e eu bailando com ellas... Muitos sinos, muitas flôres, muita alegria!

BRAZ

Tu é que me has de outra vez ensinar a amar-te... Debaixo da luz do teu olhar, farei os primeiros versos do meu poema...

MARIA

Um poema...?

BRAZ

Sim... Um poema que trago em pensamento, ainda vago e sem fórma... A minha alma repoisará nos teus dedos d'oiro, e tu lhe irás dizendo, de mansinho, o que eu hei de escrever...

MARIA

Muito ao pé um do outro, sósinhos os dois... E longe... muito longe da terra...

BRAZ, olhando Maria que, no gesto que faz, eleva a mão diante da réstea de sol que entra por uma frésta

Como a tua mão é côr de rosa, assim voltada para o sol!

SCENA OITAVA

OS MESMOS, MARCOS e BRISTO

MARCOS, que entra, trazendo uma abada de torgas e de lenha

E aqui ando eu, de lenha de ervedeiro no regaço, á cata da ovelhinha gravisca que me fugiu do curral...!

MARIA, assustada

Ah! *(abrindo o livro e lendo, entre risos, as primeiras palavras da vida do santo)* «São Braz, bispo e martyr, foi martyrisado na cidade de Sebasto...» *(saltando ao pescoço do velho)* Como eu estou contente! Como eu estou contente!

MARCOS, largando a lenha sobre um escabéllo

Contente porquê, minha tonta...? *(para Braz, acariciando Maria)* Fôram os meus peccados que tu me trouxéste! Não vês que eu não tive nenhuma filha...

BRAZ

Mandei o Bristo por vós, ainda agora, e vae amanheceu-me ella...

MARCOS

Tinhas mandado por mim...?

BRAZ

Tinha... Para dizer-vos que...

MARIA, muito alegre, atalhando

Para dizer-vos que se quer tornar á aba da serra, com os seus pastores, e quedar em socego para todo o sempre...

MARCOS, com alegria

Tu...?

MARIA

Elle, sim! Nunca mais vestirá esta feia coura, nem voltará cheio de sangue... Olhae... *(apontando o sombreiro de Braz)* Isto foi uma bala!

MARCOS

Então sempre é verdade que tu...? É a alva do dia que entra na alma de tua mãe! Pobre santinha, que por lá ficou morta de saudades! *(extranhando)* Mas assim tão de repente...!

BRAZ

Quero falar-vos a sós.

MARCOS

Ah! *(a Maria)* A minha maiasinha enfeitada vae para adonde esteja em mais agasalho... *(chamando)* Bristo!

BRISTO, que tem estado a descer o guião

Uma bandeira de campo tão linda e broslada por mãos tão ricas...! Olhae o que os peloiros lhe teem feito!

MARCOS

É verdade!

BRAZ

Está um crivo...!

MARIA, tomando-a nas mãos

Tão feia a acharam os inimigos! Ao menos, ainda se enxérgam as palavras que eu lhe bordei a oiro de bastidor... «Companhia dos leões...»

MARCOS, a Maria

O Bristo vae comtigo.

MARIA, a Braz

Não quereis que a léve, para a compôr...?

BRAZ

Não... Póde-me ser precisa...

MARIA, insistindo

Amanhã vol-a trazia...

BRAZ

Póde-me ser precisa ainda hoje... Tu sabes, meu amor, que nunca saio a campo sem a ter beijado...

MARIA

Então, adeus... *(com mimo, a Braz, que lhe beija os dedos)* Se eu esta noite não tivesse frio...!

MARCOS, a Bristo

Estas torgas e esta lenha de ervedeiro... Está lá um brazeirosinho de prata...

BRISTO, para Maria, levando a regaçada de lenha

Vamos, senhora...

Sahem Bristo e Maria

SCENA NONA

BRAZ GARCIA e MARCOS

MARCOS

Então...?

BRAZ, dando-lhe o papel

Esta ordem...

MARCOS, lendo

Ordem de D. Sancho Manoel, mestre de campo da Beira... Que ninguem saia da praça... haja o que houver... até que elle volte... *(deixando descahir o papel)* Extranhavel ordem!

BRAZ

Cioso das miseras glorias que eu porventura colheria n'uma sortida...! Não póde ser outra coisa...

MARCOS

Que outra coisa poderia ser...? Ah! Meu filho! Tu fizeste mal em acceitar o governo da praça...

BRAZ

Se m'a deram em paga dos meus serviços!

MARCOS

Roím paga! Uma praça em ruinas... que todos rejeitavam...

BRAZ

Assim devia de ser. Perguntou-me el-rei que praça queria eu... A resposta foi precisa: Aquella em que melhor se morrer! Deram-me esta... É natural.

MARCOS

A mais perigosa de toda a Beira...!

BRAZ

Bacorejo que hei de ter mais que me guardar dos naturaes que dos proprios inimigos... *(com amargura)* O peor foi cahir debaixo das ordens de quem eu nunca devêra recebel-as...

MARCOS

D. Sancho Manoel é fidalgo! Déve de ser generoso...

BRAZ

Generosidade! N'uma creatura sangoenta d'odios contra mim! *(olhando o papel)* Eu bem n'o sinto... Ha qualquer coisa n'estas palavras... Qualquer coisa...

MARCOS

O brilho de um nome, que apaga o d'elle...

BRAZ

E o amor d'uma mulher, que elle deseja...! Voltarei ao que era... Á paz da serra, entre humildes... Tudo quanto não seja bater-me de cara descoberta, não é decididamente do meu agrado!

SCENA DECIMA

OS MESMOS e BRISTO

BRISTO, que volta, rindo e trazendo nas mãos um sapo morto

Ah! ah! ah!

MARCOS

De que é que tu rís, Bristo?

BRISTO

Um sapo! Achei agora um sapo morto! Vêde!

MARCOS

Um sapo...?

BRISTO, amostrando-o e olhando enternecidamente o sapo

Vêde o que era de lindo! Mal aventurado! Comia lagartas, abria buracos na terra, fugia

do sol... Os homens tinham-lhe asco e apedrejaram-n'o... Era como eu... Tambem a mim me apedrejaram um dia... *(muito alegre)* Vou fazer-lhe um rico enterro...!

BRAZ

Enterrar o sapo, Bristo...?

BRISTO

Sim, o sapo... É cá dos meus... É cá da familia...

MARCOS, muito commovido

Coitado! *(para Bristo)* Vae, vae...

BRAZ, seguindo Bristo com os olhos

Pobre tonto!

MARCOS, rindo

A mãe era cabra, o pae arcebispo... Coitado! Coitado!

SCENA DECIMA PRIMEIRA

OS MESMOS, GIL BARROCA, MEM ROSADO
OS PASTORES, SOLDADOS

VOZES, fóra

Arma! Arma!

BRAZ

Por Deus!

MARCOS

Gritos de appellído!

VOZES, fóra

Arma! Arma!

Os sinos tocam a rebate; ouvem-se tiros.

BRAZ, aos pastores e soldados que veem entrando

Que é lá?

3.º PASTOR

Os castelhanos saquêam e derrubam a aldeia da Ponte!

Tiros, grita confusa, vozes de misericordia.

1.º AMIGO

É gente de João de Garay!

2.º PASTOR

É gente de Francisco de Hiraço! Veem de Albergaria!

MARCOS

Tocam os sinos a rebate!

MEM ROSADO

É a resposta á presa d'Elges!

BRAZ

Que os piqueiros me aguardem na praça do rebelim! Que se apréste a artilheria dos travézes! A manga de arcábuzeiros irá commigo!

MARCOS, com afflicção

É a ordem, meu filho!

BRAZ, a alguns soldados que se iam apartando, a dar as ordens

Esperae! *(todos ouvem, religiosamente)* Antes de partir, dir-vos-hei que recebi ordem do mestre de campo D. Sancho Manoel para não sahir da praça...

2.° PASTOR

Que tem lá D. Sancho Manoel!

1.° AMIGO

Abaixo a ordem!

1.° PASTOR, entrando

Abrazam a egreja! Não poupam mulheres nem creanças!

BRAZ

Qual preferís? Sahir a soccorrel-os quanto antes, ou obedecer a uma ordem vergonhosa e deixar morrer ás mãos de castelhanos um povoado inteiro?

OS PASTORES

Sahir da praça!—Dar n'elles!—Sem demora!

MEM ROSADO

Não, que é desobedecer!

BRAZ

É desobedecer á vontade d'um homem para obedecer á vontade de Deus!

GIL BARROCA

Que vamos nós lá fazer contra mil infantes e duzentos de cavallo!

2.º PASTOR

Cála a rascoíce!

3.º PASTOR

Os covardes não falam!

MARCOS

Não oiças as palavras erradas da paixão; ouve a tua alma, filho!

BRAZ

Sahiremos da praça! *(aos soldados)* As ordens que eu dei, que se cumpram sem demóra! Que os piqueiros botem os estrépes e os cavallos de frisa diante do fosso da meia lua! *(os soldados sahem a dar as ordens; Braz Garcia põe o morrião de ferro e guarda no peito a bandeira de damasco vermelho depois de a ter beijado)* Meu pae! Beijae-a por mim!

MARCOS, abraçando-o

Deus vá comtigo, filho!

BRAZ, aos pastores, erguendo a espada

Meus irmãos! Ao primeiro d'elles que recuar, matae-o!

MARCOS, seguindo o filho com os olhos

O senhor vá com elle!

SCENA DECIMA SEGUNDA

MARCOS, BRISTO, MARIA

BRISTO, seguindo Maria e tentando assocegal-a

Aquedae, senhora...

MARIA, transida

Estes gritos... Esta aldeia em brazas...!

MARCOS, abrindo-lhe os braços

Filha!

MARIA

Vi lá de cima... Por uma lumieira... *(soltando-se de Marcos)* Adonde está elle...? Foi tambem...? Oh, meu Deus!

MARCOS

Então...! Aquéda, minha filha! Então... Já não é a primeira vez... É preciso ter coragem!

BRISTO, junto do arco, vendo o que se passa lá óra

Os piqueiros ficam na meia lua... E os outros... Lá vão os outros! A fumarada mal deixa lobregar...

MARIA

Deixae-me vêr, ao menos... Quero vêl-o uma vez ainda... Não sei o que me adivinha o coração!

MARCOS, sustendo-a

Não... As vezes, um peloiro perdido... *(dando-lhe alento)* Coragem! Eu tambem sou pae, e... *(vencendo a commoção)* Coragem!

BRISTO, olhando

Os arcabuzeiros acoitam-se n'um vallo...!

MARIA

As lastimas da pobre gente! Vi a aldeia em brazas!

MARCOS

Sacrílegos! Atreverem-se! Tão perto dos muros da praça!

O rumor cresce. Tiros, tinir d'armas.

BRISTO

D'ahi! D'ahi é que é dar n'elles! *(com espanto)* O gado que lévam de prêsa! *(com enthusiasmo)* Eia! Arrancar-lh'o, e depois... ponte de prata!

Ouve-se a primeira descarga cerrada.

MARCOS e MARIA, abraçando-se, cheios de pavor

Ah!

A hástea do guião cáe, despedaçada por um peloiro.

BRISTO, recuando

Um peloiro... Zuniu-me ao ouvido...!

MARCOS, como que interrogando-se

Teria sido agora...?

BRISTO, para Marcos

Olhae... Madre de Deus da Lapa! Quebrou em duas a hástea do guião!

Dirige-se para a luzerna, empoleirando-se n'um escabello. Segunda descarga.

MARCOS

Senhor Deus!

MARIA

Virgem Santissima!

BRISTO, olhando

A cavallaria castelhana, que vem sobre os nossos piqueiros! *(desviando a cara, com horror)* Ah!

O CLERIGO, apavorado, vindo acoitar-se n'uma especie de nicho que ha n'uma das paredes, e enclavinhando as mãos

Sana me Domine, quoniam conturbata sunt ossa mea...

VOZ DO 1.º AMIGO, fóra

Que as bombardas rompam fogo!

SCENA DECIMA TERCEIRA

OS MESMOS e o 1.º AMIGO

1.º AMIGO, entrando, pelo arco do fundo esquerdo

Está tudo perdido! É melhor fugir!

MARCOS, erguendo-se, com Maria desmaiada nos braços

Quem fala aqui em fugir? O meu filho está morto?

1.º AMIGO

Nem eu sei... Roçou-me um peloiro de mosquete por uma ilharga... Mal posso andar...! Não ha esperança nenhuma!

MARCOS, desvairado e acceso em ira, arrastando Maria até ao fundo e bradando para fóra

Sacrílegos! Assassinos! Covardes!

BRISTO

Que desgraça!

1.º AMIGO

A cavallaria castelhana derrubou os piqueiros... A manga d'arcabuzes foi dizimada pelos mosquetes biscaínhos... Ficou só em campo a companhia dos leões... Os pastores batem-se corpo a corpo...!

MARIA, cheia de horror

Virgem Santissima!

1.º AMIGO

Como leões verdadeiros!

MARCOS, com angustia

E o meu filho...? O meu filho?

1.º AMIGO

Ainda o vi, á frente d'elles, a espada nua, a cara ensaguentada...!

O CLERIGO, transido

Salvum me fac, propter misericordiam tuam...

VOZES, fóra

Victoria! Victoria!

BRISTO, olhando pela frésta

Victoria! Os castelhanos fogem! A companhia dos leões acossa-os!

MARCOS

Ah!

1.º AMIGO, ao fundo, olhando

Braz Garcia! Lá vem! Victoria!

MARIA

Elle!

MARCOS

Deus seja louvado!

MARIA, cancelando as mãos

Salvè Rainha, Mãe de Misericordia...

BRISTO, cheio de alegria, fazendo menção de bailar

Dona do sayo amaréllo,
Ai que mão vos despirá!

Rumor enorme; grita confusa; vozes de victoria.

SCENA DECIMA QUARTA

OS MESMOS, BRAZ, GIL BARROCA, MEM ROSADO, PASTORES, etc.

VOZ de BRAZ, fóra

Victoria!

OS PASTORES, fóra

Victoria!

MARCOS

Foi Deus que os trouxe!

VOZ de BRAZ, com firmeza, fóra

Atravancae de ceirões o portal de leste, que foi alvo da arcabuzada! Trazei os mortos! Reforçae a guarda da atalaya!

Entra Braz Garcia, roto, lastimoso, coberto de sangue, seguido de pastores, arcabuzeiros e piqueiros, no mesmo estado. São vencedores que parecem vencidos. Cobertos de sangue e de terra, mas alegres.

Sobre uns ramos d'arvore veem os mortos: entre elles, o 4.º pastor. Entram despojos de batalha, alfayas, armas, cabeças de gado.

MARCOS, abrindo os braços ao filho

Braz! Meu filho!

MARIA, indo para elle e encarando-o

Jesus! Ferido!

OS PASTORES

Victoria!

1.º PASTOR

A Virgem da Estrella foi comnosco!

BRAZ, ajoelhando aos pés de Maria e tirando do seio a bandeira de damasco vermelho

Vês, meu amor? Sabia que tu querias compôl-a e não a larguei das mãos!

MARIA

Mataram-te!

MARCOS

Coberto de sangue!

2.º PASTOR

Foi arca por arca e á mão tente, Bristo!

3.º PASTOR

Démos n'elles, com a ajuda de Deus, que foi um contentamento vel-os cahir de bôrco!

O CLERIGO, sahindo do nicho onde se acoitára e vindo para o meio dos pastores, a arrotar valentia

Bravura, a nossa!

1.º PASTOR

Fui manco, e até parece que venho sarado!

2.º PASTOR

A prêsa de gado que levavam, arrancámos-lh'a das mãos!

BRAZ

São uns valentes! *(para os pastores)* Abraçae-me! Abraçae-me todos!

MARCOS, para Maria, olhando o filho

Como elle é grande!

MEM ROSADO, a Gil Barroca

E tu, que fizeste?

GIL BARROCA

Eu...? O mesmo que fiz em Flandres e na Italia... Vi!

MARIA, a Braz

Estás a escorrer sangue... Vem, por Deus... Deixa tudo... Vem...!

BRAZ

Só um momento! *(Indo até ao fundo, abeirando-se do cadaver do 4.º pastor e descobrindo-o)* Pobre Thiago! Um peloiro de colibrina rachou-lhe o craneo d'alto a baixo! *(tristemente)* Este, já não tangerá o seu pandeiro no dia do nosso casamento!

O CLERIGO

Que victoria!

BRAZ, ao clerigo

E tu, frade de pedra, despe essa coura e essas armas que te envergonham e resa pelos mortos, conforme é vêso de christãos!

Ouve-se, fóra, uma marcha de trombetas e atabales.

GIL BARROCA, a Mem Rosado

É D. Sancho Manoel! Chegou a hora!

MARCOS

D. Sancho Manoel!

MARIA

Meu Deus!

BRAZ

Vem lançar-me em rosto a desobediencia! Saberei responder-lhe, descançae!

3.º PASTOR, olhando

Vestido d'oiro, e nós... de sangue!

VOZ, fóra

Praça ao mestre de campo D. Sancho Manoel!

BRAZ, a Marcos

Meu pae! É melhor leval-a...

MARIA

Não. Ficarei.

SCENA DECIMA QUINTA

OS MESMOS, D. SANCHO MANOEL, alguns FIDALGOS, TROMBETEIROS e ATABALEIROS

Entra D. Sancho Manoel, preciosamente vestido e trazendo sobre as espáduas um rico mantão de brocado flamengo. Contraste enorme com a sordidez sangrenta de Braz e dos pastores. Com D. Sancho entram alguns fidalgos, vestidos tambem com riqueza, trombeteiros e atabaleiros.

BRAZ

Perdoae o receber-vos tão escassamente ataviado...!

SANCHO, relanceando os olhos até Maria e voltando-se depois para Braz

Vim até vós...

BRAZ, atalhando

Bem sei. Pela clareira que vos abrí...

SANCHO, vivamente

Desobedecendo!

BRAZ

E por Deus, que se não fôra a desobediencia não terieis podido passar!

SANCHO

Teria aberto caminho, á força d'armas!

BRAZ

E ficarieis tão esfarrapado e coberto de sangue como eu. O vosso mantão de brocado flamengo o a vossa luzída vestidura que vos agradeçam!

SANCHO

A minha espada sabe defender tão bem a carne do meu arcaboiço como as demasias do meu vestido!

BRAZ, intencional

Excepto... quando vos cáe da mão!

SANCHO

Basta! Vim até vós, porque me apraz fazer-vos conduzir á torre de Sabugal e pôr-vos a ferros como réu d'alta traição!

MARIA

Ah!

MARCOS, arrancando da espada e crescendo para D. Sancho

Engulireis o insulto!

OS PASTORES, querendo arremessar-se para D. Sancho

Pela Virgem!

BRAZ, atravessando os braços em cruz diante d'elles e sustendo-os

Por Deus, aquedae! Deixae vêr no que dá a farça!

SANCHO, olhando os pastores

É então esta a famosa companhia dos leões? Lastimo-a. Era digna de melhor sorte... e de melhor capitão!

BRAZ, com violencia

Explicae-vos! Com que direito, vós, que vindes custoso de télas e d'oiro, mulherengo e vestido de vaidade e de insensatez, falaes de traições a um homem ensanguentado ainda e coberto de chagas por amor da terra onde nasceu? Com que direito?

MARCOS

E não se alevantam as pedras!

SANCHO, desdobrando um papel

Com o direito que me dá esta carta...

GIL BARROCA, a Mem Rosado

A carta do Maçacão!

SANCHO

... Encontrada entre os vossos papéis. Por ella se vê que o governador da praça de Alfaiates tem tratos occultos e commercio de bôas palavras com o governador d'uma praça castelhana!

MARCOS, vibrante

Mentís! *(vendo que D. Sancho se quéda immovel, sorrindo)* Covarde!

MARIA

Que horror!

BRAZ

Essa carta! *(arranca-lh'a das mãos)* Não vol-a despedaço...

SANCHO, com violencia, atalhando

Acautelae-vos!

BRAZ

Porque a quero, para minha defeza! *(agitando nervosamente a carta)* Este homem albergou-me em Hespanha, teve mostranças de amizade para mim... Com elle troquei algumas cartas... Esta foi a ultima, e é já velha de quatro annos, que menos tempo não tem de escripta! Quem a recebeu não foi o governador da praça da Alfaiates; foi apenas Braz Garcia, que ao tempo representava autos de devoção pela serra! Tratos occultos? Mas que palavras ha aqui, por Deus, que possam levantar suspeita de traição?

MARCOS

Infames!

SANCHO

E como provareis que não foi escripta d'agora... se não ha data que o mostre?

BRAZ, rude e altivo

Com o olhar, que é límpido! Com a consciencia, que é forte!

SANCHO

Entregae a vossa espada!

MARIA, transida

Não...! Não...!

MARCOS

Filho!

1.º PASTOR, com lagrimas de raiva

Pela Virgem! Deixae-me estrafegal-o, como se estraféga um lobo!

3.º PASTOR

Ensanguentar-lhe a gorja entre os dedos!

BRAZ, aos pastores, sustendo-os; cheio de amargura

Perdoae, meus irmãos, o terem-vos dito na cara que algum dia entre vós houve um traidor!

SANCHO, a Gil Barroca e Mem Rosado, olhando Maria

Até a acho linda quando me olha com odio!

BRAZ

Deus sabe se quiz de todo o coração á minha terra e quanto sangue dei por ella! *(tirando a espada e rojando a aos pés de D. Sancho Manoel)* Ahi a tendes! É de ferro, de quatro palmos e soldadesca. Vale bem, a olhos fechados, todo o oiro e pedraría da vossa! *(para os pastores)* Quando vos lembrardes de mim, tenho fé em que o fareis com saudade e amor...

SANCHO, a Mem Rosado, olhando ainda Maria

Suspeito que perdi hoje a minha maior batalha...

MEM ROSADO

Porquê, senhor?

SANCHO

Parece-me que a amo!

BRAZ, a Marcos, com angustia, olhando Maria

E agora, quem a defenderá, quem a guardará, quem velará por ella...?

MARCOS, apertando Maria nos braços e encarando Sancho Manoel, n'uma attitude de grandeza e de rancor

Eu! Eu! Eu!

Braz Garcia entrega-se á prisão. Os pastores choram de desespero. Ouvem-se, de novo, as trombetas e os atabales.

Cáe o panno.

QUARTO ACTO

O mesmo scenario do primeiro acto. O taboleiro da escadinha da Brazia, todo florído de jacintos. Ao pôr do sol.

QUARTO ACTO

SCENA PRIMEIRA

GIL BARROCA, SAN-VITO, MARTIM, o SARNENTO, o NEGRO, outros RUFIÕES

Ao levantar o panno, estão ainda ás mesas de Martim Ruivo os rufianazes, séte creaturas da peor especie, entre os quaes um roído de sarna, e outro de côr negra. Acabaram de comer. Gil Barroca, ao fundo, conversa mysteriosamente com San Vito.

O NEGRO

Bom cabrito!

3.º RUFIÃO

E bom lacão!

O SARNENTO, chamando

Eh! Martim Ruivo! As raízes de funcho para esgaravatar os dentes!

O NEGRO

Ouves? E confeitadas de geito!

Martim Ruivo traz o covilhête com as raizes de funcho. O sarnento avança a mão chagada para tirar um dos monda-dentes. Os outros tolhem-n'o

OS RUFIÕES

Tir'te, sarnento!—Arréda!

O SARNENTO

Que é lá?

GIL BARROCA

Deixae o sarnento, que é mestre de vós todos na arte da gualtaría! Sabe dar bôas estocadas...

SAN-VITO, atalhando

No escuro... e por detraz!

GIL BARROCA, ao sarnento

Ouve lá! Quantos raptos tens tu feito?

O SARNENTO, com ar soberbo

Cento e vinte e quatro!

SAN-VITO

Cento e vinte e tres e meio, que o ultimo não o levaste a cabo, porque te metteram um zagalóte n'um hombro!

O NEGRO e OUTROS, para o sarnento

Tóca a andar!

MARTIM, afflicto

E o dinheiro... ? O dinheiro?

GIL BARROCA, pagando a Martim Ruivo

A gente é minha! Sou eu que pago!

O SARNENTO, para Gil Barroca

Isto é que é um homem de coração!

GIL BARROCA

Agora, ide esperar-me lá ao cimo da betesga! E curae de repuxar os rebuços e de encapuzar a gualteira dos ferragoulos! Não vos quero vêr de fóra nem a ponta do nariz!

O SARNENTO, para o 3.º rufião, em ar de mofa, rebuçando-o á força

Cara tapada! Que é a tapada que convém ás alimárias!

O NEGRO

Ao menos eu, trouxe rebuço... de nascença!

O SARNENTO

O meu é de sarna! Quereis que vol-o dê...?

GIL BARROCA

Eh! Negro! Vae tu pela cadeirinha! — E se fôr preciso, sarnento, uma das tuas!

O SARNENTO, figurando uma estocada

D'aquellas de encommendar á Senhora da Agonia!

Os rufiões sahem, rindo.

MARTIM, olhando-os por sobre o hombro

Escória de rufianázes!

SCENA SEGUNDA

GIL BARROCA, SAN-VITO

GIL BARROCA

O homem ha-de estar a chegar ao Painel do Anjo. Depois é só receber, na cadeia do Tronco, ordem para seguir em direitura aos paços da Ribeira, a dar com o rei. É por esta betesga o caminho mais curto; hão de tomar por ella. Verás, por aquelle arco, passar o grande Braz Garcia mettido n'uma escolta de arcabuzeiros!

SAN-VITO, brincando com duas moedas que tem na mão

Então eu ganhei os dois sequins d'oiro só para o vêr a elle?

GIL BARROCA

Não foi para o vêr a elle; foi para a colher a ella no brête.

SAN-VITO

A ella...?

GIL BARROCA

Sim, á filha da Brazia, que o vem acompanhando, em andas, desde o Sabugal...

SAN-VITO

Sósinha...?

GIL BARROCA

Não. Com o vélho.

SAN-VITO

Qual vélho...?

GIL BARROCA

O pae do Braz Garcia...

SAN-VITO, entendendo

Ah! Agora... agora... *(com intenção)* Se aquillo é mesmo uma santa doirada!

GIL BARROCA

Ha de passar ali, na sua liteira, seguindo de perto a escolta...

SAN-VITO

E como toca pela morada da Brazia...

GIL BARROCA

Fica por cá, no regaço da mãe, a matar saudades... É então o momento...

SAN-VITO

E o vélho...?

GIL BARROCA

O vélho ha de seguir com o filho, cuido eu...

SAN-VITO

Não era mais convinhavel esperar que aferrolhassem o Braz Garcia no Tronco ou na cadeia da côrte?

GIL BARROCA

Isso era bom! Mas não no aferrolham... Ha de voltar dos paços da Ribeira comprido de honras e tenças!

SAN-VITO

Essa agora!

GIL BARROCA

Digo-t'o eu! *(com gravidade cómica)* O mundo está perdido! Mas o que importa saber é que só temos de nossos os instantes que ella repoisar aqui, no regaço da Brazia. Porque ao depois, com o Braz Garcia á solta, é garça das nuvens... Não ha falcão ninhêgo que afférre n'ella!

SAN-VITO

Entendido, entendido...

GIL BARROCA

O resto é comtigo, San-Vito. Muito olho, muito tento e a visinhança entretida. Até lá, não boquejar da tornada de Braz Garcia. Cuido que não é sabida de ninguem, senão de nós. E no momento azado, lá tens ao cimo da betesga a gente do negro e do sarnento, que é da mais vesada em gualtaría! Mas antes d'isso ainda nos vemos. *(cobrindo a cara com o rebuço)* Vou por D. Sancho Manoel, a dizer-lhe que está tudo a postos. *(San-Vito joga os dois sequins d'oiro ao ar)* E tento no que fazes! Olha que é um caso de honra, San-Vito!

SAN-VITO, chasqueando

Um caso de...?

GIL BARROCA

Dei a minha palavra... de honra, a D. Sancho Manoel, que lh'a levava a casa acamada! E é que lh'a lévo!

O NEGRO, entrando

A cadeirinha lá está... É assim a modo de ataúde e forrada de téla rica... Mas...

GIL BARROCA

Mas, quê...?

O NEGRO

É de feição tão mimosa, que se ella dá em estrebuxar lá dentro, arromba-lhe as ilhargas!

GIL BARROCA

Diabo! Vamos lá a vêr isso! Arranja-se outra...!

Sahem os dois, pelo fundo.

SCENA TERCEIRA

SAN-VITO, manas BEZERRA e BRANCA

BEZERRA, que tem assomado á janella a bater da poeira as anquinhas, e as deixa cahir á rua

Ó San-Vito!

SAN-VITO, erguendo os olhos

A beata! *(meloso)* Olá, mana Bezerra!

BEZERRA

Apanha-me ahi isso que me cahiu á rua...

SAN-VITO, áparte

Se eu as podesse pôr d'aqui para fóra! *(Aproximando-se)* Então que foi que lhe cahiu, mana Bezerra...?

BEZERRA, apontando

As minhas anquinhas... Os meus guarda-infantes...

SAN-VITO, apanhando as anquinhas

Ah! Isto são as anquinhas da mana Bezerra...? *(áparte)* Como diabo hei de eu... Ah! Já sei...!

BEZERRA

Atira cá para cima...

SAN-VITO

Não vae hoje ao sermão?

BEZERRA, muito espantada

Qual sermão? Hoje ha sermão?

SAN-VITO

E não tarda...

BEZERRA

Ora esta! Adonde?

SAN-VITO

No... em... *(áparte)* Quanto mais longe, melhor! *(alto)* Em San Thomé do Penedo, lá para o Castello!

BEZERRA

Jesus! No fim do mundo! E de que é o sermão?

SAN-VITO

É... *(áparte)* Que diabo ha de ser? *(alto)* É a falar dos Santos Martyres de Marrocos!

BEZERRA

Coitadinhos! E eu que não sabia! *(chamando)* Mana Branca Gil! Ó mana Branca Gil!

BRANCA, levantando a adufa

Que é isso, mana Bezerra?

BEZERRA

Vá-se vestir e pôr o biôco, que vamos ouvir um sermão...

BRANCA, espantada

Um sermão...?

BEZERRA

Em San Thomé do Penedo... Não é verdade, San-Vito?

SAN-VITO

E de bom prégador!

BEZERRA

Depréssa! Avie-se!

BRANCA, fechando a adufa

Cá vou, mana Bezerra!

Bezerra cerra tambem a rótula e recolhe-se.

SAN-VITO, rindo, muito contente

Cahiram, as tartaranhas!

SCENA QUARTA

SAN-VITO, VASCO OLEIRO, MARTIM RUIVO

Martim Ruivo vem dependurar a candeia de garavato no gancho que ha fóra da porta. Vasco oleiro sáe da loja com um pote sobraçado. San-Vito brinca com os dois sequins d'oiro, atirando-os ao ar.

VASCO OLEIRO, vendo luzir as moedas

Que diabo é isso, ó San-Vito?

SAN-VITO, amostrando-lh'as

Até te encandeia a vista!

VASCO OLEIRO

Dois sequins d'oiro!

SAN-VITO

É verdade.

VASCO OLEIRO

Quem foi que t'os deu?

SAN-VITO

Quem m'os deu, tem de seu. Mas não foi por alcovitaría, entendes?

MARTIM, que levantou as escudellas e o bancal

O diabo o jure!

SAN-VITO

Ganhei-os sem fazer nada... Aqui, no sonotreio...

VASCO OLEIRO

No sonotreio! *(com amargura)* Só eu lévo uma semana inteira a afeiçoar o barro, e... Mas quem t'os deu, ó San-Vito?

SAN-VITO

Prata é o bom falar... *(n'outro tom)* Vae-te aos potes, anda... Vae-te aos potes... E olha o que te digo... Fecha hoje mais cedo a olaria...

MARTIM, ao oleiro

Que diz elle?

VASCO OLEIRO

Raio do alcôfa...! Sei lá!

Sahem manas Bezerra e Branca Gil. San-Vito vae-lhes ao encontro.

BEZERRA

Cá vamos, San-Vito!

SAN-VITO, empurrando-as, receoso

Depréssa, depréssa...

BRANCA

Os santos martyres de Marrocos... Coitadinhos!

Sahem as duas com San-Vito, pelo fundo.

BRAZIA, de dentro de casa, cantando

Cual es la niña
Que coge las flôres
Si no tiene amores...

MARTIM

A Brazia adéla a cantar!

VASCO OLEIRO

Coitada! Quem mal canta, bem resôa. Amanheceu contente.

MARTIM

Ainda hontem andava ahi que era uma paixão vêl-a...

VASCO OLEIRO

E hoje canta...

MARTIM

Ou milagre, ou bôa nova!

VASCO OLEIRO

Razão tinha ella para chorar... Saudades da filha, que lá está para essa Beira...

MARTIM

Depois, a desgraça que aconteceu ao senhor Braz Garcia...

VASCO OLEIRO

Preso na torre do Sabugal, um coração d'aquelles!

MARTIM

Um santo!

VASCO OLEIRO

A roindade dos homens é muito grande!

SCENA QUINTA

BRAZIA, VASCO OLEIRO, MARTIM RUIVO

BRAZIA, apparecendo, no topo da escadinha, a cuidar das flôres e a cantar

Cogia la niña
La rosa florida,
El hortelanico
Prendas le pedia,
Si no tiene amores...

VASCO OLEIRO, de nariz no ar

Olá! mana Brazia!

BRAZIA, fallando para as flôres do taboleiro

Aqui estão estes pobrinhos de Deus sem agoa... Esperae, esperae! *(toma a cantara e réga-as)* Uma cantara cheia! Viéram este anno mais cedo, os jacinthos... *(olhando o taboleiro)* Como a terra bebe!

MARTIM

Lindos jacinthos, mana Brazia!

BRAZIA

E lindos são, de verdade...

(muito alegre, cantando)

Cogia la niña
La rosa florida...

MARTIM

Assim é que eu gosto de a vêr, mana Brazia!

VASCO OLEIRO

Desenfadadiça e alegre!

BRAZIA

Ha de chegar um dia em que me não amanheçam tristezas, dizia eu... E chegou!

MARTIM, com alvoroço

Bôa nova, mana Brazia? Bôa nova...?

VASCO OLEIRO

Então que foi? Que foi?

MARTIM

Conte lá!

VASCO OLEIRO

D'antes chalrava tanto, e agora, dês que tornou d'essa jornada que fez, anda d'arcas encoiradas com a gente...

MARTIM

É só o salve-te Deus...

Brazia assenta-se n'um dos escabéllos.

VASCO OLEIRO

E ás vezes, a sua lagrimasinha ao canto do olho... Nem parece a mesma Brazia...!

MARTIM

Nós sabemos guardar um segredo...

BRAZIA

Não sei a quem foi que eu ouvi dizer... Só póde guardar um segredo, aquelle que aguentar sobre a lingoa uma braza accesa... E é verdade.

VASCO OLEIRO

Quem nos ha de servir de consolação nas tristezas, se as calarmos de todos!

BRAZIA

A luz do sol é bom desenfadamento de quem na enxérga...

VASCO OLEIRO

Ainda faz chorar mais os olhos...

BRAZIA

Mas já agora vos posso dizer tudo como foi... E só quero segredo de tres dias, que ao cabo de tres dias contados já nada d'isto é segredo... *(Vasco oleiro e Martim achegam-se para ouvir melhor)* Tenho tudo na lembrança, como se fosse hoje... Quando se soube na côrte a nova da prisão do senhor Braz Garcia — n'aquella manhã em que até parece que o sol se encobriu! — logo eu concertei a partida e me fui de longada por ahi

fóra, mais morta do que viva e tão triste que fazia tristeza a quem me via. Eu, que era a Brazia, a chocarreira! Ao cabo de muitos dias e de muitas noites de jornada, que eu já levava os ossos moídos, em andas, em mulas de alquilér, cheguei á villa do Sabugal... Logo vi uma torre de cinco quinas, muito alta, com tres fréstas de grades no topo. Havia de ser ali que elle estava, cuidei eu...

VASCO OLEIRO

E era...?

BRAZIA

Era. Pedi que me amostrassem qual das lumieiras era a d'elle. Amostraram-m'a... É aquella... Tão escura! Se ha tristeza no mundo, foi a que tive n'aquella hora... Eu queria-lhe tanto... Elle queria tanto á minha filha... E assim levava dia e noite, assentada n'um poial fronteiro, a olhar... a olhar a frésta... Era de noite que eu mais gostava de a vêr, porque via luz... A luz que o alumiava... Nem que fôra meu filho! E ao alto, as estrellas... Via-as tão lindas, n aquellas noites, que me parecia que nunca as tinha visto... É que as coisas não mudam... O que muda são os olhos da gente...

MARTIM, commovido

Pobre Brazia!

VASCO OLEIRO, limpando os olhos

Chamam-lhe cabra e má mulher... Mas as honradas não faziam isto que ella fez...

BRAZIA

Correram duas semanas, que não mais... Já algumas vezes eu tinha lobregado, na lumieira que era a d'elle, uma sombra a modo de vulto... Mas a vista não dava até lá e a frésta era escura... Veio então um dia de sol muito claro em que eu enxerguei — e não era engano dos olhos, pelo que depois foi — em que eu enxerguei um papel branco a bolir ao vento, de fóra das grades... Depois, o papel soltou-se, ou foi mão que o largou, e veio cair n'uma moita de cardos ao pé d'onde eu estava. Desenrolei... Era d'elle.

VASCO OLEIRO

E que dizia...?

BRAZIA

Era um memorial para o rei, a pedir, não graça nem perdão, mas justiça... Contava-lhe

tudo como tinha sido; e pelo geito que levava o dizer, cuido que era em feição de verso... Mas não era escripto com penna, como a gente escreve... Era com lettras, cortadas d'um livro da vida dos santos — elle mesmo o dizia logo ao começo — porque aquelles malvados negavam-lhe o escrever e o falar...

MARTIM, revoltado

Roim gente!

VASCO OLEIRO

Cães!

BRAZIA

Logo entendi o que havia de fazer. Ainda n'aquella noite namorei a frésta até ao aclarar da alva... Quando desapeguei os olhos d'ella, foi um nunca acabar de lagrimas... Vim então de tornada, cheguei aqui, e logo os meus pensamentos foram de levar o memorial ás mãos d'el-rei... Ao cabo de muitas voltas e de muitas mortificações, lá foi ter... Depois, um andar de tempo em que vivi de esperanças, que são sonhos dos acordados... Uns diziam isto, outros diziam aquillo... Muita promessa, muita bôa palavra... E assim fui vivendo com a minha tristeza, até que hoje...

VASCO OLEIRO

Veio a bôa nova!

BRAZIA, cheia de contentamento

A bôa nova de que o senhor Braz Garcia já sahiu da torre do Sabugal e vem a caminho da côrte, por mandado d'el-rei... E de que el-rei lhe vae dar um habito de cavalleiro e uma grande tença...

MARTIM, com espanto

El-rei?

VASCO OLEIRO

O senhor Braz! Que alegria!

BRAZIA

Não tarda mais de tres dias a sua chegada... *(San-Vito apparece junto do arco do fundo durante uns segundos)* Foi a condessa de Villa Nova que m'o disse hoje, quando eu lhe punha um signalsinho n'um peito...

MARTIM

E não será mentira?

BRAZIA

Se ella o soube d'el-rei mesmo!

VASCO OLEIRO

D'aqui a tres dias, mana Brazia! A gente a abraçal-o!

BRAZIA

E mais me disse a condessa...— d'alegria, nem lhe sabia ajustar a cabelleira de sêda! — que a minha filha e o senhor Marcos Garcia, o pae do senhor Braz, o vinham acompanhando na jornada e chegavam com elle...

MARTIM, commovido, de vêr a alegria da velha

Coitada!

VASCO OLEIRO

Coitada da Brazia!

BRAZIA, muito contente

Vou vêr a minha filha! E o vélhinho, que a teve em sua casa albergada, como se ella fôra do seu sangue, e lhe quer como pae e lhe dá trato de princeza... Vou tambem vél-o, que nunca o vi...! Ha de ser um vélho muito lindo! Ella mandava-me dizer...

MARTIM

Então não o viu no Sabugal, mana Brazia?

BRAZIA

Não, que ao tempo nem elle nem a minha filha lá estavam. Eu é que, ao voltar, depois de ter colhido o memorial, lhes mandei correio á serra a dizer tudo como era... Então é que para lá foram os dois, cuido eu... *(enternecida)* Como hei de agradecer ao vélhinho o que elle fez pela minha filha...!

VASCO OLEIRO

Tambem elle agora ha de estar cuidando n'isso... Em como ha de agradecer á mana Brazia o que a mana Brazia fez pelo filho...

BRAZIA

Não se compára!

VASCO OLEIRO

Elle tambem ha de dizer, lá pelo seu lado... Não se compára!

BRAZIA

E não havia eu de amanhecer contente, se ía vêr a minha filha! E com tanta ledice... que se tivéra umas castanhetas na algibeira, até vos fa

zia aqui as mudanças do sarambéque! *(cantando, muito alegre, e dando ao corpo um geito de dança)*

Cogia la niña
La rosa florida,
El hortelanico...

MARTIM, olhando Brazia, compadecido

Pobre!

VASCO OLEIRO

Pobre chocarreira!

BRAZIA, aquedando de subito, enternecida

Foi por isso que reguei hoje com mais amor as minhas flôres... Porque me lembrei da minha filha... *(mudando de tom)* E agora por flôres, Vasco Affonso... Quero uma cantara maior, que dê para a regadura de todo o taboleiro!

VASCO OLEIRO

Entre ahi, mana Brazia, e escolha á sua vontade...

BRAZIA

E aqui teem o que eu lhes calava... Segredo de tres dias... Por tres dias, uma braza na lingoa...

(entrando na olaria, seguida de Vasco). Vamos lá a escolher a cantara, Vasco Affonso.

MARTIM, seguindo-a com os olhos

Tinham de aprender com ella, as honradas!

SCENA SEXTA

SAN-VITO, GIL BARROCA, MARTIM, o SARNENTO, o NEGRO, outros RUFIÕES

O SARNENTO, entrando com os outros rufiões e com Gil Barroca

Eh! Mais uma canada, Martim Ruivo!

MARTIM, entrando na taverna

Lá vae, lá vae!

GIL BARROCA

San-Vito! O Braz Garcia chegou agora ao Painel do Anjo! Está na cadeia do Tronco a receber as ordens...

SAN-VITO

Ora graças!

GIL BARROCA

A filha da Brazia e o velho veem dianteiros... Mais uma Avé Maria e estão ahi!

SAN-VITO

E a Brazia a cuidar que ainda demoram tres dias! Anda atrazada...

O NEGRO, gritando para Martim Ruivo

Então, vem esse rosête?

MARTIM, trazendo o vinho

Ahi vae!

O SARNENTO, que tem estado a falar aos outros rufiões

Entendem?

O NEGRO, bebendo com os outros

A moça diz que é um brinco!

O SARNENTO

O ponto é colhêl-a lá acima, com a mãe...

3.º RUFIÃO

Com a Brazia adéla...?

O SARNENTO

E deixar ir os outros, mais o velho, a caminho dos paços da Ribeira... Depois, é um prompto!

GIL BARROCA, a San-Vito

Vem linda de vêr, assentada no almadráque da liteira... *(lembrando-se, de repente)* Has de ser tu, para vêr se ganhas a confiança da Brazia, o primeiro a dizer-lhe da chegada da filha.. Ouviste?

O NEGRO, que tem ido espreitar ao fundo

Ahi vem uma liteira luzida! Hão de ser elles!

O SARNENTO

E já ha rumor de povo!

GIL BARROCA, aos rufiões

Recolhei-vos, com mil diabos!

OS RUFIÕES, entrando na taverna e arrastando comsigo Martim Ruivo, que assoma á porta

Eh, Martim Ruivo! Anda cá!

MARTIM, levado na onda

Mas quem paga? Quem paga? *(guizos, rumor do povo)*

SCENA SETIMA

BRAZIA, SAN-VITO, VASCO OLEIRO

BRAZIA, sahindo da olaria com a cantara

Esta é bôa, Vasco Affonso... Esta serve...

SAN-VITO, vindo do fundo, a fingir de açodado

Mana Brazia! Mana Brazia! A sua filha que ahi vem!

BRAZIA

A minha rica filha! *(deixando cahir a cantara, que se quebra no chão)* Valham-me as gottinhas de sangue de Santa Maxima!

VASCO OLEIRO, commovido, abraçando e sustendo Brazia

Mana Brazia!

BRAZIA

A minha rica filha! Onde está ella...! *(precipitando se para o fundo)* Onde está ella, que a quero vêr!

SAN-VITO

Ahi vem! Ahi vem!

Vozes abafadas na taverna; fóra, guizos, rumôr.

SCENA OITAVA

OS MESMOS, MARCOS, BRISTO, MARIA

MARCOS, fóra, aos liteireiros

Parae ahi! *(Vê-se passar a liteira, parar, e descerem d'ella Marcos e Maria)*

MARIA, descendo e lançando-se nos braços de Brazia

Minha querida mãe!

BRAZIA, cobrindo-a de beijos

Filha! Filha!

MARIA

Minha rica mãe!

SAN-VITO

É o que eu digo... É mesmo uma santa doirada!

BRAZIA

A luz dos meus olhos! *(encarando-a, encantada)* Que linda que tu vens! E eu cuidando que ainda tardavas!

MARIA

Tantas saudades!

BRAZIA

Meu amor!

SAN-VITO, aos rufiões, que assomam á porta

Eh! Lá para dentro, excommungados! *(entra tambem e fica a espreitar á porta)*

MARCOS, para Bristo, olhando enternecidamente a vélha

É aquella, Bristo...? É aquella?

BRAZIA

E elle, mina filha? Não vem?

MARIA

Viémol-o acompanhando na jornada... Não déve de tardar... Que alegria tão grande! A caminho dos paços da Ribeira, onde el-rei o espéra... Disséram-n'o agora a meu pae... *(reparando)* a meu...

BRAZIA

Ah! *(os dois vélhos, cheios de agradecimento mutuo, cahem nos braços um do outro)*

MARCOS, com lagrimas na voz

Obrigado! Obrigado!

BRAZIA, querendo beijar-lhe a mão, o que Marcos não consente

Senhor! Deus vos pague tanto bem, feito á minha filha!

MARCOS

Tanto bem, feito ao meu filho!

Maria aparta-se d'elles e fala a Vasco oleiro.

BRISTO, a Maria e Vasco

Agradecem um ao outro... Os coitados!

MARCOS, a Brazia

Não havia riqueza n'este mundo com que se pagasse...

BRAZIA, chorando

Com que eu podésse pagar...! Mas Deus não dorme!

MARCOS

Tudo sei! Noites inteiras, enregelada, a olhar as grades da torre... Nem que fôra por um filho!

BRAZIA

Agasalhal-a tanto no coração, trazel-a tão mimosa, guardal-a com tanto amor... Nem que fôra uma filha!

MARCOS

Obrigado... Obrigado... *(a Brazia, que vae de novo para beijar-lhe a mão)* Então... então... *(A liteira tem desapparecido. Maria e Vasco oleiro vão até ao arco do fundo. Cresce o rumôr)*

MARIA, descendo de novo até Brazia

Vem ahi já... Minha rica mãe! Quer vêl-o...?

VASCO OLEIRO, doido de contentamento

O senhor Braz Garcia!

BRAZIA, correndo ao fundo

Se o quero vêr!

MARCOS

O meu filho! Nós viémos com elle...!

SCENA NONA

OS MESMOS, BRAZ, um SARGENTO

Vê-se passar, pelo arco, primeiro muito povo, depois uma escolta de arcabuzeiros em meio da qual vem Braz Garcia.

BRAZ, fóra

Só um instante... Duas palavras só...

O SARGENTO

Sem demóra!

VOZES, do povo

Deixae passar! — Deixae vêr! — É Braz Garcia! — O da companhia dos leões... — Deixae vêr!

O sargento contém o povo.

BRAZ, entrando, com um aspecto miseravel, o gibão rôto, a face macilenta, e cahindo nos braços de Brazia

Brazia!

BRAZIA

Senhor Braz Garcia! *(Abraçam-se, com enternecimento)*

O SARGENTO, atravessando a alabarda diante do arco, para conter o povo

Arredae-vos! Ninguem passa!

BRAZ

Só o tempo d'um beijo... Não me consentem mais! *(beija os cabellos de Brazia)* De todo o coração, Brazia!

BRAZIA, olhando-o, com piedade

O gibão tão rôto...

MARIA

Vamos ser felizes... Muito felizes...!

MARCOS

O rei vae cobrir-te de honras e de mercês...

BRAZ, enternecido, olhando Brazia

Devemos-lhe tudo a ella... Minha pobre Brazia!

BRAZIA, para Maria

Se eu podésse remendal-o, ao menos...

VOZES, d'entre o povo

Olhae o Bristo...! Vem mais gordo... olhae!

O SARGENTO

Não ha logar para demoras! Vinde!

BRISTO, para os que lhe falam

É que eu sou como o Pero Pico, que viveu pouco e pobre, e finou rico!

BRAZ, ao sargento

Eu vou... *(olhando o povo)* Pobre gente! Teem-me seguido... Chamêam-lhe os olhos de contentamento! Morriam por abraçar-me... Mas não se atrevem... Teem medo de abraçar um traidor... Pobre gente!

O SARGENTO, para Braz

Depréssa!

MARCOS

Vem... Eu vou comtigo, meu Braz... *(Braz sobe ao fundo)*

VACO OLEIRO, seguindo-o com os olhos

O maior valente de Portugal...! Parece um mendigo!

MARCOS, a Brazia, entregando-lhe Maria

Aqui vos entrego este corpinho d'oiro, até á nossa tornada. Já lhe quero tanto, que é a melhor parte do meu coração... Se eu não tive nenhuma filha!

BRAZIA

Tanto tempo d'apartamento...

MARIA

As saudades...

MARCOS

Hão de ter muito que dizer uma á outra...

O SARGENTO, pondo em marcha a escolta

Arredae-vos! Deixae passar!

BRISTO, chamando

Senhor Marcos Garcia! Já lá vão!

MARCOS

Eu vou... Eu vou...

A escolta põe-se em marcha. Marcos sáe pelo fundo, com Bristo.

SCENA DECIMA

BRAZIA, MARIA, e por momentos OS RUFIÕES

BRAZIA, abraçando outra vez Maria

Minha querida filha!

MARIA, olhando em volta

Tantas saudades de tudo isto!

BRAZIA

Ha tanto tempo!

O SARNENTO, chegando á porta, a beber

Com taverneiro amordaçado... é o vinho mais barato!

BRAZIA

Quer-te como á luz dos olhos, o coitado do vélho...! *(mirando a e remirando a)* E que linda que tu vens! Que bem vão essas soguílhas de prata no gibãosinho! Não admira que os pastores ajoelhassem todos, quando tu lá chegaste...

MARIA

Cuidavam que eu era Nossa Senhora... Coitadinhos...!

BRAZIA

E lembravas-te muito de mim, lembravas? O teu leito e o teu oratorio estão ainda como os deixaste... Não lhes boli... Queres vêr?

MARIA, olhando em volta, encantada

Vamos vêr, sim, minha mãe... Esta escadinha! Lá tão longe... e como eu tinha vontade de a subir! Que lindo me parece agora isto tudo! E o meu oratorio...? Havemos de arranjar um São Braz de madeira, muito pequenino, para lá pôr tambem... Com a sua mitra doirada... e tudo aquillo...

BRAZIA

Os santeiros fazem, minha filha...

MARIA

Muito pequenino...

Vão ambas subindo a escada

VASCO OLEIRO, cantando, de dentro da olaria

Por esse monte cançado
Já dois rebanhos levades,
O maior é de saudades,
O mais pequeno, de gado..
Pobre gado mingoado
Pela relva apascoando,
Quem assim vos vae mingoando?

(assomando á porta, para Maria) Ainda vos lembraes?

MARIA, que tem cantado com elle o villancete, como no primeiro acto, emquanto sóbe a escada

Agora sim, Vasco Affonso... Agora já dizes bem... *(No topo da escadinha, colhendo uma flôr e atirando-lh'a)* Lindos jacinthos!

BRAZIA

A minha rica filha!

Entram ambas em casa, abraçadas.

VASCO OLEIRO, indo-se-lhe os olhos em Maria

Que formosura!

Recolhe á olaria, cantando.

SCENA DECIMA PRIMEIRA

SAN-VITO, os RUFIÕES

SAN-VITO, descendo da soleira da porta da taverna

Vamos a isto! Mãos á obra!

O SARNENTO

Já subiram?

SAN-VITO

Já! Duas bôas mordaças...

O NEGRO

Três! E então o oleiro...?

O SARNENTO

A oleiro, mordaça de barro!

SAN-VITO

E a que porta se põe a cadeirinha?

O SARNENTO

A que porta...? Então quantas tem a Brazia?

SAN-VITO

Tem duas. Esta que dá para aqui, e uma portinha esconsa que dá para a betesga...

O NEGRO

É melhor por esta!

O SARNENTO

Onde deixaste a cadeirinha?

O NEGRO

Vou por ella... Está ali fóra...

O Negro vae a sahir pelo arco do fundo e esbarra com Gil Barroca, que lhe tolhe o passo.

SCENA DECIMA SEGUNDA

OS MESMOS, GIL BARROCA

GIL BARROCA, tolhendo o passo ao negro

Eh! Aguardae, com mil raios!

SAN-VITO

Que é lá?

GIL BARROCA

Não ha nada feito!

O SARNENTO

Nada feito?

GIL BARROCA

Por emquanto! D. Sancho Manoel não quer que se faça o rapto sem elle chegar aqui... Temos de esperar!

SAN-VITO

Essa agora!

O NEGRO

Ia tudo tão bem!

O SARNENTO

Se vamos pelo vêso do esperar, crescem-lhe umas azas nas costas e ella ahi vae!

GIL BARROCA

Coisas de D. Sancho Manoel! Va lá entendel-o! Deu em namorar adamascado... Entraram com elle os escrupulos... *(com um risinho de mofa)* Os escrupulos! *(para San-Vito)* Fica tu ahi a dar fé, San-Vito! *(indo a entrar, com os rufianazes, na taverna do Martim Ruivo)* Fala de amor...

O SARNENTO, sahindo, a rir

D'amor...

SAN-VITO, ruminando na palavra

D'amor... Fala d'amor...

SCENA DECIMA TERCEIRA

BRISTO e SAN-VITO

BRISTO, que entra pelo fundo, repára em San-Vito, remira-o, ri e imita-o

Olha... É bailão...! Mas vae descompassado... Falta-lhe a musica... *(tira um pandeiro de dentro da roupeta e entra a tangel-o para marcar o compasso da dança)* Vá, agora!

SAN-VITO, desconfiado

Quem é este sandeu?

BRISTO

Baila agora, que tens tamborileiro! Vá, compassado!

SAN-VITO

Estás a chufar de mim, quem quer que tu és?

BRISTO

Má Páschoa venha por ti, que não sabes aproveitar!

SAN-VITO

Não te conheço...

BRISTO

Nem eu. Mas tanto monta... Para bailão, tangedeiro... Vi-te a bailar, tangi!

SAN-VITO

Isto não é bailo... Foi moléstia que me deu...

BRISTO, compadecido

Ah! Cuidei... *(rindo)* Pois eu cá, danço por devoção e tambem já dancei por officio... Andei com ciganas!

SAN-VITO

Ah, com ciganas?

BRISTO

É verdade... E como te chamas tu?

SAN-VITO

Chamam-me San-Vito... Diz que houve um santo que tinha esta moléstia que eu tenho...

E por isso... Mas o meu nome verdadeiro não no sei, que não tive mãe que m'o ensinasse...

BRISTO

Tambem houve um santo que bailava por desenfado, como eu... Era San Paschoal...

SAN-VITO

San Paschoal bailão... É assim que te chamam?

BRISTO

Não... Chamam-me Bristo... D'umas comédias que se fizéram n'outro tempo, em Coimbra...

SAN-VITO

D'umas comédias?

BRISTO

Bristo era o nome do que representava de alcoviteiro... E por isso...

SAN-VITO, muito contente

Ah! Tu foste alcovêta? Foste?

BRISTO

Fui...!

SAN-VITO

Tambem eu sou!

BRISTO, cheio de alegria

Tambem...?

Os dois bailões abraçam-se, commovidos.

SAN-VITO

Ainda agora ganhei estes dois sequins d'oiro, por alcovitaría... É do amor dos outros que eu vivo...

BRISTO

Tambem eu... Do amor dos outros...

SAN-VITO

Do amor... Quando te enxerguei agora, estava eu cuidando... O amor...

BRISTO

O amor...

SAN-VITO

Que será o amor?

BRISTO

Não no sei eu, que nunca nenhuma mulher quiz de mim, nem eu quiz a nenhuma mulher...

SAN-VITO

Tambem eu não sei... Mas ha de ser uma linda coisa... Assim a modo de uma egreja pequenina, toda doirada por dentro...

BRISTO, como quem sonha

Uma grande alegria, sim... Um contentamento muito grande...

SAN-VITO

Elles pagam tanto dinheiro...!

BRISTO

O amor... *(rindo muito)* Somos entendidos como os asnos de Alvaláde... Nem a gente sabe do que vive... *(vendo luzir as moedas na mão de San-Vito)* Ganhaste-os agora, esses dois sequins d'oiro?

SAN-VITO

Ganhei... A um grande senhor que ahi está na côrte, de caminho para as armas do Alemtejo... Deu em cobiçar uma mocinha, que parece, Deus me perdôe! que parece uma assumpção, calçadinha de prata...

BRISTO, rindo, muito divertido

Ah! ah! E quem é elle, o dom galante?

SAN-VITO

Chamam-lhe D. Sancho Manoel...

BRISTO, estremecendo

Ah! Valha-me Deus! *(fingindo chasco)* Ah! ah! E a moça... a mocinha? Quem é ella...?

SAN-VITO

Essa chegou hoje... Agora mesmo...

BRISTO, áparte, cheio de anciedade

Aqui desamparada...! Se eu ainda tivesse tempo!

SAN-VITO

Mas o rapto ainda demóra. O homem não quer que se faça sem elle ter chegado... *(Bristo, sem que San-Vito dê por isso, fóge rapidamente; San-Vito aponta a porta da Brazia e continúa como se Bristo ali estivesse)* Ella mora além... Onde estão aquelles jacinthos... *(voltando-se e dando pela falta de Bristo)* Ah! onde diabo...? Bristo! *(corre ao arco do fundo, a espreitar, e dá de cara com D. Sancho Manoel, que vem entrando)*

SCENA DECIMA QUARTA

D. SANCHO MANOEL, MEM ROSADO, SAN-VITO

SANCHO, *acenando*

San-Vito!

SAN-VITO

Senhor D. Sancho Manoel...

SANCHO, *apontando a portinha da Brazia*

Entrou...?

SAN-VITO

Entrou agora, com a mãe...

SANCHO

Era minha, irremediavelmente minha, se eu a quizesse agora... *(assenta-se, junto da banca)* Mas o coração humano tem coisas muito extraordinarias... *(apertando a cabeça entre as mãos)* Muito extraordinarias!

MEM ROSADO, *a San-Vito*

Que é do Gil Barroca?

SAN-VITO, *apontando a taverna de Martim Ruivo*

Ali dentro...

SANCHO, a San-Vito

Dize-lhe que mande essa gente embora... Que não ha nada feito...

MEM ROSADO, agarrando San-Vito, que ia para levar as ordens

Mas, senhor D. Sancho Manoel...! É deixar escapar a ventura por entre os dedos... São mal cabidos os vossos escrupulos... Não é certo que a amaes? Se a amaes, porque a deixaes fugir?

SANCHO

Por isso mesmo. Porque a amo!

MEM ROSADO

Subtilesas... Nem sempre se póde amar com a gravidade com que se dança a pavana real... Desejaes uma mulher que é linda, tendel-a á mão de semear... Porque a não colheis?

SANCHO

Desejava-a... Hoje amo-a... É a desgraçada differença. Quando apenas a desejei, quando o sangue me escaldava, quil-a á viva força, enchi d'oiro as arcas da alcovitaría, fiz loucuras, batime por ella como um rufião vulgar... Agora, que a tenho aqui, quasi ao alcance da mão e tão

perto que até cuido sentir o seu bafo, agora que bastava uma palavra minha para que tudo fosse consummado, hesito miseravelmente e já quasi que a não desejo... porque a amo com toda a minha alma!

MEM ROSADO

Mais uma razão, se tanto a amaes!

SANCHO

Ah! Vós outros não sabeis de mim... Só me conheceis por este meu triste revestimento de riquezas e de vaidades... Aquilataes da minha alma pela rigidez dos brocados que visto... Mas não! Tudo isto é mentira... Eu cá por dentro, sinto... Eu cá por dentro, soffro! *(depois d'uns momentos)* Ide... Dizei que deem vinho a essa gente e que a despéçam...

MEM ROSADO, acurvando-se

Se o ordenaes...

SANCHO, n'uma hesitação dolorosa

E d'ahi, não... Talvez...

MEM ROSADO, com um risinho intencional

Digo apenas que lhe deem vinho... É mais prudente... *(entra na taverna, a cuja porta já alguns rufiões espreitam)*

SCENA DECIMA QUINTA

D. SANCHO MANOEL e SAN-VITO

SANCHO, a cabeça apoiada entre as mãos

Que miseravel coisa é o coração! *(dolorosamente)* Amor... Amor!

SAN-VITO, que se tem aproximado de Sancho Manoel, medroso, e lhe ouve as ultimas palavras

Amor... *(Sancho Manoel levanta a cabeça e encára-o; San-Vito insiste)* Perdoae... Ha de ser uma linda coisa, pois não ha-de?

SANCHO

O quê?

SAN-VITO

O amor...

SANCHO

Para que queres tu saber isso? Que te importa saber que ha mais uma miseria no mundo, além da tua?

SAN-VITO

Queria saber o que era... E não atino... E não sei... Deve de ser lindo!

SANCHO, falando mais para si proprio do que para San-Vito, que o ouve religiosamente, de rojo

É a coisa mais desgraçada de toda a terra... É andar uma creatura perdida de si mesmo, ter os pés no lôdo e a alma nas estrellas, viver entre um charco e um paraizo, ser pequeno e ser enorme, ser tudo e ser quasi nada... É andar metade vestido d'oiro, metade coberto de chagas, fazer o sacrificio do proprio orgulho e da propria vaidade, é soffrer rindo, é rir chorando, um desespero que sempre espéra, um contentamento que com pouco se contenta, é o pedaço da vida que mais se parece com a morte, o pedaço do inferno que mais se parece com o céu... É trazer a alma em sangue e sentil-a ajoelhar diante de quem na ensanguentou, é vestir a dôr de rosas, é ser o mais valente e o mais covarde, o mais abjécto e o mais santo, o primeiro dos homens e o ultimo dos homens... *(Acariciando San-Vito)* Pobre tonto! Nunca perguntes a ninguem o que é o amor... Não, nunca perguntes... É a maior desgraça de toda a terra!

SAN-VITO, que o tem ouvido com espanto crescente, tirando da algibeira os dois sequins d'oiro que ganhára a D. Sancho Manoel

Tomae... Tomae, então... Se é para coisa de tamanha tristeza, não vale a pena dar tanto dinheiro... Tomae...

SANCHO

Pobre tonto!

SCENA DECIMA SEXTA

OS MESMOS, GIL BARROCA, MEM ROSADO, RUFIÕES

GIL BARROCA, descobrindo-se, em tom meloso

Senhor D. Sancho Manoel... Aquella gente espera... É preciso decidir...

MEM ROSADO

O tempo vae passando...

SANCHO, com angustia

Decidir... Decidir...!

GIL BARROCA

Esse villão não tarda ahi!

SANCHO, erguendo a cabeça, rude

A quem trataes de villão?

GIL BARROCA

A quem ha ser, senhor... A Braz Garcia!

SANCHO, com nobreza

Por Deus! Se alguem aqui merece o trato de villão, somos nós outros e não elle, a quem nós infamámos! Villanía é esta que as estrellas vão vêr agora, se por desgraça a virem! Villanía é a communhão da minha roindade com a vossa! Mas por esta cruz de Malta *(amostra o peito do gibão)* que se alguem diante de mim offender o nome de Braz Garcia, defendel-o-hei, como se a affronta tombasse sobre mim proprio!

GIL BARROCA, vexado

Senhor... Eu não sabia... Não cuidava...

MARIA, apparecendo com Brazia ao topo da escada, e chamando

Bristo!

BRAZIA

Gente embuçada... E melhor recolhermo-nos.

MARIA, recolhendo-se, com Brazia

Não está.

SANCHO, que olhou Maria, enlevado

Que formosura! *(com desespero)* Meu Deus! Para que se abriu aquella porta!

MEM ROSADO

Senhor...

SANCHO

Senhor! *(com amargura)* E nem sou senhor da minha vontade!

MEM ROSADO

Ordena-se o rapto...? Que decidís?

SANCHO, com temor de si mesmo

O desejo que acorda...

GIL BARROCA, aos rufiões, que espreitam

Vinde...

SANCHO, olhando-os, com repugnancia

A gente é essa...? Que sordidez!

Os rufiões descobrem-se diante de D. Sancho Manoel.

O SARNENTO, *avançando*

Vosso humilde sérvo...

SANCHO, *ao sarnento*

A mais léve magoa que eu lhe veja no corpo, estála-te um azorrague na cara!

SAN-VITO

Vamos!

SANCHO

Tinha de ser! *(a Gil Barroca)* Levae-a aonde sabeis...

GIL BARROCA, *descobrindo-se*

Senhor, descançae!

MEM ROSADO, *sahindo com D. Sancho Manoel*

Parabens, senhor! Parabens... Uma victoria!

SANCHO

Sobre mim mesmo? *(amargamente)* Ah! Se assim fôra!

Sahem os dois, pelo fundo.

GIL BARROCA

Vamos a isto!

Ordena-se o rapto, sem palavras. O negro váe pela cadeirinha, que é trazida para ali. O 3.º rufião, e outro, pre-

param as mordaças e sóbem. Dois outros, com o sarnento, agarram Vasco oleiro, que n'esse momento apparece á porta, a cantar, e levam-n'o, de rojo, para dentro da olaria. Gil Barroca, o negro e os dois restantes, guardam o arco do fundo. San-Vito fica na soleira da porta da taverna. A portinha da Brazia é arrombada; ouvem-se gritos abafados. Um silencio de segundos, ao cabo do qual apparecem os dois rufiões, com Maria amordaçada, ao tôpo da escadinha.

SCENA DECIMA SETIMA

OS MESMOS, MARCOS, BRISTO

MARCOS, apparecendo ao fundo e arrancando da espada

Arredae-vos! Canálha!

GIL BARROCA

Má raios!

Marcos bate-se com Gil Barroca, com o negro e com os outros dois. O negro róla no chão, ferido. O velho Marcos fórça a entrada do arco.

MARCOS, de espada em punho

Canálha!

SAN-VITO, aos dois rufiões que trazem Maria

Pela portinha da betesga!

Marcos quer subir, para arrancar-lhes Maria das mãos, mas o sarnento e o outro, que voltam da olaria, tolhem-lhe o passo.

O SARNENTO, para os de cima, batendo-se com Marcos

Depréssa!

VOZ de BRISTO, fóra, afflictivamente

Sahem por aqui!

MARCOS, comprehendendo e atirando-se de novo para o fundo, a forçar a sahida do arco

Deus de piedade! *(Quando se bate com Gil Barroca, o sarnento, pelas costas, fére-o)* Ah! *(cáe no chão, desamparado)*

O SARNENTO, sahindo com San-Vito e com os outros

De encommendar á Senhora da Agonia!

Desembaraçam a entrada do arco. Vê-se, ao fundo, a cadeirinha onde mettem Maria.

BRISTO, assomando, dando com Marcos e correndo para elle

Ah! ferido!

MARCOS, tentando arrastar-se

Senhor de misericordia! *(com angustia)* Levam-n'a!

Ouve-se rumôr de povo. Bristo toma o vélho nos braços.

GIL BARROCA, fóra

Prompto! Andar, que vem gente!

Os rufiões e a cadeirinha desapparecem.

MARCOS, querendo arrastar-se, no cumulo da angustia

Levam-n'a! Vae... Vae, Bristo...!

BRISTO, com Marcos nos braços

Está a escorrer sangue...! *(gritando)* Acudam!

Marcos tenta de novo erguer-se, mas tomba de bôrco no chão.

MARCOS

Não posso... Não posso...!

VOZES, fóra

Viva Braz Garcia! Viva el-rei!

BRISTO, com Marcos desfallecido nos braços

Acudam! Assassinos!

VOZES, dos que apparecem, com Braz, pelo arco do fundo

Viva Braz Garcia! Viva!

SCENA DECIMA OITAVA

BRAZ, MARCOS, BRISTO, VASCO OLEIRO, MARTIM RUIVO, BRAZIA

BRAZ, apparecendo ao fundo, seguido de povo que o acclama, e trazendo ao peito a cruz de Aviz

Obrigado! A todos lévo no coração!

BRISTO, arrastando para o fundo o corpo ensanguentado de Marcos

Acudam! Acudam!

BRAZ, dando pelo grupo de Bristo e Marcos, e vendo sangue

Ah! Que foi isto? Sangue! Meu pae! meu pae!

MARCOS

Filho! Levaram-n'a! Levaram-n'a! Vae...

BRAZ, com desespero

Ah!

BRISTO

Mesmo agora! *(deixando Marcos nos braços de dois homens, indo até junto do arco e apontando para fóra)* Aquella cadeirinha! Correi!

BRAZ, apanhando do chão a espada de Marcos

Arredae-vos!

Sáe pelo fundo, abrindo caminho por entre o povoléo.

VOZES

Que foi?—A quem levaram?—Mãe Santissima!

Parte do povo segue Braz; a outra parte rodeia Marcos.

BRISTO, ajudando a levar Marcos para dentro da taverna

Ha de sarar! Que eu, quando fazia chagas fingidas, aprendi a sarar as verdadeiras!

VOZES, dos que ficaram a vêr, junto do arco

Lá vae... Alcança-os! Ahi!

Apparecem Martim e Vasco oleiro amordaçados. Vasco traz mordaça de barro.

VOZES

Amordaçados!—O Vasco oleiro! O—Martim Ruivo!

VASCO OLEIRO, a quem desamordaçam

Canálha! *(correndo para o fundo)* Alcançou-os! Eia! Como dá n'elles!

MARTIM, desamordaçado tambem

Já tres por terra! Mordem o chão!

VASCO OLEIRO

Ensanguentados!

MARTIM

Despedaça a cadeirinha...!

Brazia apparece ao topo da escada, trazida por uma mulher que a foi buscar.

BRAZIA, descendo, cheia de angustia

A minha filha! Onde a levaram! Minha filha!

VASCO OLEIRO

Ahi veem! Ahi veem! Salva!

BRAZIA

Senhor de misericordia!

Rumor enorme, fóra. Apparece ao fundo Braz Garcia, com o corpo de Maria quasi sobraçado, e agitando a espada, cheio d'uma alegria selvagem.

BRAZ, entrando

Salva! Salva!

BRISTO, apparecendo á porta da taverna

Salva!

BRAZIA, cahindo de joelhos

O Senhor seja louvado!

Cáe o panno.

QUINTO ACTO

O mesmo scenario do segundo acto. Manhã de sol claro, Á direita baixa, entre os galhos altos de duas arvores, está suspenso um toldo de brocado vermelho tecido d'oiro, que reluz ao sol.

QUINTO ACTO

SCENA PRIMEIRA

BRAZ, MARCOS, BRISTO, MARIA, BRAZIA, HELENA, PASTORES, PASTORAS

Manhã de sol claro. Os sinos repicam rijo. Entram pastores e pastoras, bailando e tangendo pandeiros, adufes, tamborís, etc. Braz, vestido com riqueza sóbria, traz Maria pela mão. Veem depois Brazia, muito commovida, e Helena. A seguir, o vélho Marcos, ainda convalescente, amparado ao hombro de Bristo. As pastoras trazem regaçadas de rosas e de flôres do matto.

PASTORES e PASTORAS, bailando e cantando

Voava a pêga
No meu cerrado,
Olhos morenos,
Bico doirado...
Voava a pêga
Quem a trouxéra!

(aquedando de bailar) Eia! Pela desposada!—Pela bem maridada! — Senhora da formosura!

Maria aparta-se de Braz e vae para entre as duas vélhas, Helena e Brazia, que a acariciam.

BRAZ, aos pastores, folião e alegre

Meus irmãos! Casae-vos depréssa, para que eu tanja e baile no vosso casamento, tanto do coração como bailaes no meu!

1.º PASTOR, olhando Magdalena

Se a Magdalena quizesse...

2.º PASTOR, olhando Catharina

Se quizesse a Catharina...

3.º PASTOR, olhando Luzia

E se a Luzia quizesse...

BRAZ, que arranca o adufe a um dos pastores, baila e canta no meio d'elles

Bailava a pêga
No meu cerrado...

MARCOS, que está cheio d'alegria, não se podendo conter e bailando tambem, apesar de fraco

Olhos morenos,
Bico doirado!

BRISTO, ralhando a Marcos

Aquedae, senhor... Aquedae...! Se entraes a foliar como os escorreitos, dou-vos a um santo, que só milagre vos sára!

MARCOS

Bristo! Olha que é rabujice mandar calar a alegria!

PASTORES e PASTORAS

Eh! Pela bem maridada!

MARIA, impaciente, a Brazia e a Helena

E agora, mãesinhas? E agora...? Estou tão contente!

HELENA

Agora, hão de ír as pastorinhas desfolhar-vos rosas entre os lençóes da vossa cama...

MARIA

Rosas...?

HELENA

É vêso d'esta serra... E lindo vêso! O mesmo me fizeram a mim, quando me casei...

AS PASTORAS, achegando-se a Maria e cobrindo-lhe de flôres os pés calçados em téla de prata

Senhora da formosura!

MARIA

Como eu vos quero a todas!

Braz está entre os pastores, folgando.

HELENA, a Brazia, que tem os olhos marejados d'agoa

Porque choraes...?

BRAZIA, encantada, olhando as pastoras, a serra, tudo

Nunca vi maior lindeza na minha vida!

MAGDALENA, tímida, para Maria, que se levanta

Dizei-nos, senhora...

CATHARINA, tambem com timidez

O que se sente ao casar?

1.º PASTOR, a Braz

E quando a gente se casa... o que sente?

LUZIA, junto de Maria, insistindo

Dizei...

MARIA, ás pastoras, enleada

Um encantamento... Uma doçura tão grande, que ainda a não entendo bem...

BRAZ, aos pastores, que o ouvem

É como se nos estivessem vestindo a alma de flôres...

MARIA

Um amanhecer no coração...

BRAZ

Uma alegria, que até dá vontade de chorar!

MARIA

É cuidar a gente que nasceu outra vez...

BRAZ

Um juramento, que se lê n'um livro de estrellas...

MARIA

Uma bençâo, que sabe ao mél do matto...

CATHARINA, a Maria, com tristeza

Não entendemos bem...

2.° PASTOR, a Braz

Não entendemos nada...

SCENA SEGUNDA

OS MESMOS e TRES VÉLHOS

VOZ do 1.º VELHO, fóra

A desposada! Que é d'ella, a desposada...?

MARCOS

Os vélhos que tu enriqueceste, filho! Ahi veem! Não se esqueceram de ti!

Entram os tres vélhos, que ao fim do 2.º acto apparecem a pedir misericordia: o primeiro traz tres ovelhas enfeitadas; o 2.º uma taleiga de trigo; o 3.º um sayo rico.

1.º VELHO, vindo até junto de Maria

Os meus rebanhos apascôam ao sol... Vosso marido m'os tornou... Eu vos trago, por prenda, as tres ovelhas mais lindas!

MARIA, acariciando as ovelhas

Que lindas são!

CATHARINA

Uma é estrellada...

1.º PASTOR

As outras papalvas...

2.º VELHO

Vosso marido me tornou as minhas terras... Eu vos trago, por prenda, o primeiro trigo que ellas déram...

MARIA

O primeiro trigo...!

3.º VELHO

A minha filha casou honrada... Vosso marido m'a dotou... Eu vos trago este sayo rico, que ella teceu para vós...

MARIA

Um sayo pardo...! *(amostrando-o a Brazia e Helena)* O que elle é de lindo!

BRAZIA, olhando os vélhos

Parecem os tres reis magos...

MARIA, aos vélhos

Graças vos dou a todos!

BRAZ

Pobres vélhos!

1.º VELHO

Somos felizes!

MARCOS, a Braz

Coitados! Sabem agora melhor o que é a felicidade... porque já um dia a perderam!

2.º VELHO, aos pastores

Por esses fraguedos, quanta victoria...!

2.º PASTOR

E agora, trocámos o arcabuz pelo pandeiro...

1.º PASTOR

Levamos os rebanhos por esse matto florído...

3.º PASTOR

Tudo voltou ao que d'antes era...

BRAZ

Que paz! Que enorme paz e que lindeza de sol! O lindo sol de Portugal! Vêde, vós todos, como elle enverdece esses vergéis lá baixo, co-

mo elle doira o cimo dos altos sovereiros, a sombra dôce em que se québra nos silvados, como dá vida ao que se vê e ao que se não vê, áquella encosta florída de carquejeiras e ás torgas assolapadas que dormem debaixo do matto...! Parece um grande coração a dar luz á terra! Meu lindo sol de Portugal! Cada casinha branca, lá ao fundo, no viço da pastagem, olhae... parece uma ave, que tenta as azas para voar... Além fronteiro, o fraguedo; e ao topo, dando a mão ao sol, essa ponta de néve a resplandecer como um casco de prata! Corri mar, corri mundo, andei por toda a terra, por toda a terra abri chagas, por toda a terra me bati, e não houve sol que fizesse luzir tanto a minha espada núa, como este querido sol que me conhece de pequenino! *(tomando com enternecimento a mão de Maria)* Perguntaste-me um dia, meu amor, porque razão, em vez de amar uma alta senhora de nascimento, te havia amado a ti, que nasceste humilde... E nunca t'o soube dizer... Ah! mas sei-o agora...! *(olhando-a nos olhos)* Deixa-me olhar-te bem... Sei-o agora! É que tu fôste a unica mulher em cujos olhos eu vi o sol de Portugal!

BRAZIA, vendo o enternecimento com que Braz estreita Maria

Como elle lhe quer!

MARCOS, do fundo

O estrado para a representação!

3.º PASTOR, para os outros, ajudando a trazer o estrado

Deixae passar!

BRAZ, com alegria

Faz-se hoje algum auto na serra...?

MARCOS

Um dos teus autos de devoção, meu filho! O mais lindo de todos para a minha alma... O de Santa Catharina de Sena!

BRAZ, commovido, abraçando o pae

Pobre pae!

MARCOS

Pastorinhas de monte... Verás com que viço dizem aquellas palavras, que parecem regeitamento das estrellas...! Com a saudade que me deixaste lh'as fui ensinando...

MAGDALENA

Vamos botar as rosas entre os lençóes da desposada...

CATHARINA

A minha regaçada é a mais linda!

LUZIA

Vamos!

MARCOS, ás pastoras

E vestirem-se, tambem! Pôrem as suas tunicas de linho e as suas toucas de prata, que nós vamos ao auto, antes de tudo o mais!

MARIA, áparte, enlevada

Rosas, entre os lençóes da minha cama!

HELENA, a Maria

Vamos, filha... É vêso d'esta terra...

BRISTO, agastado, a Marcos

Nossa Senhora me valha! Se esbracejaes tão rijo, abre a chaga outra vez...

MARCOS

Estás rabujento, Bristo!

BRISTO

É que as vossas dôres dóem-me muito a mim...

MARCOS

Grande coração! Eu agora vou aquedar, sim, não te agastes...

Durante este curto dialogo de Bristo e Marcos, as pastoras, os pastores, Maria, Brazia e Helena vão entrando pela portinha da alpendrada, a botar as flôres no leito.

SCENA TERCEIRA

BRAZ, MARCOS, BRISTO, alguns PASTORES

MARCOS

E a Brazia...? Onde está ella? *(olhando em volta)* Ah! Foi tambem, é verdade... Deixal-a ir... Que linda alma aquella! *(a Bristo)* Agora o que é preciso, Bristo, é uma téla rica de sobre-estrado... *(procurando lembrar-se)* E mais... E mais...

BRAZ

Um escabéllo para a santa se assentar...

MARCOS

É verdade... Com o seu forcarête de panno d'oiro...

BRISTO

O que está no oratorio...?

MARCOS

Sim, vae...

Bristo sáe, a buscar as alfaias.

BRAZ

Depréssa!

MARCOS, assentando-se no estrado

O de Santa Catharina de Sena é o teu mais lindo auto... Para meu gosto... Sabes? Fui eu que compuz a musica da chacota...

(entoando)

Vestidos doirados,
Ai, não nos deis guerra ..

BRAZ, apanhando o motivo e entoando tambem

Sois terra vestindo
Um pouco de terra!

Linda solfa!

MARCOS, muito contente

Gostas? É assim a modo dos tonadilhos que compunha o Diogo de Alvarado... *(lembrando-se, de repente)* Has de agora fazer outro auto sobre um motivo que eu te hei de dar... A vida d'uma linda santa... Queres?

BRAZ

Agora...?

MARCOS

Não digo já... Que outra santa de maior devoção te déram hoje no altar, e mal tens tempo agora para lhe compôr um auto de beijos! Mas ao depois... *(vendo entrar Bristo com as alfaias)* Sim, Bristo... São essas... *(erguendo-se do estrado e proseguindo, para Braz)* Ao depois...

BRAZ

Ao depois? Outra coisa trago no pensamento, senão em feitura...

MARCOS

Outra coisa...?

BRAZ

De maior grandeza, meu pae! Versos que eu, sem querer, com a ponta da espada, ía escrevendo a sangue na terra... A minha mais natu-

ral que culta musa m'os foi dictando, rudes talvez como esta penedía, talvez mal afeiçoados como estes troncos, mas, como elles, quentes d'este sol e nascidos na terra portugueza! Mesquinho oleiro, vou dando ao barro do pensamento a fórma mais simples, para que os simples o entendam... Fossem tambem assim os mais poetas de Portugal! Sem artificios, sem vaidades, sem demasias de riqueza, que não tocam a alma, escrevo a minha epopêa tão simplesmente como por essa Beira me bati... Não sou como aquelles soberbos de si proprios, que offerecem o coração em escudélla d'oiro aos outros... Arranco o do peito e dou-o, como o arranquei!

MARCOS

Uma epopêa, meu filho...? Depois d'aquella outra...

BRAZ

A *Luziada*...? Essa foi a obra de um Deus, a minha é a obra de um homem!

MARCOS

E como se chama?

BRAZ

Viriato Tragico...

MARCOS

É então a vida de Viriato... ?

BRAZ

De Viriato, sim... Do grande boieiro, rei de pastores... Mas toda a minha vida procurei tanto imital-o na virtude e na grandeza, que receio...

MARCOS

Que receias... ?

BRAZ

Confundir-me com elle, pela epopêa adiante... Querer falar d'elle e falar de mim...

BRISTO, que tem concertado a téla sobre o estrado, posto o escabéllo e sobre elle o bancal rico

Parece um cantinho de egreja, vêde... O escabéllo, com o seu bancal rico...

SCENA QUARTA

OS MESMOS, BRAZIA, HELENA, MARIA, os PASTORES

MARIA, entrando, encantada

Tudo cheio de rosas...

HELENA

Tudo! Por dentro os lençóes, por fóra a arquelha de seda...

1.º PASTOR

Parece um oratorio...

2.º PASTOR

Uma linda capélla!

BRAZIA, cheia de contentamento

Lá em baixo, na outra terra d'onde eu venho, na terra onde ha os males, as mentiras, as afflicções, não fazem isto de botar flôres...

MARCOS

Faltam as cómicasinhas...!

2.º PASTOR, olhando o taboado

Olha... É para o auto de devoção!

HELENA

Estão pondo as suas crespínas de fio de prata...

MARCOS

Eu vou por ellas... Que não falte nada... *(chamando)* Bristo!

Marcos arrima-se a Bristo e sahem ambos.

SCENA QUINTA

OS MESMOS, menos MARCOS e BRISTO

3.º PASTOR

É o auto, agora!

BRAZIA

O auto...?

HELENA

Uma coisa a modo de representação, com palavras muito devotas a Nossa Senhora...

BRAZIA

Ah! É coisa santa...? Lá, no páteo das Arcas, tambem se faziam umas comédias em castelhano, mas todas muito cheias de maldade... Algumas ouvi eu... *(olhando o estrado armado)* Olha... Agora vejo... É ali o taboado... *(com curiosidade)* E as cómicas...? D'onde veem ellas?

HELENA

São pastorinhas de cabras...

BRAZIA, muito admirada

Ah!

MARIA

Eu já sei tudo como é... Fazem de anjos... Veem toucadas de prata e com seus côtos d'aza muito brancos... *(subindo ao estrado e assentando-se sobre o escabéllo)* Aqui, onde eu estou, ha de assentar-se a santa... *(para Braz)* Não é verdade, senhor poeta? Muito séria, no seu habito de dominíca... Ao depois veem os anjos e trazem-lhe, do mandado da Virgem, uma corôa d'oiro como a das rainhas da terra, outra de espinhos como a de Nosso Senhor... E vae ella, que é muito humilde, escólhe para si a de espinhos... *(Braz, por detraz de Maria, prepara uma venda, atando rosas umas ás*

outras) Coitadinha... Já morreu ha muito tempo... Agora lhe chamam santa, por que foi de muita humildade e não teve olhos para as riquezas do mundo... É cégo de todo, o amor do céu... *(Braz venda-lhe os olhos com as rosas)* Ah! Uma venda de rosas...

BRAZ, rindo

É que tambem é cego de todo, o amor da terra...

SCENA SEXTA

OS MESMOS, MARCOS, BRISTO, os PASTORES

MARCOS, entrando, com Bristo

Ahi veem as pastorinhas para o auto! Apartae-vos! Deixae passar!

VOZES

Ahi veem!

MARIA, a Braz

Senhor meu marido, ajudae-me a descer...

Braz toma-lhe a mão, para a ajudar a descer do estrado, e beija-lhe os dedos com galanteria. As pastoras veem entrando, vestidas de tunicas de linho e com uma especie de crespinas de fio de prata na cabeça, figurando de anjos.

A 1.ª pastora traz nas mãos um coxim rico onde veem duas corôas de differente feição: uma de espinhos, outra de oiro e pedraría. Adiante das pastoras, que fazem de anjos, vem a 2.ª pastora, que representa de Santa Catharina de Sena: sóbe ao estrado, vestida com o seu habito de dominíca, e assenta-se no escabéllo. Os anjos fazem semicirculo, na frente do qual fica a 1.ª pastora.

VOZES

Ah! — Que formosura! — Olhae...

HELENA

Aquella é a santinha...

BRAZIA, olhando-as

Até faz devoção!

1.º PASTOR, encantado, quasi a ajoelhar

Que lindas de vêr!

MARCOS

Agora, muito socego, para se ouvir tudo o que ellas dizem... Muito socego...

Todos se assentam, uns em escabéllos, outros no chão, outros no tronco desarreigado. Braz fica entre os assentos de Brazia e Maria. Helena, á ilharga de Brazia. O vélho Marcos está com Bristo á direita baixa, junto do estrado, percebendo-se que vae para ali pontar ás pastoras. A um aceno do vélho, começa o auto.

MAGDALENA, declamando, com a maior e mais primitiva simplicidade, para a santa, que traz um halo d'oiro em volta da cabeça

A raínha das raínhas,
Senhora da claridade,
Entre as ovelhas maninhas
De pureza e de humildade,
Viu a humildade que tinhas...
Viu os teus olhos cançados
E na tua alma o seu nome;
Burel em vez de brocados...
E chamou-me, e amostrou-me
Os teus joelhos chagados...
E sem que podesses vel-a
Ella te viu das alturas
E me disse: ide por ella,
Eu cuido que é uma estrella
Perdida entre as creaturas!
E logo me deu a mim,
A bemdita entre as mulheres,
O que vês n'este coxim:
A corôa que escolheres,
Será tua até ao fim.
Uma é de espinhos, colhida
Pela urze dos caminhos;
Outra preciosa é mentida
Como as riquezas da vida...

CATHARINA, tirando a corôa de espinhos de sobre a almofada rica do anjo, que ajoelha

Eu antes quero a de espinhos!

SCENA SETIMA

OS MESMOS e D. SANCHO MANOEL

SANCHO, que a certa altura do auto apparece ao fundo, sereno e pallido, com a habitual expressão dos olhos mudada, o mantão rico sobre o hombro esquerdo e o lado direito do gibão de seda aleonada todo sujo de sangue

Quem a tivéra escolhido tambem!

BRAZ, erguendo-se, cheio de pasmo, ao dar com os olhos em D. Sancho Manoel

Ah!

MARIA

Meu Deus!

BRAZ, como quem duvida, passando a mão pelos olhos

Não... Não é engano dos meus olhos... *(arrancando da espada e arremettendo, fóra de si)* Pela Virgem!

HELENA, transida, rojando-se-lhe aos pés, com alguns pastores e pastoras, a sustel-o

Filho! Filho!

BRAZ, cégo de furor

Acabar com esta perseguição do inferno! Acabar!

MARCOS, sustendo Braz

Sangue n'este dia...! Filho!

HELENA

Era tentar a Deus! Não! Não!

OS PASTORES

Senhor! Piedade!

BRAZ

Deixae-me! O rancor é tanto, que me dá frio nos ossos! Infernar-me a vida inteira, tolher-me a felicidade e a luz do dia, infamar-me o nome...! Qual ha de ser a paga, senão sangue...! Sangue!

OS PASTORES

Piedade!

HELENA

N'este dia, não! É tentar a Deus, meu filho!

BRAZIA

O Senhor vos alumie!

MARCOS

Não! Não!

BRAZ

Chega a ser covardia, vir só! Por que não trazeis a vossa gente, os rascões sarnosos que vos andam achegados ao seio, porque os não trazeis a todos? Isso sim, que era de vêr! Elles, n'um campo, e no outro... eu sósinho! Então é que a lucta era luzída e egual! O sangue derramado havia de cegar o sol! E sobre as magoas d'esse sangue maldito, a minha felicidade riria ás gargalhadas! *(casquina um riso amarello, e depois, n'uma transição de amargo despreso)* Mas vir só! Quasi um assassinio... *(atirando a espada fóra)* Covarde! Covarde!

MARCOS

Bemdito seja Deus, na sua infinita misericordia!

Maria ficou hirta, grave e muito pallida. Não tolheu o passo a Braz, mas não teve tambem uma palavra de incitamento. Afflicção geral. Marcos vae para junto de Maria. Brazia e Helena susteem e ampáram Braz, que está offegante. As pastoras résam: ouvem-se palavras da Avé-Maria.

SANCHO, que tudo tem ouvido, serenamente, n'uma attitude de simplicidade e de nobreza

Deixae que se aclare a luz da vossa vista turbada, olhae me então serenamente, e vereis que

18

da antiga soberba, da antiga roindade, apenas ficou esta apagada sombra, que sou eu. Os olhados de rancor que vejo sobre mim, já me não dóem tanto, por que mais pésam sobre o que fui do que sobre o que sou. Reneguei da minha vida inteira e começo agora a viver. Aquell'outra creatura vestida d'oiro e comida de vaidades, aquelle cégo de coração para quem a virtude não valia uma sêde d'agoa, morreu. Venho pedir-vos o esquecimento d'elle. Sois poeta, deveis de entender os que soffrem... E eu soffro... Soffro profundamente...! *(a um gesto ainda duvidoso de Braz)* Ah! descançae... Não venho tolher, como n'outro tempo, a vossa paz e o vosso amor... Não... Descançae! Deus sabe com que uncção lhe pedi a felicidade para vós, eu, que já não a posso pedir para mim... Nunca mais! Que sempre vos amanheça no coração esse amor, que tão santo parece... Eu quero apenas o esquecimento... *(com grande dôr)* O esquecimento! Deixar na vossa alma, em vez da imagem miseravel do que fui, a imagem triste do que sou... É tudo quanto quero... Talvez nunca mais nos vejamos...

BRAZ, commovido

E póde um homem mudar tanto...!

SANCHO

Póde. Poder, póde... Mal cuidava eu, quando me fiz de jornada, já afeito á penitencia, que havia de receber, n'estes ásperos caminhos, o maior ensinamento que me foi dado na terra!

BRISTO, olhando D. Sancho Manoel

Traz a ilharga do gibão empapoçada de sangue...

SANCHO

E tão grande foi, que por elle vi a mesquinhez dos destinos humanos, por elle entendi que vivêra erradamente, que este revestimento de riquezas e de mentiras era miseravel como eu proprio, que para ser grande é preciso ser humilde... E tremi, tremi de mim mesmo! Quiz voltar para traz... Antes tivesse voltado! *(reparando na commoção de Braz)* Mas estou vendo nos vossos olhos, Braz Garcia, o entendimento da minha dôr... *(com hesitação)* Abraçae-me!

BRAZ

E quem vos deu essa profunda lição, que, ao que parece, os homens vos não souberam dar?

SANCHO

Duas aguias... Duas aguias! Depois de ter dormido, toda a noite, na aspereza do matto excommungado, nascido que foi o sol, vim subindo, n'esta direitura, um córrego florido entre fraguedos... Tinha-me dito um cabreiro que ella casava hoje... E eu, o que é a fraqueza humana! quiz vêl-a ainda uma vez... Uma vez só... E vim subindo... De repente, dois gritos agudos estrugiram os ares... Olhei ao alto, e sobre a minha cabeça vi duas enormes aguias ribeirinhas, batidas do sol, medindo o espaço com a cruz das grandes azas e aquedando por fim, fronteiras uma á outra... Nada enxergára ainda de semelhante, senão um combate de falcões e de corvos. Parei sobre um fraguedo, de cujas fendas brotava a giésta branca, e ergui os olhos... As duas aguias, immoveis ainda, pareciam fitarse, medir-se d'alto a baixo, desde o bico revolto aos sancos poderosos... Deviam de ser duas femeas, pelo muito que avultavam no ar. Fronteiras como estavam, cuidei que voando á tira se fossem despedaçar uma de encontro á outra... Mas não! Bateram as largas envergaduras, altearam o vôo, e sempre fronteiras, foram subindo... su-

bindo... Mas a certa altura, uma d'ellas, por mais possante, poude colher-se sobranceira, cahiu sobre a inimiga, aferrou n'ella, botou-lhe ao collo as fortes cingideiras, e desceram ambas até meia altura entre as nuvens e a terra... A aguia vencida vasquejava debaixo da vencedora... Por um instante se libertou ainda, sangoenta dos sancos que a estrafegavam, quiz altear o vôo, mas de novo a outra abateu sobre ella, sacudiu-a tres vezes nos ares, volteou e trasvolteou, cheia de sol e de realeza, ergueu-se altaneira e enorme, bateu a cruz das azas, subiu, e já ao alto, largou a vencida das garras e despenhou-a no espaço... A aguia morta cahiu como cáe uma pédra, veio despedaçar-se no fraguedo, junto dos meus pés, e o sangue, espirrando vivo, manchou-me toda a ilharga do gibão... *(com dôr profunda)* Foi então que eu vi, oh! como eu vi claramente! que a minha vaidade, a minha riqueza, as minhas ambições, que roçavam, como a aguia, as azas pelas estrellas, estavam condemnadas como ella a vir apodrecer na terra! Todo o nada humano appareceu aos meus olhos espantados, e a farça do meu orgulho deu-me vontade de chorar! É preciso ser humilde para ser grande, ser bom para ser feliz, ser simples para ser puro... Foi

esta a lição que os homens me não souberam dar... *(abrindo os braços, para Braz)* Abraçae-me, Braz Garcia, abraçae-me!

BRAZ, com pena de o não abraçar, mas contendo-se

Talvez... Talvez mais tarde...

SANCHO, tirando de dentro do gibão um collar d'oiro e dando-o a Braz Garcia

Este collar tem uma reliquia santa... Foi de minha mãe... Dae-lh'o a ella... *(Braz, que tem acceitado o collar, deixa-o cahir no chão)*

HELENA, apanhando-o da terra e beijando-o com devoção

Filho! É uma reliquia...!

MARIA, a quem Helena vae para pôr o collar

Não!

BRAZ, vencendo a commoção que o tomou

As armas do Alemtejo estão á mingoa de um bom general. Ide! Mudae em burel rude as sedas que trazeis, despi-vos de orgulhos e de ambições, commungae com os humildes, dae-lhes o oiro que vos sobeja, batei-vos como eu me bati, que sois valente, e pagae em bem, feito aos outros, o mal que me foi feito. É preciso ser grande!

SANCHO

Ser grande! E porque rude caminho de penitencia se póde alcançar essa virtude e essa grandeza? Que inimigo é preciso combater e vencer?

BRAZ

O peor. Nós mesmos. Primeiro, a roindade propria; depois, a alheia. Saber viver, saber soffrer, saber ser justo. Calar, podendo. Ouvir, calando. Para os nescios, vara de prata; para os vis, ponta de espada. Meza pobre, somno pouco, enxêrga dura. Ter uma só palavra, mostrar um só rosto, amar uma só mulher. Entre um leproso e um lisongeiro, escolher o leproso. Entre um lettrado e um parvo, escolher o parvo. Falar sem vaidade, vestir sem riqueza, viver sem ambição. Amigos, poucos; oiro, nenhum; riso, o menos. Desconfiar do honrado que diz tres vezes que é honrado, do valente que diz uma só vez que é valente. Palavra certa, perdão prompto, cara descoberta. Entre gibão de sêda, que é frouxo, e gibão de ilhoz, que é duro, escolher o que é duro: curva-se a gente menos. Entre a mão d'um lazaro e a mão d'um rei, beijar a do lazaro: sóbe a gente mais! Ser mendigo com os mendigos, fidalgo com

os fidalgos, bôbo com os bôbos. Crêr na virtude e defendel-a; vêr a humildade, e ser mais humilde; vêr a mentira, e abrir caminho com a espada até achar a verdade! Por tão duro caminho se chega a viver com honra, e, o que é mais difficil ainda, a morrer com honra! Ide, e dizei a toda a gente que estes fôram os conselhos que um homem vos soube dar!

SANCHO, dolorosamente

Obrigado. Eu partirei. Ficae no regaço da ventura que tanto mereceis. Mesmo que por impossivel viesse mais tarde a merecel-a egual, não a poderia ter. *(Baixo, a Braz, com angustia)* Amae-a, amae-a muito, enchei-lhe a vida de flôres, dae lhe muitas madrugadas em cada dia... Assim deve de ser... Eu vou... Se poderdes falar-lhe de mim, pedí-lhe, pelo amor de Deus, que me não me odeie tanto... Eu vou, mas deixo aqui a minha alma. *(Com lagrimas na voz)* Não posso mais... Adeus!

BRAZ, commovidissimo

Saudades aos campos de batalha... onde eu nunca mais voltarei!

Braz e D. Sancho Manoel cahem nos braços um do outro e ficam, durante alguns segundos, n'esse abraço.

SANCHO

Adeus...

BRAZ, baixo, a D. Sancho Manoel

Coragem... Adeus!

D. Sancho Manoel, depois d'um longo olhar para Maria, onde vae toda a sua alma, sáe, a soluçar.

SCENA OITAVA

OS MESMOS, menos D. SANCHO MANOEL

HELENA, commovida

Vae chorando...

BRISTO

Como está mudado!

MAGDALENA, com espanto

Este homem... é que era máu...?

MARCOS, espantado, vindo até Braz, que segue D. Sancho Manoel com o olhar

Então tu... abraçaste-o, meu filho?

BRAZ

É um homem que soffre... *(com a voz embaraçada, chegando até junto de Maria e falando-lhe quasi em segredo)* Perdoa-lhe, Maria... *(tomando das mãos da mãe a cadeia d'oiro com a reliquia e pondo-a ao pescoço de Maria)* Tambem eu lhe perdoei.

CATHARINA, entre os pastores, que correram ao fundo para o vêr sahir

Como vae triste...

2.º PASTOR

Parece que vae chorando...

MAGDALENA

Faz tristeza vel-o...

BRISTO

Tambem d'este se podia fazer um auto, que trouxe corôa doirada e agora leva a de espinhos...

BRAZ, fazendo um grande esforço sobre si e gritando para os pastores e pastoras

Eh, lá! Que tristeza é essa? O dia é de contentamentos e de folias, que o mais lindo sol d'este mundo é o que nos vê casar! Tomae os vossos pandeiros e os vossos adufes, tangei, bailae, arrebentae-os! *(Abraçando Bristo e Brazia)* Brazia! Quero vêr-te contente! E tu, Bristo, meu amigo, meu tonto! *(de novo, aos pastores)* O auto não acabou! Falta a chacota ainda! Dançae-a todos! Foliae todos!

1.º PASTOR

Vamos! Á chacota!

TODOS

Á chacota!

Agarram nos adufes e dispõem-se, tres por tres, como de terreiro. Maria está entre Marcos e Helena, que a amimam; Braz abraça d'um lado Brazia, d'outro Bristo, enternecidamente.

MARIA

Parece que deixei a terra e vim viver para o céu...

BRAZ

E para que fosse completa a minha missão lá baixo, na terra da mentira, encontrei dois pecca-

dores... *(abraça Bristo e Brazia)* e fiz d'elles, dois santos!

PASTORES e PASTORAS, tangendo, cantando e bailando a chacota

Pobre era a Senhora,
Deus fel-a rainha...
A grande riqueza
É ser pobresinha!

E com esta chacota se despedem, como nos autos de Gil Vicente.

Cáe o panno.

FINIS LAUS DEO